

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE ARQUITETURA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO**  
**URBANO E REGIONAL**

**A REDUÇÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO:**  
**Contribuição ao Estudo da**  
**Tipologia Urbana Missionária**

**LUIZ ANTÔNIO BOLCATO CUSTÓDIO**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e  
Regional

**Orientador: Dra. Sandra Jatahy Pesavento**

**PORTO ALEGRE, 2002**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que colaboraram para o desenvolvimento desta dissertação de mestrado: à orientadora, Dra. Sandra Jatahy Pesavento, aos professores e funcionários do PROPUR e aos colegas da Ritter e do IPHAN.

À minha família, Teresa, pelo apoio e participação, Bianca e Miguel, pela produção das ilustrações. À amiga Marlene Teixeira, pela revisão de linguagem.

E aos *missioneiros*, que incentivaram, ensinaram e com os quais trocamos muitas idéias ao longo dessa trajetória.

A eles, dedico este trabalho.

## SUMÁRIO

	página
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	07
APRESENTAÇÃO.....	09
RESUMO.....	11
ABSTRACT.....	12
PRÓLOGO.....	13
1 – INTRODUÇÃO.....	14
1.1 – As Missões.....	15
1.2 – A escolha do tema.....	15
1.3 – Construindo hipóteses.....	19
2 – REVISÃO DA LITERATURA.....	25
2.1 – Considerações gerais.....	25
2.2 – Considerações específicas.....	26
2.3 – Análise.....	27
3 – A REDUÇÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO E O SISTEMA REDUCIONAL MISSIONEIRO: ASPECTOS HISTÓRICOS.....	36
3.1 – Contexto colonial.....	36
3.2 – O sistema reducional espanhol: origens.....	43
3.3 – Sistema reducional espanhol: a experiência jesuítica.....	46
3.4 – O povo de São Miguel Arcanjo: trajetória histórica .....	53

4 – O SISTEMA REDUCIONAL MISSIONEIRO: ASPECTOS TIPOLÓGICOS DA ARQUITETURA E DOS ORDENAMENTOS URBANOS.....	63
4.1 – Referências conceituais.....	63
4.2 – Política urbanizadora espanhola .....	67
4.3 – O sistema reducional missioneiro.....	74
4.3.1 – Território e ambiente.....	74
4.3.2 – Espaço e cultura Guarani.....	75
4.3.3 – Organização espacial no sistema reducional: diretrizes e projetos.....	77
4.3.4 – Estruturação da rede urbana, regime de propriedade e funções urbanas.....	84
4.3.5 – A área rural.....	89
4.3.6 – Evolução arquitetônica.....	91
4.3.7 – Materiais.....	94
4.3.8 – Evolução urbana.....	95
4.3.9 – A tipologia urbana missioneira.....	98
4.3.10 – Demografia e crescimento urbano.....	94
4.3.11 – Origens da tipologia urbana missioneira.....	103
4.3.12 – Os arquitetos.....	107

5 – A REDUÇÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO: ASPECTOS TIPOLÓGICOS DOS ORDENAMENTOS URBANOS E DA ARQUITETURA.....	109
5.1 – O sítio.....	112
5.2 – O programa.....	113
5.2.1 – As ruas.....	114
5.2.2 – A praça.....	116
5.2.3 – Os quarteirões.....	117
5.2.4 – Os componentes do <i>primeiro conjunto</i> .....	118
5.2.4.1 – A igreja.....	118
5.2.4.2 – O claustro e a casa paroquial.....	122
5.2.4.3 – As oficinas e depósitos.....	124
5.2.4.4 – A quinta dos padres.....	125
5.2.4.5 – O cemitério.....	125
5.2.4.6 – O cotiguáçu.....	127
5.2.4.7 – O tambo.....	127
5.2.5 – Os componentes do <i>segundo conjunto</i> .....	128
5.2.5.1 – O Cabildo indígena.....	128
5.2.5.2 – As casas dos índios.....	130
5.2.5.3 – Outras estruturas.....	132

6 – A REDUÇÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO: SIGNIFICADOS DOS ORDENAMENTOS URBANOS E DA ARQUITETURA.....	133
6.1 – O barroco.....	136
6.2 – A igreja de <i>Gesú</i> .....	139
6.3 – A igreja de São Miguel.....	140
6.4 – Simbologias, alegorias e representações.....	144
7 – EPÍLOGO.....	154
ANEXO A.....	163
ANEXO B.....	182
8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	193

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Página
Fig. 01 – Localização das Províncias e territórios missioneiros na América.....	164
Fig. 02 – Província Jesuítica do Paraguai.....	164
Fig. 03 – Redução de Juli, Peru.....	165
Fig. 04 – Esquema estrutural de igreja missionária.....	165
Fig. 05 – Foto remanescentes da igreja de São Miguel Arcanjo.....	166
Fig. 06 – Foto remanescentes da igreja de São Miguel Arcanjo.....	166
Fig. 07 – Foto remanescentes da igreja de Trinidad, Paraguai.....	167
Fig. 08 – Foto remanescentes da igreja de Jesus, Paraguai.....	167
Fig. 09 – Pueblo de índios, Argentina.....	168
Fig. 10 – Esquema de povoado missionário no Oriente Boliviano...	168
Fig. 11 – Plano geral de Santo Inácio Mini, Argentina.....	169
Fig. 12 – Esquema estrutura urbana, redução de São Miguel.....	170
Fig. 13 – Esquema composição urbana, redução de São Miguel....	170
Fig. 14 – Redução de Candelária, Argentina.....	171
Fig. 15 – Iconografia redução de São João Batista, Simancas.....	172
Fig. 16 – Iconografia redução de São João Batista, Paris.....	172

Fig. 17 – Esquema de povoado missionário.....	173
Fig. 18 – Plantas: São Borja, São Nicolau, São Luiz.....	174
Fig. 19 – Plantas: São Lourenço, São João e Santo Ângelo.....	175
Fig. 20 – Esquema crescimento, redução de São Miguel.....	176
Fig. 21 – Esquema axialidade - redução de São Miguel.....	176
Fig. 22 – Projeto da Igreja de Gesù, Roma, de Vignola.....	177
Fig. 23 – Reconstituição do projeto de Primoli, igreja São Miguel...	177
Fig. 24 – Reconstituição informatizada redução de São Miguel.....	178
Fig. 25 – Reconstituição informatizada da igreja de São Miguel.....	179
Fig. 26 – Risco de São Miguel.....	180
Fig. 27 – Vista y Elevación de la Iglesia de San Miguel.....	181
Fig. 28 – A Vista da Igreja de São Miguel em Ruínas.....	181

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho de dissertação de mestrado aborda um dos temas mais caros ao povo gaúcho: o das Missões. Mesmo conhecido superficialmente, o tema desperta paixão, controvérsia e, no mínimo, curiosidade. Nos conecta com uma história – *a mais antiga da região* – com feitos epopéicos, com lutas por direitos, por liberdade. Nos conecta com heróis. Anônimos e míticos. Quase santificados. Heróis que representam uma imagem do gaúcho *indômito*. O do *Continente*.

É, no entanto, um trabalho sobre arquitetura. Refere-se ao resultado de uma ação coletiva, a um processo de longa duração, que construiu, a partir de um projeto próprio, espaços excepcionais. Espaços monumentais. Espaços de representação. Refere-se também às artes, à antropologia e à arqueologia. Refere-se a descobertas, a situações encobertas e a vestígios, peças-chave para recompor um *quebra-cabeça*.

Trata de buscar entender a origem, o modo de ser, a lógica do espaço e a razão de práticas sociais específicas, e em um cenário privilegiado, onde foram edificadas obras magníficas. Obras que ultrapassaram em importância a ocorrência local e o contexto regional. No passado e contemporaneamente. Obras que colocaram São Miguel num outro patamar.

Trata da arquitetura de um desconhecido *Primoli*, que conecta a nossa São Miguel a um mestre como *Vignola*. E a outro mestre como *Lucio Costa*. Com séculos de intervalo. Uma arquitetura executada

por dezenas de *canteiros* locais, artistas anônimos que deixaram as habilidosas marcas de suas mãos em pedra, em arenito. Trata de um projeto de urbanismo peculiar. De classificações, de enquadramentos, de teorias, de tipologias. Das *tipologias missioneiras*, estas também ainda desconhecidas.

Busca pontos de referência para interpretar significados, alegorias e representações peculiares. Busca entender um pouco o *barroco missioneiro*. Nem tão tosco e nem tão requebrado. Feito na intenção de uma ortogonalidade, que nem sempre corresponde aos 90 graus (Quem sabe, na igreja?). Mas que se expressa profundamente e transmite uma intenção muito clara de regularidade e de ordem. De um *projeto* e de muita vontade de envolver. De catequizar. De seduzir. De *reduzir*.

Este trabalho, também busca reverenciar e compartilhar, usando como referência o espírito de reciprocidade guarani e o *noster modus procedenti* do jesuíta. Revisa, registra, avalia e evidencia o que conseguimos apreender em mais de duas décadas de intenso envolvimento com a *história* das missões, como um *monotema*, em seus diferentes confins. E procura denominar. Os missionários e os que fazem e fizeram a *Companhia*.

## RESUMO

A ação missionária empreendida na América pela Companhia de Jesus a partir do século XVI, congregando diferentes povos nativos, teve reconhecidamente alguns pontos altos. Dentre estes, destacou-se a *Província Jesuítica do Paraguai*, onde, com os índios Guarani, desenvolveu-se uma experiência diferenciada do ponto de vista sócio-econômico-cultural que vem despertando, ao longo do tempo, um grande número de discussões e de polêmicas a seu respeito.

No campo da arquitetura e dos ordenamentos urbanos, consolidou-se um autêntico padrão de assentamento humano, que pode ser designado como *tipologia urbana missioneira*. Reproduzindo-se em todo um grande território, essa tipologia formou uma rede organizada de povoados que funcionavam como um sistema peculiar e reconhecível, tomando por base em sua configuração o espírito do movimento barroco.

Nesse espaço de exceção destacou-se a redução de São Miguel Arcanjo, cujos remanescentes receberam da UNESCO o título de *Patrimônio Cultural da Humanidade*.

Escolhemos a redução de São Miguel para este estudo de caso, tomando-a como um *arquétipo* na busca de respostas que possam auxiliar a elucidar as origens, as influências e as características desse *sistema*, sob a ótica do arquiteto, no que se refere à *forma*, à *função* e ao *significado* dos componentes espaciais ali produzidos e das decorrentes práticas sociais desenvolvidas.

## ABSTRACT

The missionary action that the Company of Jesus started in América in the XVIth Century, bringing together different native groups, is well recognized as successful. One of its highest points was reached in the *Província Jesuítica do Paraguai* where, together with Guarani Indians, was carried out a peculiar experience from a socio-economic-cultural point of view, which has raised discussion and polemics along the centuries.

Concerning Architecture and Urban Ordination it is considered as an authentic standard, a particular kind of human settlement known as *tipologia urbana missioneira*, which was reproduced in the entire territory, creating an organized network of villages that can be recognized as a true system based on baroque principles.

In this *exception space* stood out the reduction of São Miguel Arcanjo, which remains were declared World Heritage by UNESCO. In this case study this reduction has been chosen as an archetype in the search for answers that might help unveil the origin, the influences and characteristics of this system, seen by the eyes of an architect, and in relation to the *form, function* and *meaning* of the space elements produced, as well as the social practices adopted there.

## PRÓLOGO

Estava na capela do Castelo de Simancas quando o diretor do arquivo, constrangido, apontou para um baixo relevo, na parede, ao alto, e disse: *Este não é original. Foi construído no século XX.*

Ao ver a espécie de brasão, me veio à cabeça uma imagem conhecida e perguntei:

*Temos em São Miguel uma peça em pedra, hoje no Museu das Missões, com uma águia bicéfala, que há anos me instiga...*

- Carlos V, respondeu. Habsburgo, complementou.

- De quando?

- Século XVI. Reinou de 1516 a 1556.

- Mas como pode? Aquela peça é muito posterior. Temos uma outra, na torre da igreja, datada de 1734...

- Lei das Índias! Exclamou...



## 1 – INTRODUÇÃO

### 1.1 – As Missões

Depois da conquista das antigas culturas pré-hispânicas que integravam as civilizações do mundo antigo, uma outra experiência incomum, resguardadas as referidas dimensões, envolvendo povos nativos e europeus, constituiu-se em um momento diferenciado no processo de colonização da América: a experiência do *sistema reducional* das missões jesuíticas. Localizada no interior do continente, no meio das duas principais frentes de penetração das Coroas que disputavam estrategicamente o território americano, foi promovida pelos missionários da Companhia de Jesus, em nome da Coroa Espanhola, e envolveu, na região do Paraguai, as nações de índios Guarani e, mais acima nas terras baixas e nas selvas úmidas da Bolívia, as de Chiquitos e Moxos<sup>1</sup>.

Desde o início em 1607, até 1768, quando os jesuítas foram dali expulsos, desenvolveu-se essa experiência inovadora, que foi, aos poucos, sendo consolidada, gerando suas próprias regras. Regras de convivência entre culturas, regras de relação e de sobrevivência dentro do regime colonial e regras de defesa frente aos constantes ataques externos das incursões em busca de índios para escravizar, as *malocas* dos bandeirantes.

---

<sup>1</sup> Em duas regiões da Bolívia, os padres da Província Jesuítica do Paraguai, a partir de Santa Cruz de la Sierra, criaram a partir de 1682, 24 reduções com os Moxos e, desde 1691, 10 reduções com os Chiquitos. Conforme MENACHO, Antônio. *Por tierras de Chiquitos*. San Javier, Bolívia. Compañía de Jesus, 1991. Ver também KÜHNE, Eckart. *Las misiones Jesuiticas de Bolivia Martín Schmid 1694-1772*. Pro Helvetia, Zürich, Santa Cruz de la Sierra, Bolivia, 1996.

Essas regras também se manifestaram no campo do *urbanismo* e da *arquitetura* onde tal experiência se constituiu em um espaço de exceção. A evolução das formas de ocupação do território, da composição da arquitetura e da dinâmica social estruturou características peculiares que foram repetidas como *marcos simbólicos* ao longo de todo um território, constituindo um *sistema reconhecível* e com *referenciais próprios*.

Esses referenciais foram configurados como *respostas* peculiares a uma estrutura urbana proposta pelas *ordenações espanholas*<sup>2</sup> para aplicação no período colonial. Respostas que sintetizaram, ao longo de algumas gerações, as diferentes *matrizes culturais* representadas pelo conhecimento do *ambiente* e da *tecnologia* dominados pelos atores envolvidos, os colonizadores europeus e os povos nativos americanos.

## 1. 2 – A escolha do tema

Neste trabalho, buscamos estudar e refletir sobre aspectos específicos do campo da *arquitetura*, com ênfase nos *ordenamentos urbanos*<sup>3</sup> da redução de São Miguel Arcanjo buscando identificar suas relações com as demais reduções da Província Jesuítica do Paraguai referentes à *origem*, à *constituição física* e às *lógicas* de sua *estrutura espacial*, assim como ao próprio *processo histórico* e aos atores envolvidos.

---

<sup>2</sup> Refere-se às ordenações promulgadas por Carlos V e as consolidadas em 1573, por Felipe II, conhecidas genericamente como Leis das Índias. *Finalmente en Julio de 1573, Ovando y su consejo de Madrid promulgaron reglamentos nuevos e importantes, que establecieron normas y reglas para toda futura colonización en el Nuevo Mundo*. PARKER, Geoffrey. *Felipe II*. Madrid: Alianza, 1984. p. 144.

<sup>3</sup> O conceito utilizado para a análise dos aspectos urbanos foi proposto por Françoise Choay, que os define como *ordenamentos urbanos*. Ver capítulo 4 - CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. Coleção Estudos. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1980. p. 16.

Tal abordagem foi inicialmente proposta na década de 40 pelos arquitetos Lucio Costa e Lucas Mayerhofer<sup>4</sup>.

Ainda hoje, apesar do aporte de outros importantes subsídios, verificamos que ainda persistem dúvidas ou confusões acerca de pontos de fundamental importância para o entendimento dessa área *especializada* e que é possível, a partir de novas leituras ou interpretações, contribuir para seu processo de elucidação.

Dentre as dúvidas ou questões mencionadas, citamos algumas que, por serem *recorrentes*, podem ser consideradas como de caráter principal:

- a relação entre a *organização espacial* da redução de São Miguel Arcanjo e as diretrizes de urbanização espanholas consolidadas nas conhecidas *Leis das Índias*<sup>5</sup>;
- a relação dessa redução com a *tipologia urbana missioneira*;
- a maneira como esta discussão se insere na *história* e na *teoria* do urbanismo e da arquitetura.

Ou ainda:

- as contribuições específicas dos padres da Companhia de Jesus e dos índios Guarani na configuração física – *forma* e

<sup>4</sup> Lucio Costa foi encarregado pelo recém criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1937, de visitar os sítios missionários no Rio Grande do Sul e definir diretrizes para sua preservação. Lucas Mayerhofer foi o arquiteto designado a executar as primeiras obras de estabilização desenvolvidas pelo Patrimônio Nacional em São Miguel. Ambos deixaram registros escritos sobre sua experiência.

<sup>5</sup> Conjunto de Ordenações Reais conhecidas como *Leis das Índias*. Eram instrumentos legais destinados a regulamentar os futuros descobrimentos e as conquistas ultramarinas e que incluíam também aspectos referentes aos direitos dos indígenas. *Las Ordenanzas de 1573, que Ovando consideraba como el preludio de una nueva codificación de todas las existentes sobre las Índias, representaban el triunfo de una nueva visión del destino de España en el Nuevo Mundo.* PARKER, Geoffrey. Op. cit., p.144.

*função – e ainda, na apropriação espacial – práticas sociais e significados – nessas reduções.*

Ao buscar localizar a presença do tema das missões na bibliografia ocidental, verificamos que, mesmo na Espanha, considerado o país *promotor* desse processo, as referências publicadas existentes sobre essa matéria, no campo especializado de sua *organização espacial* e de sua *arquitetura*, são relativamente poucas. As referências sobre as missões nessas áreas, excetuando-se a obra de poucos autores, *via de regra*, são apresentadas por meio de *descrições sumárias* ou por referências *genéricas*, sem definir *tempo* ou *lugar*, gerando, na maioria das vezes, interpretações imprecisas, incorretas ou até mesmo exageradas.

Da mesma forma, quando são abordadas e analisadas hipóteses sobre as prováveis fontes de influência dessas ocorrências, metodologicamente misturam-se aspectos de cunho *funcional* (político, administrativo) com aqueles referentes às *estruturas físicas* (configuração espacial, arquitetônica e urbana), como se fossem atributos de mesma *natureza*, que tivessem uma mesma descrição ou forma de interpretação.

Isso pode ser justificado porque foram poucos os técnicos dessa área especializada de conhecimento que se dedicaram a aprofundar os esclarecimentos adequados a elucidar questões de seu campo específico. Pode-se explicar também essa questão admitindo-se que as principais fontes de referência de âmbito teórico-conceitual, utilizadas em cursos de graduação no Brasil, ainda são compostas por publicações de origem estrangeira, européias e norte-americanas, em primeiro lugar, e brasileiras ou regionais, por último, em que a maior parte dos autores desconhece ou não trata do tema.

Como decorrência disso, pode-se compreender que o conhecimento das características gerais e das peculiaridades da organização espacial e da arquitetura de São Miguel Arcanjo e das missões como um todo ainda seja restrito a um reduzido grupo de pesquisadores, principalmente vinculados aos países que estiveram envolvidos nesse processo *no passado* ou os que se tornaram herdeiros de seus remanescentes *no presente*.

Basicamente, este trabalho se propôs a atualizar e ampliar a discussão introduzida por Costa e Mayerhofer sobre a redução de São Miguel Arcanjo, enfocando principalmente os seus aspectos urbanos. Buscamos sistematizar as informações disponíveis, esclarecendo eventuais distorções e aprofundando análises, *sob a ótica do arquiteto*, no âmbito da história e da teoria da arquitetura, do urbanismo e das artes, envolvendo aportes de outras áreas do conhecimento científico que muito têm contribuído para tanto, considerando que, segundo Panerai,

Cada ciéncia, em su parcela, propone uma aproximación, la suya, sin tener em cuenta más que su ámbito. Ante una complejidad semejante, el espacio material, lo construido, puede ser el elemento estable sobre el que vendrán a articularse las diferentes lecturas.<sup>6</sup>

Eis então, alguns dos motivos que determinaram a escolha e a abordagem deste tema<sup>7</sup> como objeto de dissertação de mestrado, que tem intenção de buscar contribuir tanto para seu estudo como para o reconhecimento de sua importância.

---

<sup>6</sup> PANERAI, Philippe et al. *Elementos de análisis urbano*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1983. p. 21.

<sup>7</sup> Tema com o qual vimos trabalhando desde 1978, quando elaboramos o primeiro Plano Diretor de São Miguel, desenvolvido por solicitação do IPHAN e aprovado pela Câmara Municipal de Santo Ângelo. CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. *Diretrizes para o desenvolvimento físico de São Miguel das Missões*. Porto Alegre: SURBAM/CEDRO, 1988.

### 1.3 – Construindo hipóteses

A hipótese inicial que norteia este trabalho é a de que as *Leis das Índias*, utilizadas como referência para a estruturação *funcional* da maior parte da rede urbana no império colonial espanhol, também serviram como diretriz geral para a organização de São Miguel Arcanjo e dos demais povoados missionários. Tal consideração preliminar, no entanto, não excluiu da discussão as demais influências, e o próprio processo histórico, que contribuíram para a configuração física e o desenvolvimento dessa redução.

O estudo do processo de formação e evolução da *cidade espanhola* na América nos permitiu *reconhecer*, por seus resultados efetivos e pela documentação existente, os princípios ordenadores utilizados - regras gerais referentes à forma e à organização espacial de sua rede urbana e de sua estrutura funcional - sendo possível, inclusive, identificar as etapas e suas características desse processo.

O mesmo tipo de abordagem, de maneira genérica, também já vem sendo aplicada ao caso da *rede urbana* do sistema reducional missionário. E tem demonstrado que, apesar de ambas as experiências pertencerem a um mesmo sistema político, obedecendo a uma mesma *matriz*, teoricamente fazendo uso das mesmas diretrizes básicas, numa comparação sumária, peculiaridades e diferenças se evidenciam.

No encaminhamento de hipóteses preliminares sobre relações *espaciais*, torna-se necessário explicitar quais as *variáveis* que foram consideradas nesta análise. E neste caso específico, nos referimos aos aspectos *morfológicos* de três dos componentes básicos da estrutura urbana: o *traçado*, a *arquitetura* e a própria *organização espacial*,

considerada como a resultante da forma de ocupação do território pelas edificações e das relações das próprias edificações, entre si e com a sua base, entorno, sítio, *locus* ou num âmbito maior, com o território. Trata-se de uma relação entre a composição arquitetônica e a composição espacial, gerando *traçados* e *formas de ocupação*, que, nas reduções, assumiram características *tridimensionais* peculiares.

A cidade espanhola na América se construiu e configurou sua espacialidade no decorrer do tempo, tomando como referência principal a tentativa de implantação de uma *base* de referência, de caráter unitário, representada em síntese por um traçado *reticulado*. Os outros elementos ordenadores, como a composição arquitetônica e a organização espacial, variavam de acordo com aspectos *temporais* (época de construção) e *locacionais* (ambiente e cultura de cada lugar). Dessa forma, o elemento estruturador do espaço, mais claramente reconhecível na cidade colonial espanhola da América é objetivamente o seu *traçado ortogonal*, a famosa *traza*.

A redução de São Miguel Arcanjo e os demais povoados missionários, por outro lado, consolidaram, ao longo do tempo, sua espacialidade, conjugando, de uma *outra forma*, as variáveis anteriormente mencionadas, o que resultou em uma organização espacial peculiar e identificável, que é o objeto de apreciação principal desse trabalho.

São, portanto, duas situações que se caracterizam por possuir atributos *reconhecíveis* e de *ordens diferentes*. O primeiro, da cidade colonial espanhola, identificável *mais* pela repetição de um *traçado* e pela forma de *parcelamento* do solo - características de natureza *bidimensional* - do que por suas edificações, cujas *tipologias*<sup>8</sup> variavam ao longo do território. O segundo, do sistema reducional missionário, identificado pela

---

<sup>8</sup> Sobre os conceitos de *tipo* e *modelo* utilizados neste trabalho, verificar capítulo 4.

*conjugação de um traçado, com uma forma de ocupação do território, por meio de tipologias edificatórias recorrentes, assegurando a construção de um modelo espacial relativamente homogêneo, reconhecido em e por sua tridimensionalidade.*

Na cidade colonial espanhola, de maneira geral, um traçado ortogonal típico, *em xadrez* ou em variantes quadrangulares (mais ou menos regulares) se repetiu numa extensão continental. Os espaços urbanos produzidos guardavam semelhanças entre si, no entanto, eram basicamente diferentes, pois sua arquitetura decorria da própria história e das peculiaridades de cada lugar.

A reconhecida *homogeneidade* da configuração tridimensional da unidade espacial das reduções missionárias é possível de ser explicada pela forma peculiar de sua organização social e por seu sistema de gestão de tipo *cooperativo* em que todas as construções eram executadas coletivamente e em *mutirão*<sup>9</sup>, a partir de padrões de referência.

A estrutura espacial missionária - que foi aplicada em São Miguel - depois de consolidada, se reproduziu como uma *regra*, e se multiplicou *como se fosse um modelo*, utilizando basicamente uma mesma *tipologia espacial* em toda a Província Jesuítica do Paraguai, onde foi constituída uma *rede urbana* de trinta povoados com os índios Guarani e trinta e quatro com Moxos e Chiquitos. Por não se tratar propriamente da utilização de um *modelo*, cada unidade, dentro da regra geral, apresentava especificidades próprias, o que lhe conferia atributos de individualidade e *identidade*.

Este tipo de ocorrência, em que se verifica a reprodução planejada de uma tipologia de caráter *espacial* e *urbana* ao longo do território, é um

---

<sup>9</sup> Sistema cooperativo também conhecido no Oriente boliviano como *minga*.

fato bastante incomum na história do urbanismo, onde geralmente o que se multiplica de forma sistemática são tipologias *arquitetônicas*.

Dentre as perguntas para as quais também vamos buscar respostas, estão as que se referem aos aspectos *simbólicos*, às possíveis *interpretações* e aos *significados* desse tipo de organização espacial.

Ao longo de sua história, as missões foram relacionadas por diferentes autores com uma *utopia*<sup>10</sup>, tanto no que se refere a sua organização política, econômica e social, quanto à visão idealizada de sua organização espacial.

Também se pode levantar a hipótese de que a configuração espacial das missões seja considerada como um exercício precursor no campo do *desenho urbano*<sup>11</sup>. Esse tipo de prática somente se verificou em determinados momentos na história do urbanismo, geralmente quando da construção de cidades *ex-novo*, onde eram reunidas condições políticas, econômicas e sociais para que um *conceito* e um *projeto* pudessem ser *materializados* em conjunto.

Como exemplos construídos desse tipo de empreendimento, guardadas as referidas proporções, poderíamos citar, entre outros, os *castros*, acampamentos decorrentes da expansão do império romano na Europa, as *bastides* francesas, as cidades de Palmanova e Sabionetta da Itália renascentista<sup>12</sup>, Letchworth ou Welvin Garden City<sup>13</sup>, na Inglaterra

<sup>10</sup> Relacionada com a obra de Tomás Morus (1478-1535), publicada em latim em 1516. Ver MORUS, Tomás. *A Utopia*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

<sup>11</sup> Segundo Maurício Malta, o desenho urbano é (...) entendido como disciplina em estágio pré-paradigmático que tem como objeto de estudo o espaço urbano tratado à escala intra-urbana e tridimensional, isto é espaço arquitetônico produzido e consumido por indivíduos e/ou grupos de indivíduos que interagem com/através do mesmo. In TURKIENICZ, Benami., org. *Desenho Urbano 1 – Cadernos Brasileiros de Arquitetura* 12. São Paulo: Projeto, 1984. p. 50.

<sup>12</sup> Experiências resultantes dos modelos das *cidades ideais* do Renascimento.

pós-industrial, assim como Brasília e Chandigarh, como representantes do urbanismo modernista, no Brasil e na Índia, respectivamente, além das *new-towns* e *cittés nouvelles*<sup>14</sup> inglesas e francesas. Excetuando-se a rede dos acampamentos romanos, construídos como *recorrências*, os demais foram exemplos de momentos de síntese e de excepcionalidade.

Buscando desenvolver tais premissas, tornou-se necessário aprofundar o estudo específico desta redução, no *tempo* e no *espaço*, analisando-se *forma, função e significado*, a partir de fontes de informação como os documentos escritos, os registros gráficos e fotográficos e os próprios remanescentes físicos que, espalhados na região como *destroços de um naufrágio*, no dizer de Lucio Costa<sup>15</sup>, ainda possuem uma grande carga de informação e uma capacidade de *delação* que pode e demanda ser traduzida e interpretada.

No campo dos ordenamentos urbanos e da arquitetura se pode considerar que a redução de São Miguel Arcanjo teve um papel pioneiro no âmbito dos Sete Povos e no interior do sistema missionário. Foi ali que, a partir da ação de arquitetos europeus, iniciou-se a inserção da chamada *arquitetura erudita* nas reduções, que passaram a se sobrepor à estrutura urbana formal e funcionalmente consolidada da tipologia urbana missionária. Esse fenômeno caracterizou a última fase dos ordenamentos urbanos missionários da Província Jesuítica do Paraguai.

A redução de São Miguel Arcanjo foi escolhida para o desenvolvimento deste estudo, entre outras justificativas, por sua reconhecida importância, nacional e internacionalmente, pela existência *in*

<sup>13</sup> Experiências decorrentes da proposta de *cidade-jardim* do inglês Ebenezer Howard, em 1898.

<sup>14</sup> *New-towns* ou cidades novas, estruturadas como alternativas para o crescimento das regiões metropolitanas principalmente na França e na Inglaterra, nos anos 70 do século XX, utilizando os princípios estruturadores da *cidade moderna*.

*situ* de uma grande quantidade de vestígios *aflorados*, assim como por possuir significativa referência documental produzida em função de sua participação nos eventos que se sucederam ao *Tratado de Madri*<sup>15</sup>. Utilizada como um exemplo concreto, buscando contribuir para elucidar esse imenso *quebra-cabeça* e, ao mesmo tempo, servir como referência na análise das lógicas que organizaram o sistema missionário como um todo, sob enfoque da *arquitetura* e dos *ordenamentos urbanos*.

Consideramos indispensável explicitar que as análises, descrições e contextos complementares das áreas da história, história da arte, geografia, antropologia e arqueologia, *necessariamente* comparecem neste trabalho com o objetivo de caracterizar e contextualizar o cenário onde se desenvolveu o fenômeno missionário. Aí estão deliberadamente, de maneira *sintética* e *simplificada*, por não serem tais áreas o objeto principal deste estudo e nem tais disciplinas a nossa área de especialização profissional.

Por último, cabe colocar que os pontos abordados foram apresentados, na medida do possível, em ordem cronológica e, na maioria das vezes, em três âmbitos de abrangência: o *global* (referente ao sistema colonial espanhol), o *regional* (referente ao sistema reducional missionário e aos Sete Povos) e o *local* (referente à redução de São Miguel Arcanjo).

<sup>15</sup> COSTA, Lucio. *Os Sete Povos das Missões*. In: A Visão do Artista – Missões 300 Anos - Catálogo da exposição. São Paulo: Prêmio, 1997. p. 4.

<sup>16</sup> Tratado de limites celebrado em 13 de janeiro de 1750, entre Portugal e Espanha, que abolia os limites estabelecidos no *tratado de Tordesilhas* de 1494. Por esse acordo, eram trocados os Sete Povos das Missões pela Colônia do Sacramento. Sua execução gerou a reação dos missionários e desencadeou a *Guerra Guaranítica* (1754-1756), provocando como consequência a expulsão dos jesuítas e o fim da experiência missionária. Para coordenar sua implantação, foram nomeados Gomes Freire de Andrade (Portugal) e Gaspar de Munive, marquês de Valdelirios (Espanha). GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica*. Passo Fundo, EDIUPF. Porto Alegre: UFRGS, 1998. p. 144 – 145.

## 2 - REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 - Considerações gerais

O pressuposto básico deste estudo, é que a trajetória *missioneira*, desenvolvida ao longo de mais de cento e cinqüenta anos, é um processo de *longa duração*, que se estruturou num *extenso território*, em um espaço geográfico amplo que abrange inclusive diferentes *compartimentos ambientais*.

Avaliando as principais referências bibliográficas disponíveis sobre as missões, incluindo antigas publicações, pode-se concluir que, na maior parte das vezes, as abordagens sobre este tema o tratam de maneira *genérica* e não situam o espaço, e, principalmente, não situam o tempo das ocorrências, seu momento ou duração. Isso pode ter contribuído para a construção, por parte de alguns autores, de *contextos idealizados* de situações ou fatos que não ocorreram, pelo menos ao mesmo tempo ou ainda em um mesmo *lugar*.

De maneira geral, as referências que descrevem o *ambiente missionário*, apresentam apenas as características geográficas próprias de *uma parte* do território ocupado pela antiga Província Jesuítica do Paraguai. Descrevem especificamente a área geográfica onde ocorreu a maior concentração dos povoados da última etapa desse processo, e que correspondem atualmente às regiões denominadas *Misiones*, na Argentina, e *Missões*, no Rio Grande do Sul.

Tais descrições genéricas, classificadas como *reducionistas* por alguns autores e utilizadas geralmente para fins educativos e de divulgação, também se fazem presentes em muitos trabalhos científicos.

Referimo-nos a trabalhos que habitualmente apresentam o contexto político-cultural missionário por meio de descrições *superlativas* e que referem, via de regra, o *somatório* de peculiaridades ocorridas em diferentes povoados, no estágio em que o processo missionário atingiu sua última fase, seu *apogeu*, como se em todos os lugares se tivesse desfrutado de uma mesma *situação* ao longo de *todo o tempo*.

## 2.2 - Considerações específicas

O tema da *arquitetura* e dos *ordenamentos urbanos* nas missões jesuíticas dos Guarani comparece na literatura, basicamente, sob três tipos de *enfoque*:

a - em obras de *caráter geral* sobre as missões, principalmente as de caráter histórico, aí incluídas as coletâneas com artigos temáticos;

b - em obras referentes à *teoria e história* da arquitetura e do urbanismo, sob enfoques sociológicos, antropológicos, morfológicos, funcionais, entre outros, algumas de caráter amplo ou *enciclopédico* e outras que abordam especificamente aspectos da *cidade espanhola*;

c - em obras *específicas* sobre a arquitetura e o urbanismo das missões, com diferentes níveis de abrangência geográfica, incluindo-se aí as recentes contribuições do campo da *arqueologia*.

No que se refere à *autoria*, essas obras foram desenvolvidas por pesquisadores, especializados ou não, provenientes de diferentes áreas profissionais, entre os quais também se incluem os arquitetos.

Quanto às *fontes de informação*, são baseadas na reprodução, citação ou interpretação de documentos arquivísticos originais, incluindo-

se os iconográficos; na bibliografia produzida durante o período missionário e *a posteriori*; na descrição dos vestígios materiais remanescentes, a partir do século XIX, envolvendo principalmente os arquitetônicos e artísticos e, mais recentemente, relacionando os trabalhos de preservação e as pesquisas arqueológicas.

E ainda sobre a *natureza* das publicações, elas podem ser classificadas como: trabalhos de cunho *científico*; de caráter *educativo* ou, destinados à *divulgação* cultural e turística.

### 2.3 - Análise

Dentre as publicações que abordam o tema das missões e as que se referem especificamente aos aspectos de sua *arquitetura e de seus ordenamentos urbanos*, selecionamos para comentar algumas obras que contribuíram para aprofundar a discussão no âmbito do recorte escolhido para este trabalho.

#### a – O tema das missões em obras de caráter geral

A obra de caráter geral mais abrangente é de autoria do padre jesuíta Guillermo Furlong. Constitui-se de diversas publicações produzidas entre os anos 30 e 60 do século XX, não só de caráter geral como também abordando aspectos específicos. Tais publicações são embasadas na ampla documentação existente em arquivos e bibliotecas americanas e européias, públicos, privados ou da própria Companhia de Jesus. Além da documentação referenciada, o Padre Furlong vivenciou e conheceu pessoalmente grande parte do espaço missionário, no qual buscou registrar suas próprias impressões sobre a situação dos remanescentes.

Do conjunto de suas publicações destacamos, *Missões e seus*

*povos de guaranís*<sup>17</sup>, trabalho que se baseia, provavelmente, no maior conjunto de fontes documentais de referências conhecidas sobre as missões. O estudo dessa publicação nos permitiu extrair inúmeras *pistas* específicas sobre o campo da arquitetura e dos ordenamentos urbanos, ou de aspectos a ele correlatos, que serão objeto de apreciação ao longo deste estudo. O fato de o conjunto de sua obra ter sido classificada por alguns autores como *pró-jesuítas* não reduz sua enorme importância científica, decorrente da riqueza documental em que se baseia e de seu profundo conhecimento do território. No entanto, alguns aspectos ali apresentados já foram objeto de atualização em pesquisas específicas desenvolvidas posteriormente.

Uma publicação mais recente, também de caráter geral sobre o tema é a obra do italiano Alberto Armani: *Cidade de Deus e cidade do sol*.<sup>18</sup> Esse trabalho apresenta uma *síntese* atualizada e abrangente do contexto missionário, acrescentando alguns resultados de pesquisas e interpretações posteriores às de Furlong. Armani, no entanto, reitera uma visão que considera a experiência missionária como um *estado dentro do estado*, interpretação política criticada por diferentes autores contemporâneos.

Os aspectos *arquitetônicos* e os *ordenamentos urbanos* apresentam-se na maior parte das obras de caráter *geral* com diferentes graus de aprofundamento ou precisão, de acordo com o interesse, o enfoque ou a formação profissional de cada autor.

No que se refere aos aspectos *políticos* e à *organização administrativa* das missões, é indispensável mencionar a obra do professor Arno Alvarez Kern<sup>19</sup>, *Missões uma utopia política*, que nesses aspectos

<sup>17</sup> FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires: Blume. 1969. As traduções de textos em espanhol são responsabilidade do autor.

<sup>18</sup> ARMANI, Alberto. *Ciudad de Dios y ciudad del sol*. México: Fondo de Cultura Económica. 1996.

<sup>19</sup> KERN, Arno A. *Missões uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

específicos, aprofundou e atualizou a discussão científica no campo da história contemporânea.

b - O tema das missões em obras sobre *teoria e história* da arquitetura e do urbanismo

No que se refere ao enfoque da *teoria e história* da arquitetura e do urbanismo, avaliamos trabalhos de quatro importantes autores europeus que têm sido utilizados no Brasil como referência obrigatória nos cursos de arquitetura e urbanismo: *A História da Cidade* de Leonardo Benévolo<sup>20</sup>, *A cidade na história, suas origens, transformações e perspectivas*, de Lewis Mumford<sup>21</sup>, *Breve história do urbanismo* de Fernando Chueca Goitia<sup>22</sup>, e *Espaço, tempo e arquitetura* de S. Giedieon<sup>23</sup>. Nessas obras de caráter enciclopédico constatamos que o tema da *urbanização espanhola* na América, sem dúvida o maior empreendimento colonizador europeu depois da queda do império romano, é *superficialmente* abordado em Benévolo, é *apenas mencionado* em Mumford e Chueca Goitia e é *completamente ignorado* por Giedieon.

No que se refere especificamente à *cidade espanhola*, avaliamos obras de quatro autores, sendo três de origem espanhola e um de origem latino-americana: *Urbanismo español na América*, de Aguilera<sup>24</sup>, *A cidade hispano-americana – o sonho de uma ordem*, de Terán<sup>25</sup>, *O urbanismo em Espanha e na América Hispânica*, de Bonet Correa<sup>26</sup> e *Arquitetura e*

<sup>20</sup> BENÉVOLO, Leonardo. *A História da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

<sup>21</sup> MUNFORD, Lewis. *A cidade na História, suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes/UNB, 1982.

<sup>22</sup> CHUECA GOITIA, Fernando. *Breve História do Urbanismo*. Madrid: Alianza, 1970.

<sup>23</sup> GIEDIEON, Sigfrido. *Espacio, tiempo y Arquitectura: el futuro de una nueva tradición*. Madrid: Dossat, 1978.

<sup>24</sup> AGUILERA ROJAS, Javier e MORENO RELAX, Luis. *Urbanismo español en América*. Madrid: Nacional, 1983.

<sup>25</sup> TERÁN, Fernando. *La ciudad Hispanoamericana - el sueño de un orden*. Madrid: CEHOPU, 1989.

<sup>26</sup> BONET CORREA, Antonio. *El Urbanismo en España e Hispanoamérica*. Madrid: Cátedra.1991.

*urbanismo em Ibero-America*, de Ramón Gutierrez<sup>27</sup>. Destas, apenas a obra de Gutierrez apresenta de maneira abrangente as características da arquitetura e dos ordenamentos urbanos das missões jesuíticas. Nas demais, apenas se verifica uma menção superficial, sendo que Terán define a variante tipológica missioneira como uma solução *alternativa para demandas diferentes*, no caso, o processo de evangelização.

As idéias desses autores acerca de aspectos específicos relativos a concepção e estruturação da cidade espanhola são objeto de análise mais acurada no desenvolvimento deste trabalho.

#### c - Obras específicas sobre *arquitetura e urbanismo* das missões

Pioneiro no Brasil numa abordagem especializada sobre o tema da arquitetura e do urbanismo jesuítico foi o arquiteto Lucio Costa<sup>28</sup>, que esteve na região das missões em 1937. Ele registrou a situação de cada povoado, excetuando-se São Borja, orientou os trabalhos necessários para sua preservação e, posteriormente, publicou na Revista do Patrimônio um importante ensaio sobre *A arquitetura dos jesuítas no Brasil*.<sup>29</sup> Tomando como base suas informações, o SPHAN efetuou o *tombamento*<sup>30</sup> das ruínas da igreja de São Miguel das Missões como Patrimônio Nacional e encarregou o arquiteto Lucas Mayerhofer da execução de obras de recuperação. Esta experiência, epopéica para a época, foi a base para o trabalho *Reconstituição do povo de São Miguel*

<sup>27</sup> GUTIERREZ, Ramón. *Arquitetura e Urbanismo em Ibero-America*. Madrid: Cátedra. 1992.

<sup>28</sup> Seu importante relatório foi republicado em PESSOA, José. (Org.). *Lucio Costa, Documentos de trabalho*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

<sup>29</sup> Costa, Lucio. *A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil*. In. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 26, Rio de Janeiro:IPHAN.1997, pp. 105-169.

<sup>30</sup> *Tombamento* é a designação utilizada no Brasil para designar nível de *proteção legal* de bens culturais materiais, públicos ou privados. Baseia-se no Decreto Lei número 25 de 30 de novembro de 1937, que organiza o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, inicialmente SPHAN, posteriormente foi denominado IPHAN, IBPC e hoje, novamente IPHAN. Processo de Tombamento 141-T-1938.

das Missões,<sup>31</sup> desenvolvido para o concurso para a Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro. Tal obra foi utilizada como referência para a maior parte do que se escreveu posteriormente em relação à arquitetura missionária. Nela, seu autor apresenta também uma descrição hipotética de como deveria ter sido o povoado de São Miguel e sua igreja. Apesar da importância desse trabalho, algumas de suas hipóteses, que serão discutidas neste estudo, foram refutadas.

Dentre as obras específicas sobre arquitetura missionária e que se referem ao *conjunto* das reduções, destacamos o trabalho do arquiteto argentino Hernán Busaniche, *A arquitetura nas missões jesuíticas guaranis*,<sup>32</sup> que apresenta as características básicas da arquitetura e dos povoados missionários, descrevendo sistemas construtivos e tipologias, propondo etapas características e indicando prováveis autores e influências. No ponto em que analisa a redução de São Miguel e as missões brasileiras, esse trabalho remete ao já mencionado de Lucas Mayerhofer.

A partir da década de 70 do século XX, em trabalhos individuais ou em parceria com outros profissionais de diferentes áreas o arquiteto argentino Ramón Gutierrez<sup>33</sup> tem sido um dos principais responsáveis pela revisão e atualização de abordagens genéricas ou específicas, principalmente no campo da arquitetura e do urbanismo das missões. Sua obra mais abrangente, *As missões jesuíticas dos guaranis*, foi publicada em função da declaração dos remanescentes da igreja de São Miguel, como *Patrimônio Mundial*<sup>34</sup> pela UNESCO.

A partir dos trabalhos de preservação e valorização das missões ou

<sup>31</sup> MAYERHOFER, Lucas. *Reconstituição do Povo de São Miguel das Missões*. Rio de Janeiro: FNA, 1947.

<sup>32</sup> BUSANICHE, Hernán. *La Arquitectura en las misiones jesuíticas guaraníes*. Santa Fe: El Litoral, 1955.

<sup>33</sup> GUTIERREZ, Ramón. *As Missões Jesuíticas dos Guaranis*. Rio de Janeiro: FNPM, 1987.

<sup>34</sup> São Miguel foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1983.

decorrentes desse título, também foram produzidas algumas obras que cabe destacar: O Plano de *Diretrizes para o desenvolvimento físico de São Miguel das Missões*,<sup>35</sup> o artigo do arquiteto Fernando Machado Leal, publicado na Revista do IPHAN, *São Miguel das Missões – Estudo de estabilização e conservação das ruínas da igreja*,<sup>36</sup> em que os aspectos técnicos e sistemas construtivos da referida igreja são examinados, e, *São Miguel Arcanjo - Levantamento Cadastral*,<sup>37</sup> onde são descritos e ilustrados o processo de construção, arruinamento e preservação dos remanescentes da igreja.

Também como decorrência desse processo de preservação, o engenheiro Roberto di Stefano<sup>38</sup> publicou um artigo na revista italiana *Restauro*, em parceria com os arquitetos argentinos Jorge Gazaneo, Jorge Bozzano e Carlos Pernaut, onde são introduzidos alguns *estudos morfológicos* e gráficos avaliando as tipologias urbanas e as técnicas construtivas missioneiras.

O artigo publicado pelo arquiteto Júlio Curtis, *O espaço urbano e a arquitetura produzidos nos Sete Povos das Missões*,<sup>39</sup> além de considerações gerais sobre a Arquitetura e o Urbanismo missionário, apresenta algumas hipóteses acerca da concepção do projeto original da igreja de São Miguel e de aspectos de sua configuração física, colocando em discussão as idéias de Mayerhofer, por meio de análise iconográfica.

A área da *Arqueologia histórica* tem trazido novas e importantes

<sup>35</sup> CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. *Op. cit.* O plano, de proteção, estabelecia o zoneamento de uso da área urbana e definia diretrizes para o crescimento e a preservação dos remanescentes missionários.

<sup>36</sup> LEAL, Fernando Machado. *São Miguel das Missões – Estudo de estabilização e conservação das ruínas da igreja*. In: Revista do Patrimônio n °18. Rio de Janeiro: IPHAN, 1984.

<sup>37</sup> CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. *São Miguel Arcanjo - Levantamento cadastral*. Porto Alegre: IPHAN, Pallotti, 1994.

<sup>38</sup> Consultor da UNESCO que assessorou as obras de estabilização de São Miguel. DI STEFANO, Roberto. Revista Restauro n °56/58. Nápoles, 1981.

<sup>39</sup> DE CURTIS, J. N. B. *O espaço urbano e a arquitetura produzidos nos Sete Povos das Missões*. In: WEIMER, Günter. *Arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 27- 52.

contribuições ao estudo das missões, principalmente depois das pesquisas arqueológicas pioneiras realizadas em São Nicolau entre 1979 e 1981,<sup>40</sup> e das subsequentes, desenvolvidas em função do projeto *Arqueologia Histórica Missionária*<sup>41</sup> e dos *Programas Integrados de Valorização das Missões*.<sup>42</sup> Como decorrência desse processo, dentre as obras publicadas, além da farta documentação registrada nos relatórios dos trabalhos de campo, destacamos o ensaio de Fernando La Salvia, *O sítio urbano da Missão de São Nicolau*<sup>43</sup>, e as publicações de autoria do professor Arno Alvarez Kern, entre elas *Arqueologia histórica missionária*<sup>44</sup>, e a publicação de Artur Barcelos, *Espaço e arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista*<sup>45</sup>.

Na área das artes, especificamente sobre o *barroco missionário*,<sup>46</sup> destacam-se os trabalhos de Armindo Trevisan, Darko Sustersik<sup>47</sup> e

<sup>40</sup> Trabalhos desenvolvidos a partir de convênio celebrado entre a Fundação Nacional Pró-Memória, a Secretaria de Desporto e Turismo do Estado do Rio Grande do Sul e a Prefeitura Municipal de São Nicolau, sob a responsabilidade do arqueólogo Fernando La Salvia. Trabalhos pioneiros no Brasil no que se refere a escavações arqueológicas *históricas de grande porte* que propiciaram o início de importantes áreas de conhecimento científico.

<sup>41</sup> Projeto Arqueologia Histórica Missionária estruturado em 1985 para dar continuidade aos trabalhos de pesquisa arqueológica nas missões, sob a coordenação do arquiteto Júlio Curtis do IPHAN, em uma parceria com a UFRGS, a PUC/RS, a URI e o CEPA da UNISC. Na coordenação das pesquisas estavam os professores Arno Alvarez Kern e Pedro Augusto Mentz Ribeiro. O programa foi responsável por escavações nos diferentes sítios arqueológicos missionários atendendo a interesses de pesquisa ou preservação. Posteriormente envolveu técnicos como José Otávio Catafesto de Souza e Cláudio Baptista Carle, entre outros.

<sup>42</sup> Programa Integrado de Valorização das Missões (PIV), constituído por trabalhos de campo desenvolvidos nos sítios arqueológicos missionários protegidos pelo IPHAN, envolvendo técnicos, comunidades e acadêmicos, em regime de *mutirão*. STELLO, Vladimir. Missões: a questão Indígena. Ijuí: UNIJUÍ, 1997, p. 205.

<sup>43</sup> LA SALVIA, Fernando. In: WEIMER, Günter. (Org.). *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p. 9.

<sup>44</sup> KERN, Arno. *Arqueologia histórica missionária*. Porto Alegre: UFRGS, 1982.

<sup>45</sup> BARCELOS, Artur H.F. *Espaço & Arqueologia nas Missões jesuíticas: o caso de São João Batista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

<sup>46</sup> O *barroco missionário* é a denominação atribuída por historiadores da arte à expressão artística produzida nas missões jesuíticas. Segundo Armindo Trevisan, *se algum estilo houve, na escultura dos Sete Povos, este estilo foi o barroco*. TREVISAN, Armindo. *A escultura dos Sete Povos*. Porto Alegre: Movimento, 1978, p. 50.

<sup>47</sup> SUSTERSICK, Bozidar, D. *El Hermano José Brasanelli y las posibilidades de la reconstrucción de su trayectoria biográfica y artística*. In *Missões: a questão indígena*. Ijuí: UNIJUÍ, 1997, p. 541.

Josefina Plá<sup>48</sup>, publicados no Brasil, Argentina e Paraguai, respectivamente. Cabe registrar também a importante contribuição para a área de documentação sobre arte das missões representada pelo trabalho referente ao *Inventário da Imaginária Missionária*,<sup>49</sup> localizada no Rio Grande do Sul, coordenado por Mabel Leal Vieira e Maria Inês Coutinho.

Dentre as teses de mestrado e doutorado que foram desenvolvidas por autores gaúchos nos últimos anos na área específica da arquitetura e do urbanismo, e que tratam de São Miguel vale mencionar: *A História e Arquitetura nas reduções jesuítico-guaranís: o estudo de caso no núcleo urbano da redução de São Miguel Arcanjo*<sup>50</sup>, da arquiteta Isabela Coimbra; *Cidades reticuladas: a persistência do modelo na formação da rede urbana do Rio Grande do Sul*<sup>51</sup>, do arquiteto Gilberto Sarkis Yunes, A reconstituição informatizada da redução de São Miguel Arcanjo,<sup>52</sup> da arquiteta Isabel Medero Rocha, desenvolvida no Laboratório de Informática da UNISINOS. As duas primeiras não geraram publicações, ficando seus resultados restritos aos centros universitários onde foram produzidas. A terceira obteve ampla difusão em meios impressos, videográficos e informatizados.

Além das obras referidas, existe um número expressivo de artigos publicados sobre temas específicos que foram apresentados em encontros periódicos de pesquisadores<sup>53</sup>, realizados nos países herdeiros da cultura

<sup>48</sup> PLÁ, Josefina. *El barroco hispano guarani*. Asunción: Centenario, 1975.

<sup>49</sup> VIEIRA, Mabel L. *Inventário da imaginária missionária*. Canoas: La Salle, 1993. Localização, registro e descrição de cerca de 500 imagens missionárias existentes em território gaúcho.

<sup>50</sup> COIBRA, Isabela. *História e arquitetura das missões jesuítico - guaranís: um estudo de caso no núcleo urbano da redução de São Miguel Arcanjo*. CPJ – História, PUCRS, 1992.

<sup>51</sup> YUNES, Gilberto Sarkis. *Cidades reticuladas: a persistência do modelo na formação da rede urbana do Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU - USP, 1995.

<sup>52</sup> ROCHA, Isabel A. M. *Os programas de computador e o processo de projeto na construção do conhecimento arquitetônico – analogia entre operadores computacionais e de projeto*. Dissertação de mestrado em Arquitetura/ PROPAR. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

<sup>53</sup> Dentre os encontros nacionais e internacionais periódicos realizados, referentes às missões, cabe referir o de Santa Rosa/RS, desenvolvido sob a coordenação do prof. Ernaldo Schalemburger.

missioneira, que envolvem profissionais de diferentes áreas.

A maior parte das publicações citadas está referida na obra *Missões jesuítico-guaranís - Fontes bibliográficas*<sup>54</sup>, produzida para as comemorações dos 300 anos das missões, em 1987. Algumas delas estão indexadas na base de dados *Montoya*<sup>55</sup>, juntamente com outros documentos de referência.

---

<sup>54</sup> KERN, Arno A . *Missões jesuítico-guaranís - Fontes bibliográficas*. Porto Alegre: Projeto Missões 300 Anos, 1987.

<sup>55</sup> Trabalho desenvolvido a partir de convênio celebrado entre o IPHAN e a Associação Amigos das Missões, com o patrocínio da IBM-Brasil, para execução do Projeto *Informatização do sítio arqueológico de São Miguel*. Coordenação técnica de Felipe Escosteguy e Taciano Drackman Peres. Concepção: Luiz Antônio Custódio e José Otávio Catafesto de Souza. Resultados disponíveis na INTERNET, nas Bases de Dados *Montoya*: Documentos, Remanescentes físicos *in situ* e Bens móveis. [www.missoes.iphan.gov.br](http://www.missoes.iphan.gov.br)

### 3 – A REDUÇÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO E O SISTEMA REDUCIONAL MISSIONEIRO: ASPECTOS HISTÓRICOS

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre o contexto histórico responsável direta ou indiretamente pela formação e evolução da Redução de São Miguel Arcanjo, enfatizando aspectos sócio-econômicos e políticos que possam ter especialmente contribuído para a abordagem proposta por este trabalho.

#### 3.1 – Contexto colonial

No processo de colonização da América Latina empreendido a partir do século XVI as duas coroas ibéricas – Espanha e Portugal – estavam imbuídas por uma forte motivação ético-religiosa, uma característica que definiu a concepção política e as ações militares daí decorrentes.

De acordo com a tradição ibérica, segundo Armani,<sup>56</sup> (...) o componente político se entremeia e com freqüência se funde com o religioso. E esta situação correspondia à tradição ancestral, naquela região, de luta contra os mouros e também ao contexto, (...) histórico-cultural do pensamento medieval que vía na teocracia papal e em sua aliança com os príncipes da cristandade, o instrumento para a realização do reino de Deus na terra (...).

---

<sup>56</sup> ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p. 18.

Nessa conjuntura, foi fundamental o Decreto de Carlos V,<sup>57</sup> de 1519 onde o rei de Castela se convertia, segundo Armani, em:

... Señor de las Indias Occidentales, islas y continentes del Mar Oceano, ya descubierto y a descubrir, por donación de la Santa Sede, antes que por otros derechos justos y legítimos.<sup>58</sup>

Esse decreto ratificava acordos anteriores firmados entre os soberanos de Castela e Portugal referentes às novas terras<sup>59</sup>, que recebiam todo apoio da Santa Sé como contrapartida pela evangelização dos povos. Dessa forma, a ocupação militar e a conversão ao cristianismo ocorreram paralelamente.

Para gerenciar o império colonial espanhol foi estruturado um sistema administrativo<sup>60</sup> que abrangia instituições públicas na Espanha e nas colônias da América. Esse sistema foi sendo aperfeiçoado ao longo do tempo para atender a necessidades e políticas dos sucessivos monarcas.

Um ponto fundamental no processo de conquista e colonização foi a relação dos espanhóis com os povos nativos, principalmente os americanos. Este fato rendeu, por muito tempo, uma polêmica conceitual envolvendo intelectuais, religiosos e juristas, que discutiam sobre a natureza humana dessas novas populações. A polêmica questionou inclusive a legitimidade da Espanha de conquistar e colonizar a América<sup>61</sup>.

<sup>57</sup> Rei de Espanha entre 1516 a 1556, Habsburgo. Durante seu reinado, a Espanha conquistou o México, o Peru e o Chile e se iniciou a *Reforma Católica*, graças ao Concílio de Trento (1545-1563). Católico fervoroso, Carlos V não deu tréguas ao protestantismo.

<sup>58</sup> ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p. 18.

<sup>59</sup> O *Tratado de Tordesilhas*, celebrado em 1494, estabelecia uma linha divisória imaginária localizada a 370 léguas a oeste das ilhas do arquipélago de Cabo Verde como referência entre as possessões espanholas e portuguesas.

<sup>60</sup> O sistema administrativo espanhol se compunha de: na Espanha, o Rei, o Conselho Real e Supremo das Índias; em Madri, a Casa de Contratação; em Sevilha, o Conselho da Fazenda e a Junta de Guerra. Na América compunha-se de: o Vice-rei, em Lima; a Audiência, em Charcas, hoje Sucre, na Bolívia; o Governador, em Assunção; o Corregedor e o Cabildo (Conselho Local) nas cidades.

<sup>61</sup> Essa discussão se consolidou com o nome de *debate de Valladolid*. Perturbado por escrúpulos de consciência, Carlos V decretó el 16 de abril de 1550 que todas las exploraciones fuesen suspendidas temporalmente y que se convocara em Valladolid una conferencia de representantes de las dos corrientes y diez jueces reales (...). ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p. 35-6.

Basicamente, discutia-se a inclusão dos índios no contexto bíblico, se os nativos eram *descendentes de Adão*, se eram *monstros com aspectos humanos*, ou até mesmo acerca de sua *capacidade* intelectual ou moral. Essa discussão tinha como objetivo subjacente desqualificar os povos nativos para justificar sua conquista e submissão.

Apesar do contraste de opiniões e da eventual influência *mitigatória* das ordens religiosas, segundo Armani,

... la doctrina jurídica española hizo suyo el principio del primitivismo y de la incapacidad de los americanos para organizarse según los modelos de desarrollo europeo.<sup>62</sup>

Como conclusão desse processo, os nativos foram equiparados a menores que necessitavam de proteção, de assistência espiritual e de apoio para organizar o seu trabalho. Dessa maneira, eles deveriam ser confiados aos colonizadores, que, em troca desses serviços de civilização, cobrariam tributos para a coroa espanhola. Tal sistema ficou conhecido como *encomenda*<sup>63</sup> ou *servicio pessoal*. Por suas características peculiares, a encomenda substituiu a escravidão na América espanhola até o século XVIII.

As ordens religiosas seculares também tiveram um papel estratégico fundamental na consolidação do sistema colonial: auxiliaram na conquista das terras e na inserção de populações inteiras a esse sistema. No início do processo estiveram presentes principalmente, as ordens de franciscanos<sup>64</sup> e dominicanos.

<sup>62</sup> ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p. 28.

<sup>63</sup> O sistema da *encomenda* tinha como origem o sistema feudal medieval. Previa basicamente o pagamento por parte dos nativos de tributos ao Rei ou a um cidadão espanhol, o *encomendero*, que, na verdade estava mais interessado nos trabalhos forçados que eram possibilitados pelo *servicio pessoal*.

<sup>64</sup> Ordem religiosa fundada por Francisco de Assis em 1222. Os Franciscanos criaram as primeiras reduções do Paraguai em 1575. *La orden Franciscana tuvo un merito particular: consciente de la necesidad de evangelizar en profundidad a los indígenas, desarrollando entre ellos al mismo tiempo su propia cultura, valorizó las lenguas locales como instrumento de comunicación y de penetración intelectual, ayudando a darles una sistematización gramatical y una grafía.* ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p. 53.

É indispensável ressaltar nesta etapa o importante papel exercido pelo frei Bartolomé de Las Casas<sup>65</sup>, em defesa dos povos nativos. Las Casas trabalhou nas ilhas do Caribe, na América Central e no México e, em 1542, denunciou a Carlos V a situação de abuso e extermínio dos índios como consequência da conquista europeia e em função do sistema da encomenda. O fato fez com que esse soberano sensível, inicialmente, anulasse o sistema da encomenda, por meio da publicação das *Novas Leis das Índias*<sup>66</sup>. Três anos depois, cedendo à reação dos espanhóis, cancelou sua própria decisão, modificando e limitando o direito à mesma a duas gerações de beneficiários.

Dentre as ordens religiosas que vieram para a América, estava a *Companhia de Jesus*<sup>67</sup>. Os jesuítas, como uma ordem nova, chegaram à América do Sul um pouco mais tarde que as outras ordens religiosas de origem medieval.

O documento fundador da Companhia de Jesus, a *Fórmula do Instituto*, definia o modo de proceder jesuítico, orientado para a caridade, obediência, pobreza e liberdade do monasticismo. Era uma ordem religiosa propositadamente *itinerante*, desvinculada da permanência localizada em *regime paroquial*.

Em su autobiografía el mismo Ignacio se caracteriza como ‘peregrino’, formando de esta manera um antiguo concepto de la tradición cristiana em la cual la búsqueda de Dios y el ‘peregrinaje’ se encuentran. Esta idea del peregrinaje también determinó el concepto ignaciano de misiones, que iban a formar

<sup>65</sup> O Frei Bartomé Las Casas (1474-1566), prelado espanhol, tornou-se dominicano em 1522 e esteve envolvido na criação das primeiras reduções franciscanas na Venezuela. Comparava a encomenda a um regime de escravidão em sua obra *Brevíssima relación de la destrucción de las Índias* publicada em 1542. Polêmico e respeitado, Las Casas foi chamado de *apóstolo dos índios*. Ver LAS CASAS, Bartomé. *O paraíso perdido*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

<sup>66</sup> Não confundir (...) as *Novas Leis das Índias promulgadas em 1542 por Carlos V, com as Leis das Índias (1753) de Felipe II, que resultaram da sistematização de toda a legislação colonial espanhola, trabalho coordenado por Juan de Ovando, designado Presidente do Conselho das Índias*. Segundo PARKER, Geoffrey. op. cit., p. 144.

<sup>67</sup> A Companhia de Jesus, ordem religiosa católica criada pelo cavaleiro espanhol Iñigo de Oñez y Loyola, Inácio de Loyola (1491-1556), em 1534, sendo aprovada pelo Papa em 1540.

la dinámica basica de la nueva orden.<sup>68</sup>

Do ponto de vista moral, os jesuítas buscavam a santificação pessoal através do método disciplinar prescrito por Inácio de Loyola em seus *Exercícios Espirituais*.<sup>69</sup>

Segundo Schmitz, essa ordem religiosa (...) não era uma instituição monástica, como as muitas que haviam povoado a Idade Média, mas um empreendimento moderno.<sup>70</sup>

A Companhia de Jesus rapidamente se tornou um dos principais movimentos da reforma religiosa sob a bandeira papista, tendo sido uma das ordens mais importantes na formulação da resposta ao protestantismo produzida durante o Concílio de Trento.<sup>71</sup>

A iniciativa de D. João III, rei de Portugal, de solicitar ao Papa o apoio dos jesuítas para participar na *empresa colonial portuguesa além-mar*, iniciou-se em 1539, antes mesmo da autorização para fundação da ordem. O Frei Francisco Xavier partiu para Goa, Índia, em 1541 e Manuel da Nóbrega para o Brasil em 1549, acompanhando a expedição de seu primeiro governador-geral, Tomé de Souza.

As missões de Xavier no Oriente e Nóbrega no Brasil foram as primeiras atividades transoceânicas empreendidas pelos jesuítas após a fundação de sua ordem.<sup>72</sup>

Uma das questões enfrentadas por Inácio de Loyola logo da fundação da ordem referia-se à qualidade e à forma de circulação de informações. As cartas escritas em *línguas modernas* estabeleciam a comunicação entre as diferentes áreas de atuação da Companhia de Jesus.

<sup>68</sup> SIEVERNICH, Michael. *Las misiones jesuiticas de America Latina*. In SCHMID, Martin. 1996. op. cit. p. 13.

<sup>69</sup> EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 32

<sup>70</sup> SCHMITZ, Pedro I. *A Companhia de Jesus e a missão*. In TAVARES, Eduardo. *Missões*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999. p.141.

<sup>71</sup> EISENBERG, José. op. cit., p. 32

<sup>72</sup> EISENBERG, José. op. cit., p. 64

A instituição epistolar era a espinha dorsal da empresa missionária jesuítica no século XVI. Esse era o meio de comunicação institucional da ordem contendo todos os acontecimentos nas casas jesuíticas e as notícias da colônia em geral.<sup>73</sup>

Para dar vazão às informações destinadas exclusivamente à circulação interna da companhia, em 1541, foi instituída a *hijuela (filhota)*, uma folha em separado, destinada a relatar os problemas efetivos enfrentados pelos jesuítas no exercício da conversão. Mas foi apenas com a publicação das *Constituições*, que continham regras detalhadas para a troca de correspondências que se consolidou um sistema de comunicação na ordem.

Em 1553, foi criada a *Província Jesuítica do Brasil*<sup>74</sup>, cujo primeiro Provincial foi o Frei Manuel da Nóbrega. As primeiras ações missionárias eram as missões *ambulantes*, que consistiam em incursões periódicas dos padres para catequizar e batizar os índios, em seu próprio habitat, apoiados nos *colégios* ou nas *residências jesuíticas*<sup>75</sup>.

As experiências e as estratégias pioneiras de Nóbrega na conversão dos pagãos do *Novo Mundo* estão relatadas em inúmeros documentos dentre os quais salientam-se as bases do plano de reforma das missões<sup>76</sup>, *O diálogo e o Plano civilizador*.<sup>77</sup> No segundo documento,

<sup>73</sup> EISENBERG, José. *op. cit.*, p. 49

<sup>74</sup> Em 1549, chegaram Manuel da Nóbrega (1517-1570) e quatro companheiros. Em 1553, chegou José de Anchieta (1533-1597) com outros companheiros, quando se estruturou a Província Jesuítica do Brasil com sede em Salvador.

<sup>75</sup> Essas estruturas, os *colégios* ou as *residências*, muitas vezes, incluíam em seu programa, além da residência dos padres, uma capela e um cemitério. Nas missões da Califórnia ou do Arizona, nos Estados Unidos, esses *equipamentos comunitários*, desempenhavam funções de *pólo*, freqüentemente isolados no território, atraíam nativos dispersos na região para os serviços religiosos. Em muitos casos, eles foram responsáveis pelo surgimento de uma estrutura urbana a seu redor.

<sup>76</sup> O plano da *reforma* da ação político-missionária proposta por Nóbrega incluía a participação da autoridade secular do governo colonial no processo de conversão. “(...) era de fato uma adaptação do sistema espanhol da encomienda para a realidade da colonização portuguesa no Brasil”. EISENBERG, José. *op. cit.*, p. 108-9, 112.

<sup>77</sup> O *Diálogo sobre a conversão do gentio* (1556 -1557) e o *Plano civilizador* (1558) foram documentos produzidos por Manuel da Nóbrega para justificar a necessidade da *reforma*, baseadas nas dificuldades dos primeiros anos. O primeiro destinava-se a promover a

Nóbrega defendia a organização de *aldeias*:

Esta justificação política para as Aldeias desenvolvidas por Nóbrega não só tornou-se o modelo para as missões jesuíticas lideradas por José Acosta, em Juli, no Peru, e, mais tarde para as 'reducciones' do Paraguai, como também deu origem a uma fundamentação do poder político ('dominium') pelo medo e consentimento dos governados...<sup>78</sup>

A experiência das *aldeias* jesuíticas no Brasil iniciou-se na capitania de São Vicente, com a reunião de tribos Tupi, e depois se espalhou ao longo do litoral brasileiro.

Mem de Sá e os jesuítas iniciaram a implementação da reforma das missões antes mesmo do texto do Plano Civilizador de Nóbrega chegar à Europa. Nos primeiros meses de 1558, (...) forçaram os índios habitantes de quatro aldeias nas imediações de Rio Vermelho a se mudarem para a aldeia de São Paulo, a qual se tornou a primeira instituição política produzida pela reforma.<sup>79</sup>

... os índios eram forçados a viver de acordo com a lei natural e as leis civis, e, em contrapartida, estavam protegidos da escravidão na mão dos colonos.<sup>80</sup>

Também por aqui se processou o debate sobre a legitimidade da conquista e acerca das relações com os povos nativos. O ponto focal da discussão girava em torno da *justificação* das práticas doutrinárias e dos métodos de conversão adotados, em que a disseminação do *medo* era uma das táticas praticadas.

As experiências frustradas e as grandes dificuldades para uma ação missionária nos primeiros tempos, devido à imensidão territorial e à dispersão dos inúmeros grupos nativos, determinaram a utilização de outras estratégias, além dos *aldeamentos*, como a manutenção da língua nativa, a busca de referências, na cosmologia dos índios, que pudessem convergir com os preceitos cristãos, a absolvção de *pecados* que

discussão entre seus companheiros. O segundo destinava-se ao provincial português da Companhia. Segundo EISENBERG, José. *op. cit.*, p 21.

<sup>78</sup> EISENBERG, José. *op. cit.*, p.. 22.

<sup>79</sup> EISENBERG, José. *op. cit.*, p. 127

<sup>80</sup> EISENBERG, José. *op. cit.*, p. 108.

pudessem ser considerados de *menor importância* dentre os hábitos dos nativos e a cura das doenças, geralmente trazidas pelos espanhóis, entre outras.

Após o falecimento de D. João III, rei de Portugal, em 1577, ocorreu uma crise dinástica naquele país em função da falta de sucessores para seu trono. Após algumas disputas, assumiu o rei espanhol D. Felipe II, tendo início a chamada *União Ibérica* (1580-1640), em que as duas nações passaram a ser dirigidas por um mesmo soberano.

Foi no tempo de Felipe II<sup>81</sup> que chegaram os primeiros jesuítas espanhóis ao Peru. No entanto, a *Província Jesuítica do Paraguai* seria criada muito depois, em 1604. Também foi no reinado de Felipe II que se consolidaram as diferentes *ordenações* existentes referentes ao processo administrativo colonial e aos povos nativos, genericamente denominadas de *Leis das Índias*, que estabeleceram regras gerais de estruturação e funcionamento, assim como diretrizes para a organização urbana das novas fundações.

Muito se escreveu sobre os jesuítas, *companheiros de Jesus*, sobre sua organização militar, sua tenacidade, sua disciplina. Num relato informal, Goethe, em viagem à Itália, passando por Frankfurt, registrou:

Ao contrário de outras ordens religiosas, tudo concorre pra que não sigam dando continuidade a uma devoção envelhecida e embotada, mas, em concordância com o espírito do nosso tempo, a renovem por intermédio da pompa e do luxo.<sup>82</sup>

### 3.2 – O sistema reducional espanhol: origens

Desde o início da *conquista* da América, como um esquema

<sup>81</sup> Felipe II, Rei de Espanha (1527-1598), filho de Carlos V, reinou de 1556 a 1598. Em seu reinado, os espanhóis ocuparam a região platina. Segundo PARKER, Geoffrey. *op. cit.* p. 11.

<sup>82</sup> GOETHE, J. W. *Viagem à Itália: 1776-1778*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 12-3.

organizativo decorrente do sistema estabelecido na encomenda, segundo Armani, a legislação espanhola buscou dar um:

... ordenamiento estable a las comunidades indígenas nómadas o seminómadas o, en todo caso, dispersas, induciendo-las u obligandolas a asentarse en centros residenciales permanentes.<sup>83</sup>

Estabeleceu-se então a possibilidade de reunir os índios dispersos para fins de evangelização em *centros apropriados* – *Reduções* –, administrados por um funcionário espanhol assistido por um capelão.<sup>84</sup>

A origem do termo, *redução* vem do latim, *reducere (reduzir)*, e designa o vínculo entre *uma ação* de catequese e um *local específico*. Esta *sedentarização* forçada de povos *nômades* ou sem *uma cultura urbana* tinha algumas vantagens: viabilizava o controle da obra de evangelização; facilitava o recrutamento de nativos para o serviço pessoal e ainda possibilitava a transformação de *caçadores-coletores* e agricultores incipientes em mão de obra qualificada, inserindo-os no processo econômico colonial.

O sistema *reducional* empreendido por várias ordens religiosas na América diferenciava-se funcionalmente das *missões itinerantes* ou das *missões circulares*,<sup>85</sup> praticadas nos primeiros períodos. As *reduções* representaram a alternativa mais estável de efetiva evangelização e como consequência, da própria colonização.

Nesses povoados, em princípio, os indígenas ficavam sob a supervisão de funcionários civis da administração espanhola, acompanhados por um missionário de alguma ordem religiosa responsável por desenvolver sua ação evangelizadora. Segundo Armani,

A veces ocurría que los misioneros – por su iniciativa o por exigencia de la autoridad civil – asumían la tarea de ayudar a los

<sup>83</sup> ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p 48.

<sup>84</sup> ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p 49.

<sup>85</sup> Método e designação usados na catequese das missões insulares de Chiloé, no sul do Chile, onde o pároco, uma vez por ano, circulava de barco o arquipélago, permanecendo alguns dias em cada igreja.

funcionarios del gobierno, o dirigían ellos mismos, la vida administrativa de la comunidad.<sup>86</sup>

A intervenção de missionários na administração civil das reduções tinha como base legal o sistema do *Patronato Real*.<sup>87</sup> Era de interesse das ordens religiosas que as suas reduções estivessem vinculadas a esse *instituto*, uma vez que, com isso, elas podiam receber ajuda econômica para manter os serviços religiosos, desvincular-se da estrutura eclesiástica local e reportar-se diretamente ao *Conselho das Índias*.

Com o sistema de *Patronato Real*, foram fundadas reduções em vários pontos da América espanhola, com a participação de franciscanos, dominicanos e jesuítas. Pouco a pouco, a experiência reducional foi sendo aperfeiçoada e alguns pressupostos começaram a ser assegurados previamente às ações de fundação, sempre formalizados pela anuência real do Conselho das Índias.

A experiência anterior ensinou aos jesuítas a importância de manter a língua dos nativos e de restringir o acesso de europeus às reduções. Os chefes dos grupos indígenas – os *caciques* - como passaram a ser denominados os *tuvichás* pelos missionários, foram envolvidos nos *Cabildos*<sup>88</sup> e receberam o *bastão nobiliário*. A principal demanda, no entanto, referia-se à necessidade de acabar com o serviço pessoal. Um outro ponto básico a ser resolvido referia-se aos *pajés* ou *xamãs*. Era preciso também anular a ascendência que eles tinham sobre a espiritualidade dos indígenas, uma vez que esse papel deveria ser desempenhado pelos padres.

<sup>86</sup> ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p 49.

<sup>87</sup> O *Patronato Real* ou *Régio Patronato* era o título decorrente do investimento do Papa Julio II ao Rei de Castela, Fernando o Católico em 1508, que lhe conferia poderes administrativos no campo eclesiástico. “Esta doble investidura del rey, soberano temporal y vicario espiritual a un mismo tiempo, le autorizaba a patrocinar directamente las iniciativas misioneras”. ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p 49.

<sup>88</sup> “El Cabildo (Consejo Comunal), autoridad frecuentemente electiva, pero a veces designada también desde arriba, estaba presidido por el Corregidor y administraba las comunidades locales”. MELIÁ, Bartomeo. *op. cit.*, 1995, p. 35.

Segundo Meliá,

... en realidad, debajo de la formulación humanística del proyecto de Reducción estaría la voluntad de integrar los indios en el sistema colonial, colocar su sistema tribal bajo el control del Estado y concentrar mano de obra para el encomendero.<sup>89</sup>

### 3.3 – Sistema reducional espanhol: a experiência jesuítica

Os jesuítas desenvolveram sua ação missionária na América, com diferentes grupos nativos e em diferentes regiões, desde o México até o sul do Chile.<sup>90</sup> A região sul do continente começou a ser explorada pelos espanhóis a partir de 1516, após a descoberta da foz do Rio da Prata por Juan Díaz de Solís, quando procurava um caminho marítimo para chegar ao Pacífico. A cidade de Assunção, fundada em 1536 por Juan de Ayala, passou a ser o principal ponto de referência no processo de conquista e colonização dessas terras ocupadas por nações dos Charrua e Guarani. Estrategicamente situada no centro geográfico do Continente, vinculava-se pelo Paraná, Paraguai e Uruguai, ao Rio da Prata. A cidade possibilitava o acesso ao *Alto Peru*, atual Bolívia, onde se encontravam as cobiçadas jazidas de minérios.

Os nativos da região tinham características marcantes e basicamente opostas. Os *Charrua*, habitantes do Pampa, tradicionais caçadores coletores, eram povos guerreiros e indômitos. Durante todo o período colonial, até seu extermínio ou miscigenação, mantiveram sua independência, relacionando-se segundo seus próprios interesses ora com espanhóis, ora com portugueses.

Os *Guarani*, por outro lado, eram grupos provenientes da Amazônia que andavam em constante movimento, em busca de *um lugar ideal*.

<sup>89</sup> MELIÁ, Bartomeo. *op. cit.*, 1995, p.34.

<sup>90</sup> Ver figura 01, Anexo A. – Provincias y territorios misioneros de los jesuítas em Hispanoamérica. In KÜHNE, Eckart. *Las misiones Jesuiticas de Bolivia Martín Scmidt 1694-1772*. Pro Helvetia, Zürich, Santa Cruz de la Sierra, Bolivia, 1996.p. 17.

Povos agricultores e ceramistas, organizavam-se em *famílias extensas* e estruturavam seu grupo social em torno de um *tubichá*, e de um *pajé*, que, na estrutura guarani, desempenhava um duplo papel, o de curandeiro e o de *xamã*, para os aspectos espirituais. Apesar de seu *nomadismo* característico, foi com os Guarani que os jesuítas desenvolveram o maior sistema reducional da Província do Paraguai.

Verificada a necessidade de estruturar o trabalho de evangelização na região do Paraguai, os governadores espanhóis sugeriram que a Coroa confiasse a colonização da região às ordens religiosas organizadas. Solicitou-se que os jesuítas do Brasil passassem a atender também o Paraguai. Essa autorização, no entanto, foi inicialmente negada, considerando-se que a Província do Brasil estava vinculada à coroa Portuguesa.

Somente em 1585, chegaram ao Paraguai os primeiros jesuítas provenientes do Peru e, em 1587, os provenientes do Brasil, considerando-se que a partir de 1580, as coroas de Portugal e Espanha passaram a estar unidas.

Pelo lado espanhol, a primeira experiência jesuítica no campo das reduções foi a de Juli<sup>91</sup>, no Peru, utilizada como referência na estruturação do novo processo reducional no Paraguai. Sem dúvida, a experiência brasileira dos *aldeamentos* e as *estratégias de conversão* do Padre Manuel da Nóbrega também foram utilizadas como referência nesse processo inicial.

Como ordem *itinerante*, os jesuítas inicialmente reagiram à designação para realizar um trabalho *localizado* na missão de Juli. Depois de avaliarem objetivamente a necessidade e verificarem ser esta a

<sup>91</sup> A redução de Juli foi criada em 1578 nas margens do lago Titicaca, no Peru. Ali chegaram a conviver 9 000 índios divididos em quatro paróquias. Os jesuítas junto com os caciques coordenavam a administração civil e econômica da comunidade. ARMANI, Alberto. *op. cit.* p. 55. Ver figura 02 - Anexo A. Mapa da Província Jesuítica do Paraguai.

estratégia mais adequada à conversão, admitiram, formalmente, sua vinculação a um local estabelecido.

Em 9 de fevereiro de 1604, foi constituída a Província Jesuítica do Paraguai<sup>92</sup>, independente das Províncias do Peru e do Brasil. Segundo Armani, *designou-se como seu primeiro responsável Diego de Torres Bollo*<sup>93</sup>, que havia sido Superior da Redução de Juli, dinâmico e empreendedor.<sup>94</sup>

O Padre Torres também se fundamentou nas experiências dos franciscanos em terras paraguaias assim como na sua própria, no Peru. Tomou a iniciativa de assegurar a adoção de alguns princípios considerados básicos para a nova ação missionária que então se estruturava. Inicialmente procurou se informar acerca da situação da Companhia, visitando:

Santiago del Estero, en Córdoba, y en Buenos Aires, y al tanto ya de cómo estaban los que se hallaban en Chile, que también caían bajo su jurisdicción, se trasladó a Asunción de Paraguay, con igual objetivo.<sup>95</sup>

Segundo Furlong<sup>96</sup>, logo após, em 1609, o padre Torres procurou o Governador do Paraguai, Hernando Arias de Saavedra, (...) *um homem de tamanha relevância social e de tão nobres ideais como ele*. Ao mesmo tempo, buscou assegurar com o Bispo do Paraguai, Monsenhor Reinaldo de Lizarraga, *dois pontos de grande transcendência para cimentar a obra que se intentava realizar*.

Os pontos requeridos pelo Padre Torres referiam-se à questão econômica e à liberdade dos índios. Solicitava que *a cada grupo de*

<sup>92</sup> A nova província jesuítica abrangeia os territórios do atual Paraguai e áreas da Argentina, Brasil, Uruguai, Chile e Bolívia. Ver figura 1.

<sup>93</sup> O Padre Diego de Torres (1550-1638), antes de ser o primeiro Provincial da Província Jesuítica do Paraguai, trabalhou na missão de Juli, no Peru, onde praticou a evangelização de nativos. Em 1603, publicou *Relatione Breve*, uma das memórias mais antigas referentes ao Rio da Prata. FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 327.

<sup>94</sup> ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p. 64.

<sup>95</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 91.

missionários jesuítas, geralmente dois ou três, o Erário Real pagasse uma *pensão* ou *sínodo* que era sempre outorgado a todos os outros párocos. Da mesma forma, pedia que os índios estivessem livres do *serviço pessoal*, mas *encomendados* diretamente ao Rei. As propostas foram aceitas e o governador, inclusive, determinou que os missionários recebessem também *um cálice, um sino e ornamentos*. Para garantir que essas decisões fossem mantidas, Diego de Torres escreveu ao Rei, obtendo do *Conselho de Índias*<sup>97</sup> a confirmação de suas demandas.

Um outro ponto previamente definido de comum acordo foi o que se referia à escolha do local para o início da ação de evangelização. As alternativas propostas eram as terras situadas entre as duas frentes de ocupação - a espanhola e a portuguesa - uma região que se constituiu como *uma barreira ao avance português*.

El 26 de noviembre de 1609 puede ser considerado – desde el punto de vista jurídico y no político el día del nacimiento de la iniciativa religioso-administrativa de la Compañía de Jesús en Paraguay.<sup>98</sup>

Dessa forma, o governador do Paraguai baixou uma Ordenação, proibindo os espanhóis de entrarem na região do *Guairá*<sup>99</sup> com a finalidade de recrutar índios para o serviço pessoal. A região, a partir dessa data, passou a ser de responsabilidade exclusiva dos jesuítas cuja ação foi desenvolvida, inicialmente, por meio do sistema de *missões itinerantes*.

Em 1611, o inspetor real Francisco de Alfaro foi enviado à Audiência de Charcas para verificar a situação dos índios e *regulamentar as relações das Reduções da Companhia de Jesus com el resto do mundo*

<sup>96</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 91.

<sup>97</sup> O Conselho Real e Supremo das Índias foi uma instituição espanhola, com sede em Madri, com status de ministério, criada em 1524 por Carlos V, especificamente para assessorar o Rei em aspectos relativos ao Novo Mundo.

<sup>98</sup> ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p. 67.

<sup>99</sup> Região hoje localizada no oeste do Estado do Paraná.

*colonial e com a administração espanhola.*<sup>100</sup>

Como decorrência dessa visita, Alfaro emitiu duas importantes Ordenações. A primeira era relativa às relações dos espanhóis com os índios e regulamentava, de maneira geral, a *instituição da encomenda*. A segunda era específica para a ordem dos jesuítas e excluía os índios de suas reduções da prestação de serviço pessoal. A partir de então, nas reduções jesuíticas, os guaranis passaram a poder ser encomendados *diretamente* ao Rei. O acontecimento era sempre mencionado por uma expressão que dizia estarem os índios *na cabeça do Rei*. Tais Ordенаções foram referendadas pelo Conselho das Índias em 1618.

O fato de os nativos das reduções estarem encomendados *diretamente* ao Rei significava o pagamento de impostos *em espécie* e a prestação de serviços *especiais*, - como os de segurança ou os de mão de obra em construções -, sempre atendendo a chamados da administração pública espanhola.

Dessa forma, durante mais de cento e cinqüenta anos, os missionários evangelizaram os Guarani, em diferentes regiões, estruturando um sistema reducional que, em seu apogeu, foi constituído por trinta povoados, articulados por uma rede de estradas, portos e ligações pluviais, entre estâncias de gado, lavouras e ervais, chegando a envolver cerca de 150 mil índios e 457 jesuítas.<sup>101</sup>

A propalada *pujança* do sistema reducional e sua relativa *autonomia* despertaram diferentes campanhas contra os jesuítas. A principal foi capitaneada pelo português Marquês do Pombal. Em sua obra<sup>102</sup> referente à ação jesuítica nas missões, Pombal, mediante a apresentação de documentos, acusou-os, entre outras coisas, de: proibir o acesso de

<sup>100</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.* p. 48.

<sup>101</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 315.

<sup>102</sup> CARVALHO e MELO, Sebastião José de. *República jesuítica ultramarina*. Transcrição da primeira edição de Lisboa 1757, Martins Livreiro, Porto Alegre, 1989.

eclesiásticos e particulares nas missões; proibir o uso do idioma espanhol nas reduções; promover uma catequese que determinava a obediência cega aos jesuítas, *o que era pior que escravidão*; ensinar que não existia na terra poder superior aos dos padres, fazendo com que ignorassem que tinham um Rei; manter a ignorância acerca da existência de leis que não fossem as dos padres; fazer crer que todo homem branco era igual ao demônio e, portanto inimigo; exercitar os índios para a guerra; e ainda de incitar os índios contra os dois monarcas.

A campanha de Pombal conseguiu articular a reação efetiva das duas coroas. Segundo Pesavento,

Zona economicamente rica e constituindo ameaça política à segurança das monarquias ibéricas, a região dos Sete Povos foi colocada em pauta nas disposições do Tratado de Madri, acertado entre Portugal e Espanha em 1750.<sup>103</sup>

O Tratado de Madri determinou, entre outras coisas, que os povoados dos *Sete Povos*<sup>104</sup> fossem abandonados e que as terras da *Banda Oriental* passassem ao domínio português, em troca da Colônia do Sacramento<sup>105</sup>. Houve reação dos guaranis, que, após muitas *démarches* decidiram resistir, provocando a *Guerra Guaranítica*<sup>106</sup>.

Como conseqüência desse processo, os jesuítas foram expulsos de Portugal (1759), da Espanha (1767)<sup>107</sup> e da América (1768). Furlong aponta, em sua visão de jesuíta,

... dois motivos principais que causaram a expulsão e a extinção da Companhia de Jesus: As reduções estabelecidas por esta em

<sup>103</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. 3<sup>a</sup> ed., Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984, p. 12.

<sup>104</sup> Denominação utilizada para os povoados localizados na Banda Oriental do Rio Uruguai, os Sete Povos *insurretos*.

<sup>105</sup> Povoação Portuguesa fundada em 1680, em território *espanhol*, na margem esquerda do Rio da Prata, na altura de Buenos Aires. Ver SÁ, Simão Pereira de. História topográfica e bélica da nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata. Porto Alegre: Arcano 17, 1993. 2v.

<sup>106</sup> A Guerra Guaranítica (1754-1756) uniu as cortes portuguesa e espanhola contra a reação dos missionários e foi classificada por muitos autores como um genocídio. Segundo Tau Golim, *foram mortos nesta guerra mais de 1800 índios*. GOLIM, Tau. 1998, p. 597.

<sup>107</sup> Por Decreto Real de 21 de fevereiro de 1767. GOLIM, Tau. 1988, p. 214.

toda a fronteira luso-hispânica impedia o avance dos portugueses sobre os territórios espanhóis, e era mister tão taimada como eficazmente acabar com esta muralha e Portugal, graças a Carvalho, que preparou os espíritos, envenenando-os com as calúnias mais arteiras, conseguiu o que pretendia, e pode assim apropriar-se, em solo do Rio da Prata, de um terço do que era espanhol. Esta foi a primeira causa. A segunda foi que os jesuítas, em conformidade com as doutrinas tradicionais, dominantes entre os católicos sobre a origem do poder, e da origem divina dos Reis, sustentavam que a autoridade vem de Deus, mas não aos próprios Reis, mas ao povo, que os outorgam ao príncipe condicionalmente, mediante uma espécie de contrato político, com deveres e direitos por parte de ambos os contratantes.<sup>108</sup>

Os povoados missioneiros passaram, a partir de então, a ser gerenciados, como os demais povoados espanhóis, por administrações civis, que trouxeram outras ordens religiosas como a dos *dominicanos*, *franciscanos* e *mercedários*. A fragilidade da nova situação e a modificação do *conceito estruturador* do projeto de evangelização jesuítica provocou o gradativo esvaziamento dos povoados e a decadência de suas estruturas físicas, encerrando com o sistema reducional. Muitos nativos foram levados para outras regiões ou abandonaram suas terras tradicionais. Os novos colonos europeus, que chegaram em fins do século XIX, contribuíram para a destruição dos remanescentes, retirando materiais para suas novas construções. Também contribuíram para essa destruição os caçadores de tesouros, movidos pela fantasia do famoso *tesouro dos jesuítas*.<sup>109</sup> Restaram vestígios arqueológicos e populações descontextualizadas.

Tal desfecho não foi exatamente análogo nas missões jesuíticas de Chiquitos na Bolívia. Com um processo histórico semelhante, mas com uma localização em florestas tropicais, isoladas e de difícil acesso, acabaram subsistindo, apesar das nefastas administrações civis. Até hoje

<sup>108</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*

<sup>109</sup> Acerca do *tesouro dos jesuítas*, encontramos no museu de Piratini um antigo mapa que registra sua *localização*. Esse curioso documento foi restaurado na Fundação Casa de Rui Barbosa e teve sua descrição técnica publicada. Ver: DE ALBITE SILVA, Sergio C. *Legenda domino tesorum ourum*. Rio de Janeiro: FCRB, 1994.

os povoados continuam mantendo suas populações nativas, sua arquitetura e muitos dos costumes missioneiros.

Se por um lado as reduções jesuíticas se organizaram *a partir de regras comuns* ao sistema reducional das outras ordens religiosas, principalmente no que se refere aos aspectos administrativos, o fato de terem tido a possibilidade de assegurar uma certa *autonomia administrativa e econômica*, dentro do mesmo sistema colonial, foi fundamental para oportunizar o desenvolvimento de um preceito administrativo peculiar, aperfeiçoado dentro do próprio processo histórico-cultural para o qual as estruturas arquitetônicas e a organização espacial urbana em muito contribuíram.

### 3.4 – O povo de São Miguel Arcanjo: trajetória histórica

O povo da redução de São Miguel Arcanjo, antes do estabelecimento definitivo no local onde ainda hoje se preservam seus vestígios arquitetônicos e arqueológicos, passou por dois outros lugares. O primeiro, no território denominado de *Tape*, foi ocupado como decorrência do abandono dos jesuítas das regiões do *Guairá* e do *Itatim*<sup>110</sup>, provocada pelos sucessivos ataques dos *mamelucos*<sup>111</sup> paulistas. Segundo Sandra Pesavento:

Sendo atacadas as reduções do Paraguai, os padres, para fugirem dos paulistas penetraram no território rio-grandense em 1626, estabelecendo reduções na chamada zona do ‘Tape’. Esta área estendia-se pela bacia do Jacuí, por um lado, limitando-se, por um lado com os contrafortes das serras do Mar e com o rio Uruguai, por outro.<sup>112</sup>

A primeira redução de São Miguel Arcanjo foi fundada em 1632

<sup>110</sup> Essas três zonas atualmente se localizam em território brasileiro, nos Estados do Rio Grande do Sul, do Mato Grosso do Sul e do Paraná, respectivamente.

<sup>111</sup> Designação comumente utilizada na América espanhola para os bandeirantes paulistas considerados mestiços de português com índio.

<sup>112</sup> PESAVENTO, Sandra. *op. cit.*, p. 8.

pelos padres Cristóvão de Mendoza e Pablo Benavides<sup>113</sup>. Para Furlong,

San Miguel fue la segunda de las Reducciones que se establecieron al oriente del Río Uruguay y la primera que hubo en la serranía del Tape. La emplazaron ... sobre la margen derecha del Ybicuí, en el llamado Rincón de San Pedro<sup>114</sup>. En las puntas de la sierra de este mismo apelativo.<sup>115</sup>

O povo de São Miguel permaneceu nessa localização até 1637, quando, devido à persistência das invasões de bandeirantes, juntamente com os habitantes dos demais povoados da *Banda Oriental* do Rio Uruguai, teve suas incipientes povoações abandonadas e as populações transferidas para o outro lado do mesmo rio, em território atualmente argentino.

Sua segunda localização foi perto do povoado de Concepción, onde, segundo Porto<sup>116</sup> (...) *levantaram os miguelistas suas casas e igreja, dedicando-se ao amanho de suas terras*. Em 1642, um vendaval praticamente destruiu esta incipiente povoação, *ficando a igreja em escombros*. O irmão Domingos de Torres, segundo o mesmo autor,

Não sendo arquiteto, mas sempre realizador de tudo em que se empenhava, levantou outra coberta de telhas, que ficou tão linda como as igrejas da Espanha.

Furlong<sup>117</sup> acrescenta que esse jesuíta (...) *ressarciu esses males com preces, dispondo um povoado mais bem planejado e melhor construído*.

Passadas as invasões bandeirantes, o povo da Redução de São Miguel trasladou-se novamente em 1687, voltando para a Banda Oriental do Rio Uruguai. Segundo Furlong,

<sup>113</sup> Cristobal de Mendoza, peruano, natural de Santa Cruz de la Sierra (1583-1635) e Pablo Benavides, espanhol, um dos primeiros missionários do Tape. (- 1656). FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 335.

<sup>114</sup> Acredita-se que tenha sido localizada em terras que pertencem ao atual município gaúcho de São Pedro do Sul.

<sup>115</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 141.

<sup>116</sup> PORTO, Aurélio. História das missões orientais do Uruguai. Porto Alegre: Selbach, 1954. p. 58.

... la población de San Miguel aumentaba rápidamente y reconocieron sus Curas que necesitaba ella mayor espacio y a ese fin, (...) el que ya contaba con más de 3 000 habitantes ...<sup>118</sup>

Assentou-se em sua localização definitiva, numa nova posição geográfica e não mais no local de seu *primitivo sítio* ao qual se referiu Furlong, onde permaneceu sob a direção dos jesuítas por cerca de 70 anos.

### Segundo Porto,

Localiza-se entre o Piratinizinho e o Santa Bárbara, afluentes do Rio Piratini, numa distância de dez léguas de São Luiz que por sua vez estava a igual distância de São Nicolau.<sup>119</sup>

Na mesma obra, Aurélio Porto se refere ao astrônomo jesuíta Boaventura Suarez<sup>120</sup> que registra: (...) *esta redução situa-se a 28°25' de Latitude Sul e 323°45' de Longitude Leste.*

Existem controvérsias acerca da localização *precisa* dessa redução quando de seu retorno em 1687 ao território atualmente brasileiro. Se foi diretamente para o local onde se encontram os seus remanescentes, ou se, inicialmente, localizou-se em terras perto da *serra de Jaguari*, de onde seu povo teria saído três anos depois, devido aos constantes ataques de animais ferozes, para sua situação definitiva. Para Furlong, (...) *e segundo alguns opinam, antes de localizar-se em 1690, onde hoje se encontram suas ruínas majestosas sobre o Rio Jaguari ou Nhangaraú, infestado de feras*.<sup>121</sup>

De qualquer forma, a povoação começa, enfim, a estruturar-se e a acomodar sua numerosa população. Para Porto, já em 1690,

<sup>117</sup> PORTO. Aurélio. *op. cit.*, p. 141.

<sup>118</sup> PORTO. Aurélio. *op. cit.*, p. 176.

<sup>119</sup> PORTO, Aurélio. *op. cit.*, p. 28.

<sup>120</sup> Boaventura Soares, (?-1750) astrônomo Jesuíta, foi o primeiro a localizar os povoados missionários usando coordenadas geográficas. Construiu um observatório astronômico nas missões, telescópios, instrumentos matemáticos, e publicou em 1744 o seu *Lunario de un siglo*. FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 29.

<sup>121</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 176.

... os índios estavam construindo uma ampla casa de seis aposentos para os padres, estando, nessa ocasião, bastante adiantadas outras 100 casas destinadas aos índios, todas cobertas de telhas de barro. (...) São Miguel era a mais populosa de todas as reduções, pois contava, quando se estabeleceu aí, 4195 almas, divididas em 1057 famílias.<sup>122</sup>

A Carta Ânua de 1700 informa que apesar de existir uma igreja provisória, já se pensava em construir outra, (...) *com mais capacidade e mais digna*. Furlong também registra que,

... se comienza a abrir los cimientos de una iglesia que se desea hacer para la gloria y la honra de Nuestra Señora y de su santo Arcángel, para cuya fabrica se aplican al trabajo con grande fervor buscando los materiales para ello.<sup>123</sup>

Essa obra, no entanto ainda não se refere à igreja construída três décadas depois, cujos remanescentes encontram-se preservados.

A nova redução teve um grande crescimento demográfico. Alguns anos depois, para seu melhor funcionamento, foi necessário providenciar a divisão de sua população, o que ocorreu com a fundação de uma *nova colônia*, nas proximidades, dez anos após. Para realizar este empreendimento, foi designado o Padre Antônio Sepp<sup>124</sup> que fundou a redução de São João Batista, a qual, segundo Aurélio Porto<sup>125</sup>, se *torna padrão para as outras reduções*.

Além do povoado, a redução de São Miguel gerenciava também a Estância de mesmo nome, que se constituiu num dos maiores centros jesuíticos de criação de gado, considerada a principal fonte de riqueza econômica da região platina desde então.

A grande igreja de São Miguel foi provavelmente projetada pelo

<sup>122</sup> PORTO, Aurélio. *op. cit.*, p. 60.

<sup>123</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 176.

<sup>124</sup> Anton Sepp von Rechegg, (1655-1733), nasceu em Kaltern, no Tirol (hoje Alemanha). Ingressou para a Companhia de Jesus em 1674. Era músico e chegou às missões em 1691, trabalhando em Japejú, São José, São Miguel, fundando São João Batista em 1697. Foi responsável pela primeira fundição de ferro nas missões e pela organização do primeiro conservatório musical da região do Rio da Prata. Conforme FURLONG. *op. cit.*, p. 320.

arquiteto jesuítico, nascido em Milão, Gian Battista Primoli<sup>126</sup> que ali chegou por volta de 1730 e trabalhou em várias obras com Andrea Bianchi. Ele também foi autor do Cabildo de Buenos Aires da catedral de Córdoba, na Argentina, e da igreja de Trinidad, nas missões do Paraguai<sup>127</sup>. Diversos autores pressupõem que a construção do templo tenha se iniciado em 1735 e tenha sido concluída entre 1744 e 1747.

Quando da Guerra Guaranítica, a redução de São Miguel foi palco de importantes ocorrências político-militares, principalmente em função de seu corregedor à época ser o índio Sepé Tiarajú<sup>128</sup>, que se destacou como um dos líderes da resistência indígena.

Em 18 de maio de 1756, as tropas militares de Espanha e Portugal ocuparam São Miguel.

Entrou-se no povo sem oposição alguma, por estar abandonado, e ardendo o aposento dos padres, a que foi preciso acudir, por se ir comunicando à Igreja, andando já perto da sacristia.<sup>129</sup>

Nessa época, eram responsáveis pela redução o padre José Inácio Umeras (1724-?), argentino, e o companheiro Isidoro de Rojas (1696-?), paraguaio, segundo Porto<sup>130</sup>.

Em 1757, voltando da campanha das missões, o general Gomes Freire de Andrade se fez acompanhar de setecentas famílias provenientes dos sete povos, que vieram a arranchar-se nas proximidades de Rio Pardo, constituindo as povoações São Nicolau da Cachoeira e Aldeia dos

<sup>125</sup> PORTO, Aurélio. *op. cit.*, p. 29.

<sup>126</sup> Arquiteto jesuítico milanês chegou ao Rio da Prata em 1717, junto com Andrea Bianchi. Foi responsável pelos projetos das igrejas de Concepción, das estâncias de Alta Gracia e Jesus Maria e do colégio de San Ignacio de Buenos Aires. FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 554-558.

<sup>127</sup> Francisco de Ribera, jesuítico espanhol, é também citado como possível autor ou colaborador na construção da igreja de São Miguel e José Grima, como autor do seu pórtico. MAEDER, Ernesto e GUTIERREZ, Ramón. *op. cit.*, 1994, p.29.

<sup>128</sup> Cacique Tiaraiusepê - José Tiarayú – morto em 7 de fevereiro de 1756 junto ao Rio Vacacaí. GAY, Pedro. *op. cit.* p. 751. Corregedor de São Miguel, líder dos Guarani, atribui-se a ele a famosa frase *Esta terra tem dono*.

<sup>129</sup> Diário da Expedição de Demarcação da América Meridional e das Campanhas das Missões do Rio Uruguai, de José Custódio de Sá e Faria. GOLIM, Tau. *op. cit.*, p. 489.

Anjos.

O Tratado de Madri foi anulado em 1761, por outro acordo celebrado em *El Pardo*, na Espanha e os povoados missionários retornam à administração espanhola.

Com a determinação da expulsão dos jesuítas em 1767, coube ao Tenente General D. Francisco de Paula Bucarelli, governador de Buenos Aires, a execução dessa ordem e a coordenação e administração dos povoados. Para tanto, segundo Porto, D. Francisco

... dividiu as Missões em duas administrações gerais, (...) a segunda, que se compunha dos Sete Povos da Banda Oriental e mais três da ocidental, foi posta sob a administração de D. Francisco Bruno de Zavalla.<sup>131</sup>

O sistema administrativo proposto, baseado numa *Instrução*, não funcionou e em 1770 foi substituído por uma nova instrução, a *Adição*, com novos regulamentos, que dividiam o território missionário em quatro departamentos, em que São Miguel ficou como a *capital* dos Sete Povos. Para São Miguel, veio como administrador Esteban Vergara e como padres, Sebastião Mareco e Pedro Mayan, ambos dominicanos. O sistema reducional entrou em colapso devido à voracidade dos administradores e à falta de autoridade dos padres e os índios passaram a abandonar os antigos povoados, indo viver em estâncias ou em outros sítios.

Posteriormente, o Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, anula os anteriores e, em 8 de agosto de 1801, o soldado português José Borges do Canto (1775-1804) invade São Miguel e, após cinco dias de batalha, conquista definitivamente o território dos Sete Povos para o Brasil, o que vem a ser corroborado pelos acordos de limites estabelecidos pelo Barão de Rio Branco, no início do século XIX.

<sup>130</sup> PORTO, Aurélio. *op. cit.*, p. 249.

<sup>131</sup> PORTO, Aurélio. *op. cit.*, p. 252.

A redução de São Miguel passou, a partir de então, a ser administrada pelos portugueses e segundo Porto<sup>132</sup>

De 1801 a 1828, ano em que praticamente se extinguem as Missões Orientais do Uruguai, com a despovoação completa de seus Povos, cujos moradores acompanham D. Frutuoso Rivera,<sup>133</sup> e funda Bela Unión, dirigiram as Missões, como governadores militares e administradores gerais, vários oficiais de tropas regulares ou de milícias.

À frente da redução de São Miguel, estiveram o capitão José Limaco Boroné, o tenente Pedro Arassage e o alferes Miguel Ibarí.<sup>134</sup>

Viajantes que estiveram em São Miguel durante o século XIX, como Auguste Saint Hilaire<sup>135</sup>, em 1821, Demersay, em 1846, Hermetério José Veloso da Silveira, em 1856, Roberto Avé-Lallémant<sup>136</sup>, em 1858 e Jean Pierre Gay, que foi vigário de São Borja entre 1850 e 1875, descreveram suas características e o seu estado de arruinamento. Eles foram pioneiros em propagar a grandiosidade da experiência missionária a partir do conhecimento direto de seus vestígios materiais.

O abandono da região por mais de um século permitiu que a vegetação crescesse e se transformasse em grandes árvores nas paredes e no interior da nave da Igreja. Aventureiros em busca do difundido tesouro dos jesuítas esburacaram estruturas e fundações dos edifícios missionários. Segundo Silveira<sup>137</sup>, os telhados começaram a ruir e o pórtico desabou por ação de um raio em 1886. A ação humana também

<sup>132</sup> PORTO, Aurélio. *op. cit.*, p. 326.

<sup>133</sup> Durante a Campanha da Cisplatina em 1828, sob o comando de D. Diego Rivera, São Miguel e outras missões foram saqueadas, sendo levadas famílias de índios e um carregamento de mais de sessenta carretas de estátuas, ornamentos, sinos e alfaias para o Uruguai.

<sup>134</sup> PORTO, Aurélio. *op. cit.*, p. 343.

<sup>135</sup> Naturalista francês (1779-1853). Veio para o Brasil em 1816 para estudar a flora brasileira. Esteve nas missões em 1820-1821 registrando que São Miguel era a mais conservada das aldeias até o momento visitadas. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1820-1821). Rio de Janeiro, Ariel, 1935.

<sup>136</sup> AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul* (1858). São Paulo: Ediusp, 1980.

<sup>137</sup> SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. *As Missões Orientaes e seus antigos domínios*. Porto Alegre: Universal, 1910. p. 247.

contribuiu para a destruição do povoado. Os colonos que chegaram no final do século XIX na região utilizaram as pedras e outros materiais da redução para suas novas construções.

Foi no início do século XX que passou a ser reconhecido o valor cultural dos remanescentes dos *belos e majestosos edifícios*, que passaram então a ser preservados. O Governo do Estado do Rio Grande do Sul realizou as primeiras obras de consolidação de estruturas entre 1925 e 1927.<sup>138</sup>

Em 1937, durante o governo de Getúlio Vargas, após a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, as ruínas da Igreja de São Miguel são tombadas dentro de um projeto de construção de *identidade nacional*, correspondendo aos ideais *nacionalistas* de então. O arquiteto Lucio Costa foi encarregado pelo primeiro Diretor do SPHAN para dar diretrizes no sentido da preservação dos remanescentes missioneiros, desenvolvendo como decorrência o projeto para o Museu das Missões,<sup>139</sup> construído para abrigar uma centena de imagens sacras *barroco-missioneiras* recolhidas na região<sup>140</sup>.

Desde então, o IPHAN tem executado obras e ações de preservação envolvendo pesquisa, documentação, proteção, conservação e difusão. Em 1983, a UNESCO declara as ruínas da igreja de São Miguel, Patrimônio Mundial.

Pode-se dizer que a *estrutura funcional* do sistema reducional missionário foi resultado de um processo de *longa duração*, precedido pelas experiências das missões *itinerantes*, apoiadas nos *colégios* ou nas *residências* que não produziram os resultados de conversão desejados.

<sup>138</sup> Obras realizadas sob a coordenação do Eng. Vinícius de Abreu Dahne. Relatórios arquivados na Biblioteca da Secretaria de Obras públicas do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>139</sup> Sobre a obra de Lucio Costa no Museu das Missões, ver também: LUZ, Maturino. *Lucio Costa no Sul: o Museu das Missões*. In Arquitetura, História e Crítica - Revista da Faculdade de Arquitetura Ritter dos Reis, nº2. Porto Alegre, 2000.

<sup>140</sup> As imagens foram recolhidas pelo primeiro zelador do Museu, Sr. Hugo Machado.

Para esse *resultado*, contribuíram as diferentes experiências jesuíticas adquiridas em várias frentes de trabalho, nas Índias Orientais e na América, que foram sendo adaptadas às realidades locais, moldando procedimentos e características próprias.

Ao longo do processo, contribuíram significativamente o sistema de circulação de informações entre as diferentes casas da Companhia, formalmente estruturado por meio das *Constituições*. Passado o período da discussão inicial sobre a *legitimidade da conquista* e os *métodos de conversão* utilizados com os *pagãos do Novo Mundo*, o *modo de proceder jesuítico* foi adaptado às necessidades das estratégias de conversão e a característica *itinerante* da ordem modificou-se tanto na prática como formalmente.

Como resultados objetivos desta transformação encontravam-se as *aldeias de índios*, iniciadas por Nóbrega no lado brasileiro e as *reduções*, no território espanhol. Em ambos os processos, consolidaram-se características peculiares, principalmente nos aspectos referentes ao sistema gerencial.

Como estratégias de conversão, Nóbrega utilizou pioneiramente a manutenção da língua nativa, a busca da interface entre os mitos indígenas e os fundamentos da doutrina cristã, a cura das doenças trazidas pelos europeus, justificando inclusive a utilização do *medo*.

Para a consolidação do sistema reducional jesuítico, contribuíram a instituição do *Patronato Real* e a experiência da redução de Juli, no Peru, referência reconhecida desde então, que influenciou a formulação das bases *funcionais* da Província Jesuítica do Paraguai.

Sob o ponto de vista histórico, é importante reiterar que a redução de São Miguel Arcanjo esteve no centro dos acontecimentos decorrentes da implantação do *Tratado de Madri* e da *Guerra Guaranítica*.

Como conclusão geral deste capítulo, verificamos que a estruturação *funcional* do sistema reducional na Província Jesuítica do Paraguai foi fruto do somatório das diversas experiências que o antecederam, de outras ordens religiosas, de outras culturas nativas, da discussão intelectual e doutrinária e da própria prática no cotidiano e na interação dessas culturas.

Do ponto de vista *institucional*, pode-se concluir que os pressupostos estabelecidos nas *Leis das Índias* e nas demais ordenações ditadas pela Coroa Espanhola davam *cobertura*, de maneira genérica e abrangente, às relações *funcionais* entre europeus e povos americanos.

É necessário enfatizar, no entanto, que, no que se refere aos aspectos *físicos* no âmbito das reduções, essas diretrizes para *novas fundações* eram *suficientemente difusas* para permitir o enquadramento de diferentes configurações espaciais urbanas, mas ao mesmo tempo, eram *insufficientemente precisas* para definir um modelo espacial específico.

## 4 – O SISTEMA REDUCIONAL MISSIONEIRO: ASPECTOS TIPOLÓGICOS DA ARQUITETURA E DOS ORDENAMENTOS URBANOS

Para entendermos a estrutura urbana da redução de São Miguel Arcanjo, sob o ponto de vista dos aspectos *tipológicos* de sua arquitetura e de seus ordenamentos urbanos, torna-se necessário explicitar as bases dessas características no âmbito dos sistemas colonial espanhol e do reducional missionário, aos quais esteve associada. É preciso relacioná-las também com aspectos ambientais e culturais das populações envolvidas.

### 4.1 – Referências Conceituais

Se a definição dos *princípios operacionais* para o desenvolvimento da ação missionária no âmbito da Província Jesuítica do Paraguai foi produto de uma clara intenção e de alguma concepção prévia, pela qual o Padre Diego de Torres Bollo tem grande responsabilidade, os aspectos *morfológicos* relativos às *características espaciais* e à própria *arquitetura*, parecem ter sido fruto de um processo de evolução, que inclui diferentes variáveis, como ambiente, personagens e sua cultura, em *etapas* que, de maneira geral, já foram identificadas e propostas por alguns autores.

Antes, porém, de entrar na discussão dos aspectos que se referem ao tema principal deste trabalho, consideramos fundamental precisar alguns conceitos e definições.

O primeiro refere-se ao conceito de *redução* que é apresentado

com dois significados diferentes: como *povo* ou *população* e como *locus* ou *lugar*.

A maioria dos autores que abordam o tema das missões, principalmente os jesuítas, quando falam de uma *redução* referem-se basicamente ao seu *povo*, a sua gente. Muitas das reduções cujas populações por diferentes motivos tiveram que se deslocar no território, como ocorreu com a de São Miguel, geralmente mantiveram a mesma *denominação* nas diferentes localizações onde se assentaram. Este fato pode ser considerado como responsável por muitas confusões, principalmente quando das descrições das características *espaciais* de reduções específicas, que *nem sempre* se referem a *um mesmo local*.

O conceito que denomina ou designa um *povo*, independentemente do *espaço* que ocupa, pode ter origem na definição da *polis* grega. Françoise Choay<sup>141</sup>, parafraseando a E. Béneveniste, em seu *Vocabulário das Instituições indo-européias*, coloca que (...) *tradicionalmente*, ‘a *polis*’ é *primeiramente uma comunidade de indivíduos antes de ser um espaço*.

No campo especializado da arquitetura, a denominação de um *assentamento humano* é algo intrinsecamente indissociável de seu *lócus*. Ele *constitui* o próprio lugar. Dessa maneira, a descrição e a análise de um espaço, sob a ótica do arquiteto, deve ser, necessariamente, vinculada ao ambiente físico onde se situa, assenta, localiza ou fixa.

O segundo refere-se ao conceito de *organização espacial* das reduções missionárias. Neste trabalho, estamos utilizando para os *assentamentos urbanos* o conceito genérico, já mencionado, proposto por Françoise Choay<sup>142</sup>, de *ordenamentos urbanos* – (...) *cuja racionalidade testemunha claramente uma reflexão específica* –, uma vez que o termo *urbanismo*, segundo a mesma autora, aparece historicamente muito depois.

---

<sup>141</sup> CHOAY, Françoise. *op. cit.*, p. 18.

... somente a partir da segunda metade do século XIX é que o discurso fundador de espaço enunciou suas pretensões científicas e designou seu campo de aplicação com o termo urbanismo; este termo, na verdade foi criado, e definida a vocação da nova ‘ciência urbanizadora’, em 1867, por I. Cerdá.<sup>143</sup>

Nessa área, Choay também classifica o *discurso escrito* acerca do espaço da cidade em duas categorias:

Os primeiros contribuem para construir o mundo construído, para edificar novos espaços: chamá-los-ei de realizadores. Os segundos quer privilegiem a imaginação, quer a paixão, quer a reflexão, não intentam escapar ao universo do escrito; por isso, chamá-los-ei de comentadores.<sup>144</sup>

Na mesma linha, complementa:

Chamarei prescritivos os textos realizadores nascidos imediatamente dessa relação original com o sagrado: eles enunciam, para a organização do espaço edificado, regras incondicionais dependentes de uma ordem transcendente.<sup>145</sup>

Assim, neste trabalho, abordaremos *textos* considerados *realizadores*, aqueles utilizados como referência para a estruturação de espaços e edificações, e os de tipo *comentadores*, constituídos por descrições ou reflexões acerca dos mesmos espaços. Além dos textos escritos, de diferentes procedências, também utilizaremos como referência as representações gráficas e as *iconografias* que se constituem nas principais formas de expressão e linguagem dos arquitetos, valendo-nos do mesmo tipo de enquadramento teórico-conceitual.

Cabe ainda identificar a referência utilizada para abordar a análise das relações existentes entre o *tipo edificatório* e a forma urbana. Para a análise *tipo-morfológica* aplicada ao sistema reducional, estamos utilizando como referência os antigos conceitos de *tipologia* atualizados

<sup>142</sup> CHOAY, Françoise. *op. cit.*, p. 16.

<sup>143</sup> CHOAY, Françoise. *op. cit.*, p. 3.

<sup>144</sup> CHOAY, Françoise. *op. cit.*, p. 15.

<sup>145</sup> CHOAY, Françoise. *op. cit.*, p. 20.

pelos italianos Carlo Aymonino e Aldo Rossi<sup>146</sup> nos anos 70 do século XX.

Aymonino<sup>147</sup> diferencia uma abordagem *instrumental*, de tipo operacional, de outra, de caráter mais *prospectivo* relacionada com o aprofundamento de estudos a respeito realizados mais recentemente.

Rossi<sup>148</sup> faz referência à evolução do conceito de *tipo* na história, definindo-o como (...) *qualquer coisa de permanente e de complexo, um enunciado lógico que está antes da forma e que a constitui*. Rossi também se remete ao conceito proposto por *um dos maiores teóricos de arquitectura, Quatremére de Quincy*.<sup>149</sup>

... A palavra ‘tipo’ não representa tanto a imagem de uma coisa a copiar ou a imitar perfeitamente quanto a idéia de um elemento que deve ele próprio servir de regra ao modelo... . O modelo, entendido segundo a execução prática da arte, é um objecto que se deve repetir tal qual é; o tipo é, pelo contrário, um objecto segundo o qual cada um pode conceber obras que não se assemelhem nada entre si. Tudo é preciso e dado no modelo; tudo é mais ou menos vago no tipo. Assim, nós vemos que a imitação dos tipos não tem nada que o sentimento ou espírito não possam reconhecer.<sup>150</sup>

De maneira geral, o conceito de *tipo* refere-se a um conjunto de características relacionadas com *forma* e *função* de elementos arquitetônicos ou urbanos, em recortes estabelecidos de acordo com a situação. Estas características se repetem na maioria dos componentes de um *universo* definido, objeto de pesquisa, e permitem a organização de conjuntos reconhecíveis e identificáveis, as *tipologias*, como pertencentes a um mesmo grupo ou a uma mesma matriz. Dessa forma, diferenciam-se do conceito de *modelo*, que se refere à utilização de um mesmo *projeto* para uma reprodução *mecânica*, em série.

<sup>146</sup> AYMONINO, Carlo. *El significado de las ciudades*. Madrid: Blume, 1981 e ROSSI, Aldo, *A arquitectura da cidade*. Cosmos: Lisboa, 1977.

<sup>147</sup> AYMONINO, Carlo. *op. cit.*, p. 95.

<sup>148</sup> ROSSI, Aldo. *op. cit.*, p. 43.

<sup>149</sup> Antoine Crysostome dito Quatremere de Quincy, arqueólogo e político francês (1755-1849), autor de um Dicionário de Arquitetura, foi intendente das Artes e Monumentos Públicos em 1816 em Paris.

<sup>150</sup> ROSSI, Aldo. *op. cit.*, p. 43.

Neste trabalho buscaremos aprofundar as características *morfológicas, funcionais e de significado* de tipologias, em seu caráter *prospectivo*, utilizadas como forma de estruturar o discurso necessário ao reconhecimento de edifícios e espaços no sistema reducional missionário.

#### 4.2 – Política urbanizadora espanhola

A *política urbanizadora*<sup>151</sup> espanhola para a América, além dos aspectos históricos abordados no capítulo anterior, também estava vinculada ao conceito e à importância dada à *idéia de cidade*, tanto para o próprio imperador, quanto para a própria Igreja Católica.

Desde o século XVI até meados do século XVIII, o conceito *político* de cidade mudou consideravelmente. Segundo Bonet<sup>152</sup>, *Sob o Imperador Carlos V dominou a idéia imperial da urbe, cujo modelo era Roma*. Ao conceito aristotélico<sup>153</sup> e político de cidade, ele coloca que se introduziu na Espanha o conceito agostiniano de *Cidade de Deus*, uma vez que ‘o homem desejou edificar cidade na terra para contrapor à soberana cidade do céu. Para ele, é na Espanha, principalmente sob o reinado de Felipe II que a cidade da *Contra-Reforma*<sup>154</sup> encontra sua máxima expressão:

La dicotomía establecida por San Agustín entre la Ciudad de los hombres, fundada por Caín y la Ciudad de Diós, fundada por Abel, será determinante para el pensamiento de Santa Teresa, San Juan de la Cruz y San Ignacio de Loyola.<sup>155</sup>

<sup>151</sup> A política urbanizadora deve ser entendida como um esforço para controlar ou influir sobre as transformações que ocorrem num projeto de urbanização. REIS FILHO. Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana no Brasil: 1500-1720. Tese de concurso de livre docência da cadeira de História da Arquitetura FAU SP, 1964, p.56.

<sup>152</sup> BONET, Antônio. *op. cit.*, p. 17.

<sup>153</sup> Segundo Argan, (...) la filosofía aristotelica es una filosofía de la experiencia y por lo tanto una filosofía fundada nel conocimiento de la naturaleza. ARGAN, Giulio C. *El concepto del espacio arquitectónico desde el barroco hasta nuestros días*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1966.p. 15.

<sup>154</sup> Contra-Reforma ou Reforma Católica: conjunto de reformas empreendidas pela Igreja Católica em resposta à Reforma Protestante no século XVI, que desencadearam a reorganização da Inquisição, a Congregação do Index e o Concílio de Trento (1545-1563).

<sup>155</sup> BONET, Antonio. *op. cit.*, p. 17.

Se a cidade de Carlos V, foi pensada como *um conjunto urbano remanescente do novo estilo, com o Barroco retornou a seus conceitos medievais*, apesar de que os documentos oficiais sempre buscassem assegurar a *formosura da arquitetura em concordância com os princípios renascentistas*. Mas foi somente sob o...

... classicismo de Felipe II e Felipe III [que] se pensó en la ciudad como espacio ideal, de proporciones y distâncias a cordadas, de arquitectura regular y uniforme, con ecomunicaciones públicas y privadas sometidas a un plan preestablecido.<sup>156</sup>

Se para Carlos V, o *arquétipo* urbano era Roma, para seu filho, Felipe II o edifício - símbolo era o severo palácio do *Escorial*<sup>157</sup>.

A base para a organização espacial das cidades espanholas na América foi estabelecida por sucessivas diretrizes denominadas *Ordenações Reais* para colonização do Novo Mundo. Essas ordenações tinham, na Espanha, como origem ancestral, os Foros Municipais do período medieval, em que *Privilégios e isenções, concedidos por reis e senhores segundo a jurisdição, serviam para organizar a vida urbana.*<sup>158</sup> Durante o século XVI, estes conjuntos de normas e diretrizes sobre a vida urbana, uma espécie de *códigos de posturas*<sup>159</sup>, passaram a ser ditados pelos Conselhos locais com o nome de *ordenações*.

As *Ordenações Reais* estabelecidas para o Novo Mundo eram documentos extensos, de caráter genérico, que além de inúmeros aspectos referentes às várias áreas da organização administrativa colonial também se referiam ao processo de ocupação territorial. Definiam critérios gerais para escolha de sítios; para implantação das novas povoações; para a organização interna das mesmas; para a distribuição dos terrenos e

<sup>156</sup> BONET, Antonio. *op. cit.*, p. 21.

<sup>157</sup> Palácio Real construído entre 1563 e 1584 por Juanbattista de Toledo, Gianbattista Castello e Juan de Herrera, como necrópole real e centro de estudos a serviço da Contrarreforma.

<sup>158</sup> BONET, Antonio. *op. cit.*, p. 35.

ainda para a localização dos equipamentos urbanos, entre outros.

A primeira delas refere-se a uma instrução expedida pela Coroa Espanhola em 1513, que estabelecia *as vantagens de fazer um traçado ordenado de ruas e praça antes de se iniciar a construção de uma nova cidade*.<sup>160</sup> Segundo Terán,

Aunque algunas ciudades se originaron de forma aleatoria, la mayor parte de ellas fueron trazadas “a cordel y regla”. Mayoritariamente se trata de ciudades de trazado geométrico en el que calles de tramos rectos se cruzan formando una retícula. Cuando las calles se cruzan, formando ángulos rectos, puede hablarse de retícula ortogonal. Y cuando las distancias entre las cruces son siempre iguales puede hablarse de cuadrícula.<sup>161</sup>

Em 1523, uma ordenação do imperador Carlos V, que é repetida posteriormente nas *Ordenações de Felipe II*, estabelece “que aunque la población vaya en gran crecimiento, se pueda siempre proseguir y dilatar de la misma forma”.<sup>162</sup>

Não se pode afirmar que as diferentes *instruções* e *ordenações* que tratavam dos assentamentos urbanos e da colonização nos primórdios da ocupação do Novo Mundo estabelecessem modelos concretos para serem aplicados, mas apenas diretrizes gerais.

Hay que llegar a 1573, para encontrar en las Ordenanzas de Descubrimientos y Población dadas por Felipe II, claras precisiones sobre la forma de la ciudad, el trazado de las calles y de la plaza, la localización de la iglesia y los edificios de gobierno y sobre el diseño de las casas.<sup>163</sup>

Segundo o mesmo autor, estas famosas ordenações só aparecem mais tarde, quando:

... la mayor parte de las principales ciudades ya estaban

<sup>159</sup> Na organização administrativa brasileira, os *Códigos de Posturas*, aprovados pelas Câmaras Municipais, integram a *Legislação urbanística básica* e se constituem em conjuntos de normas de convivência social urbana.

<sup>160</sup> TERÁN, Fernando. *op. cit.*, p. 83.

<sup>161</sup> TERÁN, Fernando. *op. cit.*, p. 65.

<sup>162</sup> TERÁN, Fernando. *op. cit.*, p. 79.

<sup>163</sup> TERÁN, Fernando. *op. cit.*, p. 83.

fundadas y, en parte lo que se hace es recoger el resultado de una experiencia ya realizada. La práctica precedió la norma, configurándola a posteriori.

A recompilação das diferentes diretrizes gerais e Ordenações estabelecidas para a organização colonial espanhola, reunidas em nove livros, com diferentes títulos, acerca de aspectos administrativos, económicos, políticos e sociais, passaram para a história com a denominação genérica de *Leis das Índias*.

No âmbito deste trabalho, o aspecto que cabe mencionar refere-se ao disposto no Livro IV, título VII, denominado de *Da povoação das cidades, vilas e povoados*, um capítulo com sete páginas, que apresenta um conjunto de 26 leis. Essas leis definem e descrevem aspectos de escolha do sítio, organização territorial e urbana, estrutura fundiária e aspectos funcionais. Esse texto, segundo conceito anteriormente mencionado, pode ser classificado como de tipo *realizador*.

A tipologia urbana básica resultante da aplicação desses ordenamentos na América é a de povoações com traçado *regular ortogonal*, estruturado a partir de uma praça central, pólo funcional gerador de um traçado viário regular estruturado pelo cruzamento de duas ruas principais. A seu redor, dispunham-se os três poderes, onde às vezes se misturavam o político, o religioso e o econômico. Essa tipologia de *traçado básico* foi amplamente aplicada e é reconhecida ao longo de todo o continente americano colonizado pela Espanha.

Numa análise de tipo *comentadora*, efetuada por Javier Aguilera, pode-se reconhecer três estágios no processo de utilização das diretrizes de urbanização estabelecidos pelas ordenações espanholas:

Primera época (...) descubrimiento, nueva población y pacificación, (...) tienen un carácter experimental , (...) Segunda época (...) se consolidan las fundaciones, se confirma la estructuración de la sociedad colonial (...) Tercera época (...) La colonización en esta etapa genera sus propias estructuras. La legislación sobre fundaciones de nuevos poblamientos es

ampliamente conocida y acatada.<sup>164</sup>

O autor verifica a evolução de uma *intenção expressa* de regularidade ao longo do tempo, partindo do traçado *irregular*, das primeiras povoações no Caribe, passando pelos *semi-regulares* e atingindo o *xadrez perfeito*, ou o *tabuleiro do jogo de damas*, como também é conhecido, identificado como referência principal de estruturas urbanas originadas a partir das Leis das Índias.

A origem dos ordenamentos ortogonais regulares propostos pelos espanhóis pode ser associada, a partir de diferentes tradições culturais que se relacionam com a cidade *hipodâmica*<sup>165</sup> grega, com a presença romana<sup>166</sup> na Península Ibérica, com as *bastides* medievais e mesmo com cidades regulares espanholas. Essas influências são *reapresentadas* como novidades, sob a égide do Renascimento, no momento das grandes navegações.

Desde la más remota antigüedad y en las más diversas civilizaciones, se han empleado trazados ortogonales para la organización de los edificios que conforman las ciudades. (...) Esta práctica de trazados, es recogida en sucesivos escritos y tratados y su idea de orden y regularidad se transmite hasta el medioevo español aplicándose en numerosas fundaciones de la Península Ibérica.<sup>167</sup>

Além do traçado ordenado e regulador, cabe referir também a quatro dos elementos estruturadores característicos do urbanismo espanhol, que foram *transplantados* para a estrutura urbana da cidade colonial na América: a *porta*, a *rua maior* a *praça maior* e os edifícios com *galerias* ou *pórticos*. A disposição desses elementos sobre o território e as

<sup>164</sup> AGUILERA ROJAS, Javier e MORENO RELAX, Luis J. *Urbanismo Español en América*. Madri: Nacional, 1973. p. 19-20.

<sup>165</sup> Hipódamo, criador de Mileto, considerada a primeira cidade de traçado regular ortogonal na tradição grega.

<sup>166</sup> O castro romano. Cidade de traçado regular, murada, estruturada a partir de dois eixos ortogonais, o *Cardo* e o *Decumano*, que constituem suas ruas principais e em cujo cruzamento localiza-se o *Foro*, centro das atividades urbanas. (...) o decumanum maximus e o cardo maximus, que têm comprimento maior e se cruzam num ponto, considerado o centro ideal da colônia. BENÉVOLO, Leonardo. *Op. cit.* p. 197.

<sup>167</sup> TERÁN, Fernando. *op. cit.*, p. 87.

relações entre as próprias edificações começam a constituir espaços que serão identificados como característicos de culturas, de tradições ou como decorrentes de políticas urbanizadoras reconhecíveis.

A *porta*, considerada como portão, pórtico ou *umbral* da cidade, teve no período medieval uma função vinculada à defesa ou à segurança. No período Renascentista, *colocam a ênfase no uso das ordens clássicas e nos elementos figurativos de caráter emblemático*.<sup>168</sup> Nas cidades amuralhadas do primeiro período da colonização espanhola, as portas comparecem com destaque, vinculadas estruturalmente aos largos e geralmente à rua principal ou *maior*.

A *praça maior* espanhola, de função administrativa e comercial, posteriormente transformou-se na *praça maior* ou de *armas* da América. Aqui, a *praça*<sup>169</sup> assumiu caráter *polifuncional*, como símbolo do centro de convergência, do coração da cidade, reunindo a igreja, o Cabildo e as casas dos principais membros da sociedade colonial. *Espaço vazio, é como um oco rodeado de arquitetura, em princípio a mais representativa e significativa da cidade*.<sup>170</sup>

Referência mundial à época era a grande praça de São Pedro, em Roma. Na tradição mexicana, a praça constituiu-se nos *alicerces* ou nas fundações da nova cidade espanhola - o *zócalo*.<sup>171</sup>

En el modelo, la Plaza Mayor es un elemento estructural fundamental. Es el centro de la ciudad. Centro geométrico, centro vital y centro simbólico. Su forma de inserción en el conjunto de del trazado urbano, su total imbricación en el mismo, no pede entenderse como algo independiente. Es consubstancial con él, porque generalmente es su elemento

<sup>168</sup> BONET, Antonio. *op. cit.*, p. 56.

<sup>169</sup> O elemento referencial na história do urbanismo para a concepção das praças na cultura ocidental é a ágora grega, cuja estrutura guarda semelhanças com as praças missionárias. *Nas cidades jônicas como Mileto, a ‘ágora’ possui desde a época clássica uma forma arquitetural bastante definida. Trata-se de uma praça regular rodeada de pórticos (‘stoai’) cujas colunas uniformes escondem a variedade de edifícios que a cercam.* HAROUEL, Jean-Louis, História do Urbanismo. Campinas, SP: Papirus, 1990. p. 18.

<sup>170</sup> BONET, Antonio. *op. cit.*, p. 56.

<sup>171</sup> Em português *soco* ou *embasamento*.

generador. Toda la ciudad se organiza a partir de él. Comenzando desde la plaza mayor y sacando desde ella las calles, dirán las Ordenanzas de Felipe II.

La Plaza es un elemento de la cuadrícula. Está tan bien insertado en ella, que, por lo general, es simplemente el resultado de una manzana sin edificar, añadiendo el correspondiente cuadro al espacio público formado por las calles.<sup>172</sup>

A *rua maior*, ou principal, geralmente ligava a porta da cidade à *praça maior*. Nessa via se concentrava o tráfego urbano mais intenso com a maior presença de cidadãos, constituindo-se em:

... ejes viales, verdaderas espinas dorsales de la población, las Calles Mayores son como el hilo conductor que sirven de guía a quienes penetran y caminan dentro de la trama urbana.<sup>173</sup>

Um quarto elemento característico na estrutura urbana espanhola era formado pelos edifícios com galerias abertas no térreo. As *galerias*, são passagens públicas, cobertas e abertas, que abrigavam a população do sol e da chuva e favoreciam os encontros sociais.

El soportal es un elemento esencial del urbanismo histórico en España. No se concibe un pueblo, villa o ciudad que no tenga una Calle Mayor o una Plaza Mayor com soportales.<sup>174</sup>

Utilizando essas referências culturais e suas diretrizes de urbanização, o sistema colonial espanhol foi responsável pela formação de centenas de *cidades* e *povoados de índios*, ao longo do continente americano, sobrepondo-se ou destruindo as grandiosas estruturas dos assentamentos urbanos das civilizações pré-colombinas.

Originados nesse contexto cultural e econômico, estavam também os povoados missionários. Mesmo que coordenados por religiosos provenientes de diferentes países europeus, eles também utilizaram as diretrizes e as referências dos ordenamentos urbanos vigentes no período colonial para estruturar sua tipologia peculiar, morfológica e funcional, que

<sup>172</sup> TERÁN, Fernando. *op. cit.*, p. 71.

<sup>173</sup> BONET, Antonio. *op. cit.*, p. 63.

<sup>174</sup> BONET, Antonio. *op. cit.*, p. 77.

pode ser considerada como uma variante da organização espacial espanhola adequada a uma situação política e administrativa própria.

#### 4.3 - O sistema reducional missionário

##### 4.3.1 - Território e ambiente

Segundo os geógrafos Bacchi e Falcalde<sup>175</sup>, em cujos estudos foi baseado este item, a área que nos séculos XVII e XVIII serviu de *lócus* para a instalação das Reduções Jesuíticas da Província do Paraguai tem um ambiente natural muito diversificado.

Em termos de *compartimentação geomorfológica*, encontram-se nessa região, áreas de planalto com variações significativas de altitudes desde 200 até 1300m. Esses planaltos, com origens geológicas diversas, diminuem lentamente de altitude em direção às calhas dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, espalhando-se em extensa planície que ocupa toda a zona centro-oeste do Brasil. Nessa vasta região, encontram-se terrenos cristalinos, com granitos e gnaisses, planaltos e escarpas de basalto, terrenos sedimentares com arenito e calcáreos.

A ocupação jesuítica deu-se na Bacia Platina, a segunda bacia fluvial do mundo, que drena boa parte das águas do Brasil, Paraguai, Bolívia, Uruguai e Argentina. Uma região com fauna e flora riquíssimas, de florestas subtropicais onde a *erva mate* (*Ilex paraguaiensis*) aparece associada à *canela* e à *araucária*, e dos campos do pampa, que foram utilizados para o desenvolvimento da pecuária.

As relações entre a geomorfologia e a dinâmica atmosférica definem a hidro-climatologia da região. O jogo de avanço e recuo das massas de ar tropical - continental e atlântica e polar atlântica e pacífica -

---

<sup>175</sup> BACCHI, Luiz Carlos e FALCALDE, Ivanira. *O espaço do índio na Província Jesuítica do Paraguai*. Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Unijuí, 1989.

resulta em climas diferentes, com variações maiores ou menores de temperatura e/ou precipitações.

Sobre a extensa planície do Chaco, forma-se uma massa de ar anticiclinal. Por tratar-se de área continental e tropical, é seca e quente, produzindo normalmente tempo estável. Já sobre o Atlântico, na altura do Paraná e de São Paulo, forma-se uma massa de ar quente e úmida, portadora de instabilidade. E ainda, procedente das altas latitudes, a massa de ar polar é fria e úmida.

A maior parte da área da Província Jesuítica do Paraguai sofre a influência da massa de ar polar atlântica. No inverno, ela é responsável por geadas, por esporádicas quedas de neve nas serras e por ventos frios, como o *minuano* e o *pampeiro*. Na primavera e no outono, em contato com massas de ar quente, o ar polar produz, nas zonas frontais, as *frentes frias* e intensos temporais. Sobre eles, escreveu Padre Sepp:

Logo ao princípio da primavera e outono, coisa rara na Europa, as Plêiades levantam tempestades, e Júpiter irado troveja, relampagueia, fulmina...<sup>176</sup>

Como consequência dessa dinâmica, forma-se na região de estudo dois tipos climáticos, o temperado, com temperaturas médias inferiores e superiores entre -3º C e 22º C e o tropical, mais quente, com temperaturas sempre superiores a 18º C.

#### 4.3.2 – Espaço e cultura Guarani

Os Guarani são povos migrantes, *itinerantes*, originários da Amazônia. Alguns grupos dessa cultura expandiram-se em direção ao sul, e chegaram à região platina há cerca de 2 mil anos. Segundo Meliá, eles vão *em busca da terra sem mal*.

---

<sup>176</sup> SEPP, Antonio. *op. cit.*, p. 159.

La tierra sin mal es ante todo la tierra buena, fácil para ser cultivada, productiva, suficiente y amena, tranquila y apacible, donde los Guaraní puedan vivir en plenitud su modo de ser auténtico.<sup>177</sup>

Entendemos por modo de ser lo que en Guaraní viene expresado por *ñande reko*, un concepto cuya semántica es sumamente rica.<sup>178</sup>

Citando Montoya em sua obra *Tesouro da Língua Guarani* de 1639, Meliá define *ñande reko*, que pode ser entendido como *modo de ser, modo de estar, sistema, lei, cultura, norma, comportamento, hábito, condição, costume* do Guarani.

Do território o Guarani retira seu sustento, por meio da caça, da coleta e eventualmente da pesca. Agricultor, beneficia a floresta com a prática da *coivara*,<sup>179</sup> com o conhecimento da natureza e de sua aptidão. Cultiva milho, mandioca feijão e cabaças.

A unidade social fundamental dessa cultura é a *família extensa*, agrupada em torno do pai, do avô ou de um antepassado mítico que dá origem à linhagem. Do prestígio do chefe e de sua capacidade de agregação, depende a força econômica e política do grupo e sua expressão em caso de guerra. O trabalho e as decisões são comunitários.

O poder, nas sociedades indígenas, apesar de dividido, não era estratificado. As funções de chefe, conselho dos anciãos e pajé, diferenciam entre si, mas não havia uma ordem hierárquica de precedência, exceção feita para os tempos de guerra, quando a autoridade do chefe se aproximava à de um rei europeu.<sup>180</sup>

A economia é baseada na reciprocidade e inexiste o conceito de propriedade privada, apesar de haver áreas de cultivo individualizadas, estabelecidas pelo consenso do grupo. As atividades são divididas entre homens e mulheres, considerando-se suas crenças. As mulheres plantam

<sup>177</sup> MELIÁ, Bartomeu. *Los Guarani Chiriguano – Nuestro modo de ser*. La Paz: CIPCA, 1988. p. 23.

<sup>178</sup> MELIÁ, Bartomeu. *op. cit.*, p.29.

<sup>179</sup> Prática de plantio típica Guarani que consiste em abrir uma clareira na floresta, queimar a vegetação, utilizando suas cinzas como adubo.

<sup>180</sup> EISEMBERG, José. *op. cit.*, p. 68-9.

e colhem, os homens caçam. O guarani não gosta de trabalhar só. Nem de ser mandado. Gosta de convidar e de ser convidado. Trabalha em *butiró*, num sistema de ajuda mútua, o *mutirão*.

No período colonial, vivia em amplos territórios com limites difusos, que asseguravam uma zona de transição entre um núcleo e outro. Buscava localizar suas casas em terrenos altos e arejados, onde as *casas-habitação* tinham uma relação fundamental com o *terreiro/praca*, a *oka*, local em que se realizavam os *convites* e *reuniões*. A grande *maloca* guarani, que podia abrigar uma *família extensa* (pais, mães, tios, primos e toda os parentes), com quase uma centena de pessoas, foi se transformando ao longo do tempo, passando por unidades habitacionais menores e dispersas que abrigavam três ou quatro famílias em cada uma. Eram casas de palha, com esteios de madeira, onde eram penduradas as redes de dormir. Essa relação *casa/oka* era fundamental na vida social e religiosa do grupo.

O *tekuá* é o conceito básico que expressa a unidade sócio-política do guarani. Representa uma maloca ou rancho e geralmente está identificada com uma *família extensa*. É o termo utilizado para expressar o *lugar* onde o guarani é o *produto* e o *produtor* de sua cultura. O *tenta*, ou *pátria* é relacionado a uma unidade social com relativa autonomia econômica e política.

#### 4.3.3 – Organização espacial no sistema reducional: diretrizes e projetos

A respeito da origem da organização espacial das reduções missionárias, os principais autores estudados concordam que as *Leis das Índias* foram a base e a principal referência para tanto. Furlong<sup>181</sup>, inclusive, cita Hernandez, que escreveu:

---

<sup>181</sup> Padre Pablo Hernández, foi autor da obra *Organización social de las doctrinas Guaraníes de la Compañía de Jesús*. Ver figura 3 – Traçado da Redução de Juli, no Peru.

Así como no era nuevo el caso de fundarse Reducciones en los domíños españoles, cuando empezaron los Jesuítas las suyas, del Paraguay, y por lo mismo había prescripciones fijas sobre el modo como se habían de entablar y gobernar, así tampoco eran aquellas las primeras Misiones de la Compañía de Jesús en América, ni faltaban experiências adquiridas ya, ni faltaban modelos que imitar ...<sup>182</sup>

Além das Leis das Índias, dentre os referenciais para a estruturação inicial, estava a própria experiência jesuítica em Juli, que, segundo o citado Hernández, pode ser considerada

... como perteneciente al orígen de las reducciones de Guaraníes, en cuanto pudo ser un modelo, y ciertamente fué una escuela, pues en ella se ejercitó por varios años el Padre Diego de Torres, que más tarde como Provincial, había de entablar las famosas Reducciones y darles la primera regla y modo de ser.<sup>183</sup>

A redução de Juli, localizada no Alto Peru, nas margens do lago Titicaca entre o Peru e a Bolívia, possuía como base de sua organização espacial um conjunto de ruas retas estruturadas ao redor de uma praça quadrangular central, quatro igrejas e quatro bairros.<sup>184</sup>

As instruções do Padre Torres para a organização espacial das primeiras reduções do Guairá podem ser classificadas segundo Choay como um texto *realizador*, na medida em que definiam regras gerais para a implantação e construção das mesmas:

Antes de fundar el pueblo se considere mucho el asiento de él, que sea capaz para muchos índios, de buen temple, buenas aguas, a propósito para tener sustento, com chacras, pescas y caza.

Funden el pueblo com traza y orden de calles y dejando a cada índio el sitio bastante para la huertezaula.

El pueblo se traza a modo de los del Perú o como más gustaren

<sup>182</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 183.

<sup>183</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 183.

<sup>184</sup> Ver figura 03 no Anexo A.

los indios, com sus calles y cuadras, dando una cuadra a cada cuatro indios, un solar a cada uno, y que cada casa tenga su huertenzuela; y la iglesia y casa de V.V.R.R. en la plaza, dando la iglesia el sitio necessario para el cementerio; y la casa pegada a la iglesia, de manera que por ella se pase a la iglesia: haciendo esto poco a poco, y a gusto de los índios, habiendo ellos primero hecho sus casas y una pequeña para V.V.R.R. y una enramada que sirva para decir missa.<sup>185</sup>

Essas instruções podem ser consideradas como parte do *discurso fundador* referente às primitivas fundações reducionais com os Guarani. Elas guardam semelhanças com algumas das diretrizes instituídas pelas Leis das Índias, a quem deviam obediência, no que se refere, principalmente, à intenção de planejamento, e de modo específico, nos aspectos referentes à escolha do sítio, ao traçado viário, à *estrutura fundiária*<sup>186</sup>, à *estrutura urbana*<sup>187</sup> e ao *uso do solo*<sup>188</sup>. Não conferem, no entanto, com o desenho da estrutura espacial que ficou conhecida como *tipologia urbana missioneira*, que foi consolidada um século depois.

Como decorrência dessa primeira orientação, o Padre Roque Gonzáles<sup>189</sup>, ao fundar a redução de São Inácio Guaçu, em 1613, também registra, em carta dirigida ao Padre Torres Bollo, um texto de tipo *realizador*, que lhe confere parte da autoria, pelo primeiro exercício de aplicação do projeto de organização espacial das reduções da primeira fase, tratando mais especificamente das casas dos índios.

---

<sup>185</sup> BUSANICHE, Hernán. *op. cit.*, p. 26.

<sup>186</sup> Por *estrutura fundiária* entende-se a maneira como o território urbano é parcelado, envolvendo aspectos quantitativos (área) e qualitativos (forma dos quarteirões ou lotes).

<sup>187</sup> Por *estrutura urbana*, “(...) aquela determinada pelo arranjo territorial dos usos do solo urbano e o esquema de interações e contatos diretos daí decorrente. (...) refere-se à estrutura interna das cidades (...).” VILLAÇA, Flávio. *op. cit.*, p.4.

<sup>188</sup> Por ocupação ou *uso do solo urbano*, “(...) a finalidade para a qual o solo é utilizado ou “consumido” pelas atividades humanas”. VILLAÇA, Flávio. *op. cit.*, p.4.

<sup>189</sup> Roque Gonzáles de Santa Cruz. (1576-1628) ingressou para a ordem dos Jesuítas em 1609. Foi considerado o *semeador de escolas, colégios e universidades*. Fundou a redução de São Nicolau, no Tape, em 1626. Com mais dois companheiros, foi morto por pajés Guarani no local denominado Caaró, nas cercanias de São Miguel.

Fué necesario construir estos poblados desde los cimientos. Para poner fin a las ocasiones de pecado, me decidí a construir a la manera de los españoles, donde cada uno tiene su casa con límites bien determinados para impedir un fácil acceso de una vivienda a otra.<sup>190</sup>

Ainda no que se refere às orientações e critérios gerais para a estruturação dos povoados, Cardiel deixou um documento que sintetiza e descreve os atributos que deveria ter um local para ser implantada uma redução:

... se procuraba escoger una llanura de las calidades siguientes:

1º Ancha como un cuarto de legua y cerca de una milla para la extensión de las calles;

2º Algo eminente, así por huir la humedad, dañosa en estas tierras, como por gozar de aire más puro;

3º Que no tenga pantanos, de los cuales se engendran multitud de molestos mosquitos y sapos y víboras ponzoñosas;

4º De buenas aguas cerca, así para beber, como para lavar y bañarse, a que es aficionado todo índio, y lo necesita para la salud;

5º De buenos bosques, no distantes para leña y para edificios;

6º Que esté despejada por la parte del Sur, para desenbarazo del viento fresco, que acá, por estar en estotra zona es el Sur, y es necesario en tierra de tantos calores ...

La tierra que tuviere más de estas calidades y conveniências es la mejor ...<sup>191</sup>

Provavelmente, esse tipo de orientação tenha sido utilizado para a implantação da primeira redução de São Miguel nas serranias do Tape em 1632, ou na sua segunda localização perto da redução de Concepción, hoje em território argentino, porém, não existem descrições ou vestígios materiais que possam comprovar as características que foram efetivamente implantadas naqueles locais.

No caso particular das edificações missioneiras, Di Stefano<sup>192</sup> lembra que na *Primeira Congregação Geral da Ordem dos Jesuítas*,

<sup>190</sup> ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p. 102.

<sup>191</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 183.

<sup>192</sup> DI STEFANO, Roberto. *op. cit.*, p. 55.

realizada em 1558, foram *ditadas uma série de normas e conceitos gerais referentes às novas construções*. No ano de 1565, aprovou-se a obrigação de todos os projetos serem submetidos à homologação do Geral da Companhia. Uma circular do ano 1566, encaminhada a todos os provinciais, definia que a construção de qualquer edifício relevante deveria ser, previamente, aprovada em Roma, evitando-se construir edificações que pudessem *durar pouco ou ser executadas sem projeto*. As dificuldades práticas de atender a essas determinações conduziram à sugestão do envio de *projetos tipo* para aprovação, o que também foi de difícil execução, devido ao tempo que isto despendia.

Tratando-se de diretrizes gerais aplicadas ao sistema reducional, Di Stefano<sup>193</sup> também se refere ao *Regulamento das Doutrinas* de 1637, disposto pela *Sexta Congregação do Paraguai*, quando foi ordenado ao Superior das reduções prever uma completa uniformização de procedimentos em todas as *doutrinas*<sup>194</sup>. Mesmo reconhecendo que essa determinação prevista para as celebrações dos sacramentos e para as festas religiosas, o citado autor entende que também poderiam ser aplicadas, num sentido mais amplo, envolvendo inclusive os ordenamentos urbanos. Segundo ele, isso ajudaria a compreender o motivo pelo qual as reduções adotaram um mesmo tipo de solução para resolver diferentes questões, como a escolha do terreno, a quantidade de famílias, entre outras. Essas considerações podem ajudar a explicar a opção feita *a posteriori* pelos jesuítas de adoção de *tipologias arquitetônicas e urbanas* para o sistema reducional.

Choay, quando menciona genericamente as experiências evangelizadoras e a organização espacial dos povoados dela resultantes, coloca que:

---

<sup>193</sup> DI STEFANO, Roberto. *op. cit.*, p. 54.

<sup>194</sup> O mesmo que paróquias.

O proselitismo do missionário leva-o a privilegiar o quadro construído como garantia do modelo social. Esse quadro se torna para ele a pedra angular do processo de evangelização. É preciso destruir a organização espacial que aloja e corrobora os comportamentos a erradicar, e substituí-la por um modelo tomado à - ou concebido pela – sociedade cristã, ou ainda impor-lhe ‘ex nihilo’, nos casos de miséria quando se tem contato com povos em estado natural.<sup>195</sup>

É preciso, no entanto, ao final deste item, esclarecer melhor o caráter das influências exercidas na configuração dos espaços urbanos pelas diferentes *ordenações* ou diretrizes. Essas ordenações, de caráter amplo e genérico, estabeleciam *princípios* e *normas* tanto para aspectos administrativos e *funcionais*, quanto para os *ordenamentos urbanos*.

Pode-se dizer que, de maneira geral, grande parte desses princípios foram aplicados e são verificáveis tanto nas cidades coloniais quanto nos povoados de índios. No entanto, os espaços urbanos resultantes da aplicação dessas *orientações*, nas cidades coloniais e nos povoados de índios, são diferentes entre si.

Assim, quando se estabelece que um determinado espaço urbano – um *lugar* específico – foi proveniente ou teve influência de uma diretriz ou regra, torna-se necessário *precisar* a que atributo – morfológico ou funcional – se está referindo, e sob que ponto de vista.

Esse ponto tem provocado inúmeras confusões, principalmente no que se refere à utilização das *Leis das Índias*, no sistema colonial, ou à redução de Juli, no reducionista.

A *tipologia urbana missionária*, consolidada provavelmente em princípios do século XVIII, era destinada a atender a um programa funcional bastante diferenciado em relação ao da cidade colonial espanhola. Algumas das diretrizes gerais formuladas nas *Leis das Índias* são reconhecíveis nessa tipologia, cabendo mencionar e transcrever,

---

<sup>195</sup> CHOAY, Françoise. *op. cit.*, 1985, p. 64. Fazendo menção à obra do Padre Jesuítico José Acosta, *Histoire Naturelle et Morale des Indians*, trad. francês Paris, 1598.

principalmente:<sup>196</sup>

a primeira Lei, que define os critérios gerais para escolha e ocupação de um sítio destinado a uma ocupação urbana:

*Ley primera. Que las nuevas poblaciones se funden con las calidades de esta ley.*

(...) y cuando hagan la planta del Lugar, repartanlo por sus plazas, calles y solares á cordel y regla, comenzando desde la plaza mayor, y sacando desde ella las calles á las puertas y caminos principales, y dexando tanto compás abierto, que aunque la población vaya en gran crecimiento, se pueda siempre proseguir y dilatar en la misma forma.

a terceira, que estabelece diretrizes para a escolha do sítio:

*Lei iii. Que el terreno y cercania sea abundante y sano.*

Ordenamos, que el terreno y cercania, que se ha de poblar, se elija en todo lo posible el mas fertil, abundante de pastos, leña, madera, materiales, aguas dulces, gente natural, acarreos, entrada y salida, y que no tengan cerca lagunas, ni pátanos en que le crien animales venenosos, ni haya corrupcio de ayres, ni aguas.

a oitava, que estabelece a disposição das igrejas e mosteiros na estrutura urbana, de onde restou o destaque que deve ser dado ao templo.

*Lei viii. Que se fabriquen el Templo principal en el sitio, y disposicion, que se ordena, y otras Iglesias y Monasterios.*

(...) donde este separado de outro qualquer edifício, que no pertenezca a su comodidad y ornato, y porque de todas partes sea visto, y mejor venerado, este algo levantado del suelo, de forma que que le haya de entrar por gradas (...).

a nona, que define as dimensões da praça e suas relações com o sistema

---

<sup>196</sup> Transcrição da Recompilação de Las Leyes de Indias – Libro IV. Título VII. *De la población de las ciudades, villas y pueblos*. Fac-símile divulgado eletronicamente pelo Congresso do Peru.

viário:

*Ley ix. Que el suio, tamaño, y disposición de la plaça sea como se ordena.*

La Plaza mayor donde se ha de comenzar la población, siendo en costa del mar, se debe hazer al desenbarcadero de el Puerto, y si suere lugar Mediterraneo, en medio de la población: su forma en quadro prolongada, que por lo menos tenga de largo una vez y media su ancho, (...) de la plaça salgan quatro calles principales, una por medio de cada costado: y demás destas, dos por cada esquina: las quattro esquinas miren a los quattro vientos principales, (...).

Sem dúvida, tanto as Leis das Índias, quanto a experiência da redução de Juli contribuíram como *referências*, inclusive explicitadas em diferentes documentos, tanto morfológicas quanto funcionais, mas nunca como um *modelo*, na concepção referida anteriormente neste trabalho. Sua utilização como referência, antes que uma escolha correspondia a uma determinação legal.

#### 4.3.4 – Estruturação da rede, regime de propriedade e funções urbanas

A estruturação de uma *rede urbana* na Província Jesuítica do Paraguai correspondeu às diferentes etapas de sua trajetória histórica, em que se verificaram avanços e recuos estratégicos no território, *relocalizações, reestruturação interna e reordenamento* dos povoados. Pouco a pouco, algumas reduções adquiriram *funções* mais especializadas e estruturou-se uma rede que passou a operar como um *sistema*.<sup>197</sup>

O surgimento ou a criação de aldeamentos missionários pode ser

---

<sup>197</sup> Segundo ARGAN, Giulio C. *El sistema es un conjunto de afirmaciones lógicamente relacionadas entre si y que contesta a priori cada problema que el hombre pueda plantearse frente a lo que es el mundo.* ARGAN, Giulio C. *op. cit.*, p. 27.

enquadrado, na classificação de Dóris Muller,<sup>198</sup> em um dos *tipos de formação* de assentamentos urbanos: o de *núcleos-sede de colonização*. Reuniam fatores demográficos (existência de populações nativas), locacionais, (sítios apropriados), econômicos (interesses e recursos), sócioculturais (variáveis das duas culturas) e institucionais (política colonizadora).

A lógica da distribuição dos povoados missionários, na *primeira fase*<sup>199</sup> de ocupação histórica do atual território gaúcho, atendeu às diretrizes gerais de fundação e correspondeu à *tradicional lógica* de assentamento na cultura guarani: ao longo dos rios. A bacia do Rio da Prata, com seus inúmeros afluentes, apoiou o processo de penetração jesuítica para o interior do Continente e se constituiu na via que possibilitou o intercâmbio entre os povoados mais distantes. Cabe registrar, no entanto, que o Padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, quando em 1626 entrou nas terras hoje pertencentes ao Rio Grande do Sul, veio a pé.

Provavelmente, por razões estratégicas, não registradas na documentação oficial, os povoados missionários não se localizavam, de maneira geral, *exatamente* às margens dos rios como muitas das cidades coloniais espanholas, mas no interior do território, em terrenos mais protegidos, não muito distantes dos mesmos.

Em registros cartográficos da localização aproximada das reduções dessa *primeira fase*, verificamos que estas se distribuem como *colares de pérolas* ao longo dos rios. A localização das reduções da *segunda fase*<sup>200</sup>, as dos *Sete Povos da Banda Oriental*, também obedeceram a este mesmo princípio geral: quase todas se localizaram entre os rios Piratini e Ijuí,

<sup>198</sup> De acordo com o seu *modelo* de crescimento urbano, onde estabelece inter-relações entre fatores populacionais, econômicos, sócio-culturais, institucionais e locacionais, envolvendo funções, serviços e bens. MÜLLER, Dóris M. *Crescimento Urbano*. Porto Alegre, PROPUR/UFRGS. 1976.

<sup>199</sup> Período de ocupação entre 1626-1640.

sobre o divisor de águas, numa distância regular entre elas.

Alem de ligações fluviais, os povoados também possuíam redes de estradas entre eles. A iconografia da redução de São Miguel, por exemplo, registra as ligações terrestres entre São João Batista e São Lourenço Mártir.

Um ponto importante a ser abordado em nosso estudo refere-se à classificação ou *enquadramento* desses povoados no sistema administrativo espanhol. Da mesma forma, também cabe analisar a questão da propriedade imobiliária.

Assim como no sistema português, também no colonial espanhol existiam critérios para a classificação dos assentamentos humanos de acordo com atributos legalmente definidos. O sistema português, envolvia uma hierarquia entre freguesia, vila e cidade, que vinculava a fatores como os populacionais, os equipamentos de gestão e justiça, por exemplo, uma a existência de uma *casa de câmara e cadeia*. No espanhol a designação de cidade estava vinculada à existência do *Cabildo*.

Esse sistema colonial, pela conquista, na prática, veio a se sobrepor a outras formas ancestrais de organização, que correspondiam a diferentes lógicas culturais, correspondentes aos estágios de civilização alcançados pelas populações autóctones. As grandes estruturas urbanas das civilizações pré-colombianas foram arrasadas, mas ainda subsistem, principalmente no Brasil, inúmeros assentamentos humanos de povos nativos organizados segundo seus próprios princípios de gestão, sem o menor enquadramento no sistema administrativo oficial.

No início da colonização, no âmbito espanhol, a partir das ordenações, surgiu a proposta de criação de *povoados de índios*, com os índios, mas não *nas* aldeias dos índios, projeto que também ocorreu em

<sup>200</sup> Período de ocupação entre 1682-1756.

território português.<sup>201</sup>

As reduções eram uma forma proposta de reunião e enquadramento de assentamentos à rede urbana oficial, que alcançaram um maior grau de especialização que os aldeamentos de índios mencionados. Tinham como objetivo último, além da catequese, *transformar os nativos em cidadãos espanhóis*, ensinando o espanhol para inseri-los na estrutura colonial. Esse objetivo foi motivo de tensão, quando, no início do século XVIII, as reduções jesuíticas também passaram a ser classificadas como *doutrinas*, determinando que os padres deixassem as funções administrativas do sistema reducional para um civil espanhol designado. Na prática, no entanto, essa determinação não chegou a ser implementada.

Nesse contexto, podemos concluir que os assentamentos reducionais eram *mais que povoados de índios e menos que vilas*, no sentido administrativo, apesar de serem, do ponto de vista físico, muito mais estruturados que a maioria das cidades coloniais de então. Não tinham, no entanto todos os *atributos funcionais* característicos de uma cidade da época. O comércio, por exemplo, era incipiente e o sistema de trocas prevalecia.

O território e os assentamentos missionários eram espaços concedidos pelo Rei da Espanha a uma *permissionária*, a Companhia de Jesus, para o desenvolvimento de propósitos claros e de acordo com regras estabelecidas. A propriedade da terra não era, formalmente, nem dos índios, nem dos padres. Até poderia vir a ser, no todo ou em parte, como ocorreu com propriedades de outras ordens religiosas, não tivesse o sistema reducional jesuítico entrado em colapso.

---

<sup>201</sup> A partir dos aldeamentos propostos por Nóbrega, até o Plano de Vilas e Cidades do Marquês do Pombal, do século XVIII, envolvendo assentamentos com nativos no norte e centro-oeste. Ver DELSON, Roberta Marx. *Novas Vilas para o Brasil Colônia*. Brasília: Alva Ltda., 1998.

Dessa forma, quando se faz referência à propriedade no sistema missionário, ela geralmente é associada ao sistema econômico, às formas de produção. As definições de *Avamba'e* e o *Tupamba'e*,<sup>202</sup> que tratam da exploração *individual* ou *coletiva* do território, refere-se ao *direito de uso*, o que é completamente diferente do *direito de posse*. Esse mesmo raciocínio pode ser aplicado às *benfeitorias* construídas nos povoados. A concessão de *uso* era da Companhia, que, por sua vez, também repassava o direito aos índios. Sem documento escrito, registro ou qualquer formalidade. Sem direito a herança.

Essa falta de *vínculo*, de propriedade, casualmente coincide com a tradicional *itinerância* da cultura Guarani, que historicamente circulava pelo território, em diferentes assentamentos, praticamente sem levar nada.

Não havia o direito de propriedade *imobiliária*, nos moldes convencionais, entre os envolvidos no sistema reducional. Nem de padres, nem de índios. Isto fica evidente quando, no Tratado de Madri os índios e jesuítas foram instados a abandonar os Sete Povos, levando aquilo que era efetivamente seu, os *móveis e os semoventes*.

No que se refere às *funções*<sup>203</sup> exercidas pelos povoados, registramos, por exemplo, que São Nicolau foi um importante centro produtor de estátuas de madeira enquanto São João, especializou-se em metalurgia. São Miguel, por outro lado, quando da criação da Província de Buenos Aires, passou a exercer a função de capital administrativa dos Sete Povos, além de suas funções econômicas de produção agro-pastoril (criação de gado e erva mate). Candelária concentrava a administração das reduções na medida que era o local onde residia o Provincial das

<sup>202</sup> Segundo Meliá, *Al campo común de donde provenía el sustento para las viudas, los enfermos y los niños llamábanlo los indios Tupamba'e, es decir propiedad de Diós; y a los campos particulares, Avamba'e, es decir propiedad del hombre*. MELIÁ, Bartomeo. 1995. *op. cit.* , p. 41.

<sup>203</sup> Segundo Müller, as *funções urbanas* referem-se (...) tanto às atividades dirigidas para o exterior, *funções externas*, quanto às exercidas a favor da população residente – *funções*

missões.

Avaliando a função desempenhada pelos *povoados de índios* em relação com as *cidades coloniais*, Solano destaca a importância desses *povoados* na concentração de populações *sem cultura urbana* no que diz respeito a sua inserção no processo econômico colonial. Semelhante raciocínio poderia ser feito para o sistema reducional:

El fenômeno urbano protagonizado por el español em las índias se canaliza sobre la doble y conjunta vertiente de la ciudad y del ‘pueblo de índios’. (...) en tanto, la primera, nucleo mixto de la población, abriga al europeo, al africano y al aborigen y se resuelve en algunos tipos de ciudad india: centros administrativos, políticos, militares; ciudades mineras, agrícolas o ganaderas; centros de relación, de comercio y de mercado, en tanto que los pueblos de índios serán el complemento rural que entorne el nucleo medular, y que al estar regida por sus propias autoridades coloca a aquellos en cierto nivel de economía.<sup>204</sup>

#### 4.3.5 – A área rural

O desenvolvimento econômico do sistema reducional estava baseado numa retaguarda rural, de agricultura e pecuária. Dois produtos básicos se destacaram na economia missioneira.<sup>205</sup> Um, nativo, partiu da tradição Guarani e pouco a pouco foi sendo assimilado na colônia: a *erva-mate*. O outro foi trazido pelos europeus e provocou grandes transformações nas paisagens e no comportamento sócio-econômico da região: o *gado*. Ambos constituem a principal contribuição missioneira à base econômica, historicamente consolidada da região.

O cultivo da erva mate foi intensificado, o que fez dela um produto de grande interesse nos mercados coloniais. Inicialmente perseguida

*internas, havendo ainda as funções mistas que atendem a ambos os setores*. MÜLLER, Doris. *op. cit.*, p. 33-4.

<sup>204</sup> SOLANO, Francisco de. *Política de concentración de la población indígena* (1500-1800): objetivos, proceso, problemas y resultados. In HARDOY. *op. cit.* p. 89.

pelos jesuítas, logo foi assimilada, tendo sua produção ajudado, inclusive, a combater o alcoolismo entre os nativos. Posteriormente, estabeleceu-se como grande indústria, sendo um dos principais produtos de exportação no comércio colonial.

Com a introdução do gado *franqueiro*<sup>206</sup>, foram criadas grandes estâncias e as vacarias. Famosas foram as *Vacarias do Mar* e as dos *Pinhais*, formadas no sul do Brasil. Cada povoado missionário tinha uma retaguarda pecuária de enormes dimensões. São estâncias como a de São Miguel, no Brasil; as de Japejú, Caieira das Órfãs e Caieira das Vacas, no Uruguai, assim como outras estâncias nas regiões de Tucumán, Santa Fé e Córdoba, na Argentina. Vinculada à produção da carne e do couro, estava também a do leite e de seus derivados<sup>207</sup>.

O trigo, também trazido da Europa, propiciou a criação de moinhos<sup>208</sup> que abasteciam outras cidades coloniais espanholas e a produção de algodão, utilizado nas tecelagens.

As estâncias, em diferentes escalas, geralmente têm um programa e um partido arquitetônico semelhante ao do conjunto principal das reduções, dos colégios ou das residências jesuíticas: uma igreja, tendo ao lado a residência dos padres, disposta ao redor de um ou dois pátios. Algumas vezes, as residências dos padres tinham dois pavimentos. Atrás desse conjunto, localizava-se o pomar, cercado, e com equipamentos complementares.

Em muitos casos as estâncias tinham sede própria, como unidades

<sup>205</sup> No que se refere à economia missionária, ver a obra de CARBONELL, Rafael de Masi. *Estrategias de desarrollo rural en los pueblos de Guaraníes*. Barcelona: Antoni Bosch, 1992.

<sup>206</sup> Tipo de bovino de grande porte e longas aspas trazido da Europa pelos jesuítas.

<sup>207</sup> CALVO, Luiz Maria. *La Compañía de Jesús em Santa Fé*. Ediciones Culturales Santafesinas, Santa Fé, 1993.

<sup>208</sup> Existem nas diferentes reduções dos Sete Povos várias *pedras de mó*, de arenito, utilizadas nos moinhos missionários.

autônomas<sup>209</sup>, quando distantes dos centros reducionais ou das sedes da Companhia. Em outros casos, como parece ter sido em São Miguel ou em São João Batista, o papel de sede da estância era exercido pela própria redução.

Por todo o território das estâncias e dos ervais, diferentes iconografias registram a existência de equipamentos complementares como capelas<sup>210</sup> ou postos de guarda, onde sempre estavam presentes as cruzes. Currais de pedra (*taipas*) também faziam parte desses complexos, sendo utilizados para reunir o gado e trata-lo. No contexto rural missionário, destacou-se a Estância de São Miguel, pelas grandes dimensões e pela enorme quantidade de gado bovino, ovino e eqüino que possuía.

#### 4.3.6 – Evolução arquitetônica

O primeiro autor a propor uma classificação para as várias *etapas* pelas quais passou a arquitetura missionária nas reduções dos Guarani foi Hernán Busaniche que se referiu basicamente à evolução dos seus *sistemas construtivos*, identificando:

... tres etapas sucesivas en cuanto se refiere a la arquitectura. Durante la primera época que corresponde a las primeras fundaciones, la obra constructiva de los Padres es provisoria; (...) En la segunda etapa, y después del grán éxodo de las misiones, los pueblos se concentran y se consolidan; (...) La tercera etapa de esta arquitectura corresponde a la última época de las misiones; antes de la Expulsión, ...<sup>211</sup>

Segundo ele, a *primeira fase* caracterizava-se por edificações provisórias, geralmente usando paredes de barro ou de *adobe*<sup>212</sup> e

<sup>209</sup> Como exemplos de unidades autônomas, as estâncias de Córdoba, de *Alta Gracia* e *Jesus María*.

<sup>210</sup> José Custódio de Sá e Faria registrou a Capela de Loreto, localizada nas imediações de São Miguel, em 1756.

<sup>211</sup> BUSANICHE, Hernán. *op. cit.*, p. 21-2.

<sup>212</sup> Tijolos sem cozimento.

coberturas de palha, em que predominava a tecnologia construtiva tradicional Guarani. Devido à fragilidade das edificações ao intemperismo ou aos incêndios, não subsistiram vestígios materiais dessa fase.

Na segunda fase, as construções primitivas foram substituídas por outras fisicamente mais estáveis. As estruturas passaram a ser *autônomas*<sup>213</sup>, em madeira, com vedações de alvenarias diversas (adobes, tijolos, pedras) e coberturas feitas com telhas cerâmicas. É dessa etapa a maior parte das estruturas missionárias hoje conhecidas.

A respeito deste sistema construtivo, Lucas Mayerhofer comentou:

As florestas tropicais induziram os construtores jesuíticos ao emprego da madeira como principal elemento para suas estruturas: os madeiramentos dos telhados e os forros de madeira apoiavam-se por meio de vigas em pilares feitos de troncos de grandes árvores. Estes pilares eram depois incorporados às paredes externas. No caso de igreja de três naves, eram também de madeira as colunas intermediárias, ficando à vista no interior do templo.<sup>214</sup>

Sobre a arquitetura dessa etapa, Busaniche assim se manifesta:

... es la época típica, que logra dejar ejemplares característicos; es la arquitectura misionera por excelencia, es esa arquitectura del monte y de la llanura...<sup>215</sup>

O processo construtivo da maioria das igrejas nessa segunda fase era praticamente o mesmo. Consistia em montar uma estrutura de madeira, composta por quatro carreiras paralelas de pilares alinhados entre si, que sustentavam caibros laterais e tesouras de linhas altas. Os pilares possuíam bases quadrangulares ou cilíndricas e eram às vezes

<sup>213</sup> Estruturas independentes de sustentação da edificação e de sua cobertura, em que as paredes cumprem apenas papel de vedação. As estruturas podem ser de madeira, pedra ou, na arquitetura moderna, de concreto armado. Os sistemas construtivos com estruturas autônomas de madeira, em suas diferentes variantes, são tradicionais na Europa, sendo conhecidos por *fachwerk*, (Alemanha), *timberframed buildings* (Inglaterra) ou *enxaimel*, na arquitetura da imigração alemã, no sul do Brasil.

<sup>214</sup> MAYERHOFER, Lucas. *op. cit.*, p. 71.

<sup>215</sup> BUSANICHE, Hernán. *op. cit.*, p. 24.

entalhados.<sup>216</sup>

As paredes externas que envolviam os pilares eram de pedra ou adobe e geralmente possuíam o dobro de sua espessura. Posteriormente essas paredes foram rebocadas e receberam pinturas com ornamentos coloridos em profusão.

Internamente, conformavam um salão retangular, dividido em três naves pelas linhas de pilares de madeira, com três portas frontais e, no mínimo, duas laterais, uma ligando ao cemitério e a outra, ao claustro. Geralmente a capela-mór ocupava todo o espaço da nave central e nas suas laterais se localizavam duas sacristias, com portas para a mesma.

A cobertura, em duas águas, avançava sobre o alinhamento da fachada, formando um alpendre frontal, fechado lateralmente, apoiado em quatro colunas (com arcos decorativos), que correspondem aos acessos à igreja. Os sinos eram suspensos em campanários laterais, geralmente estruturados em madeira e com coberturas próprias, independentes da igreja. Em algumas igrejas, sobre o *transepto*<sup>217</sup>, era colocada uma estrutura de madeira quadrangular mais elevada, às vezes, com ângulos chanfrados formando um octógono, coberta por telhados triangulares planos, que faziam a função de cúpula.

É somente na *terceira fase* da arquitetura missionária, no período que corresponde ao seu apogeu, que aparecem as obras mais sofisticadas, fruto da ação de jesuítas arquitetos que passaram a utilizar os tradicionais sistemas construtivos europeus e a usar como referência a arquitetura da *chiesa del Gesú*,<sup>218</sup> de Roma, em substituição às edificações já tradicionais das tipologias arquitetônicas missionárias.

<sup>216</sup> Ver figura 04 no Anexo A.

<sup>217</sup> Nave transversal que separa a nave principal do altar-mor, dando à planta a forma de cruz. CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos A. C. *op. cit.*, p. 455.

<sup>218</sup> Neste estudo, estaremos utilizando a denominação igreja de *Gesú*, em italiano, para evitar confusão com a igreja de Jesus, do Paraguai.

Essas novas obras passaram a utilizar sistemas estruturais *portantes*<sup>219</sup> em pedra, com arcos e abóbadas de tijolos, sendo cobertas por telhados cerâmicos. Nesse período, a cobertura da edificação se apoiava diretamente em paredes de pedra, que geralmente tinha espessura maior que as da fase anterior e eram executadas em pedras de cantaria preenchidas internamente com peças irregulares<sup>220</sup>.

As naves laterais eram separadas da central por maciços que sustentavam arcos feitos em pedra ou tijolos. O forro da nave central era em abóbada de berço de madeira e o das laterais, em abóbadas de aresta, também de madeira<sup>221</sup>. Sobre a capela mor, localizava-se uma abóbada de madeira, *em meia laranja*, estruturada sobre um tambor também construído em madeira - pela falta de cal – que, externamente, simulava uma cúpula, com cobertura em telhados planos.

São poucas as obras dessa fase realizadas antes da expulsão dos jesuítas. Das igrejas, apenas a de São Miguel e a de Trinidad, no Paraguai. As obras de Jesus, também no Paraguai, ficaram interrompidas pelos conflitos decorrentes do processo histórico, permanecendo inconclusas. Dentre essas, a de São Miguel é, sem dúvida, o exemplar remanescente mais íntegro<sup>222</sup>.

#### 4.3.7 – Materiais

Dentre os materiais usados para as construções e esculturas sacras missionárias, o principal era a madeira, das quais o *cedro* (*Cedrela*

<sup>219</sup> Estruturas onde as paredes são responsáveis por suportar as cargas da edificação e sua cobertura.

<sup>220</sup> Sistema construtivo do tipo *portante* de tradição romana, que estrutura duas paredes paralelas com pedras de cantaria e preenche o seu interior com barro e pedras não aparelhadas – *opus incertum*.

<sup>221</sup> Devido à falta de cal nesse período inicial, a maioria das estruturas de cobertura e forros era feita de madeira. Poucos são os vestígios remanescentes de abóbadas de tijolos, dentre os quais a da sacristia do lado do Evangelho da igreja de São Miguel.

<sup>222</sup> Ver figuras 05 a 08 no Anexo A.

*Tubiflora*) era a mais utilizada.

No que se refere às pedras, o *arenito*, de diferentes veios e resistências, era a mais empregada nas construções em trabalhos de cantaria. O *itacurú*, conhecido como *pedra cupim*, era usado nas fundações e para a extração do ferro<sup>223</sup> com que se fabricavam sinos, ferragens e implementos.

A argila vermelha local, rica em minério de ferro, era utilizada nas olarias missionárias para a execução de tijolos, pisos cerâmicos e telhas. A *tabatinga*, um barro esbranquiçado encontrado junto aos córregos, era utilizado como *tinta* para branquear as construções mais importantes. Um barro acinzentado, o *ñaú*, era usado para assentar as telhas, colocadas nos telhados sobre esteiras de taquara.

A extração da maior parte dos materiais utilizados se fazia, geralmente nas redondezas dos povoados. Em São Miguel, foram localizadas duas das pedreiras de onde era extraído o arenito.<sup>224</sup>

Dentre os outros materiais empregados nas reduções, estavam os subprodutos da produção bovina: o couro, uma das matérias primas básicas, era utilizado em *correarias*, equipamentos e no mobiliário; o sebo, na confecção de velas. Com o algodão fabricavam-se os tecidos nos teares das oficinas.

#### 4.3.8 – Evolução urbana

No sentido de identificar etapas referentes aos *ordenamentos*

<sup>223</sup> Sobre o processo de extração de ferro, pioneiramente iniciado pelo Padre Sepp na região, ver SEPP S.J., Antônio, *Viagem às missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

<sup>224</sup> Pesquisa realizada em 2001 por Carlos Henrique Nowatski da UNISINOS referente ao *Estudo das mesofeições ocorrentes nos afloramentos e nas pedras da antiga igreja de São Miguel Arcanjo*, com objetivo de descrever os materiais e identificar os locais de extração das pedras utilizadas nas construções.

*urbanos no sistema reducional, propomos o reconhecimento de duas fases referentes a sua estrutura espacial interna*<sup>225</sup> onde as variáveis, *território, arquitetura e organização espacial* interagem, diferentemente:

- Na *primeira fase*, (século XVII), as povoações iniciais devem ter atendido às orientações baseadas na aplicação genérica das Leis das Índias, que correspondem, em princípio com as descrições dos inúmeros pequenos povoados – *aldeamentos ou povoados de índios* – empreendidos durante a colonização espanhola<sup>226</sup> e portuguesa na América. Estes povoados eram basicamente formados por uma organização de choças, geralmente de palha, em torno de uma praça retangular onde, numa das faces, ou sobre a mesma, localizava-se a igreja;

Sendo o objetivo da Companhia a doutrina e catequese, a igreja devia ser ampla a fim de abrigar número sempre crescente de convertidos e curiosos, localizada, de preferência, em frente a um espaço aberto – um terreiro – onde o povo pudesse se reunir e andar livremente, não se prevendo, o mais das vezes, a construção ordenada de casas em volta desta praça.<sup>227</sup>

- Na *segunda fase*, a redução missionária adquire sua *autonomia compositiva e funcional*, em relação ao traçado da cidade colonial espanhola, moldando características próprias, estruturando um *modelo espacial* reconhecível, o qual pode ser denominado por *tipologia urbana missionária*, que definiu particularmente às reduções da Província Jesuítica do Paraguai.

Segundo Lucio Costa,

Os jesuítas revelaram-se, nestas Missões urbanistas notáveis, e a obra deles, tanto pelo espírito de organização como pela força

<sup>225</sup> Segundo Yujnovsky, *estrutura espacial interna* se define como (...) el conjunto de actividades componentes de la ciudad y las relaciones que mantienen entre sí, desde el punto de vista de la disposición de dichas actividades en el espacio urbano y la dimensión espacial de esas relaciones. YUJNOVSKY, Oscar. *La estructura interna de la ciudad. El caso latinoamericano*. Buenos Aires: SIAP, 1971. p. 19.

<sup>226</sup> Ver figura 09 no Anexo A.

<sup>227</sup> Costa, Lucio. *op. cit.*, p. 13.

e pelo fôlego, faz lembrar a dos romanos nos confins do império".<sup>228</sup>

A planta de todos estes povoados obedecia a um padrão uniforme preestabelecido. Os quarteirões com as colunas dos alpendres em fila e bem alinhados se arrumavam como regimentos em volta da praça. Tudo se distribuía e ordenava com uma disciplina quase militar.

Analisando a evolução da *tipologia urbana missioneira* em algumas décadas de aplicação, verificamos que no processo, podem ser reconhecidos ainda *dois momentos* principais que correspondem ao aprimoramento dos *sistemas construtivos* utilizados, aplicados sobre uma mesma estrutura urbana (forma de uso e de ocupação do território).

Num primeiro *momento*, no final do século XVII, construíam-se exclusivamente edificações com estruturas *independentes* de madeira, que posteriormente passaram a ser cobertas com telhados cerâmicos. Essa etapa, reconhecida como a mais *autêntica* ou *original*, é também a que melhor representa o conjunto das reduções do Paraguai. Ela também serviu como referência para os ordenamentos da rede urbana das reduções de Chiquitos e Moxos, na Bolívia, onde as estruturas independentes de madeira constituíram-se na característica principal.<sup>229</sup>

Nas primeiras décadas do século XVIII, em *algumas* reduções, as edificações *principais* passaram a ser reformadas ou substituídas por novas, com estruturas *portantes* em pedra. Esse período correspondeu à chegada e à participação de arquitetos europeus, que, basicamente sobre uma estrutura urbana configurada – a reconhecida como tipologia urbana missioneira – passaram a inserir nas reduções referências arquitetônicas de caráter *metropolitano*, de gosto e tecnologia européia. Esse processo de renovação ficou interrompido em meados do mesmo século e seu período tem sido considerado por diferentes autores como o do *apogeu* do

<sup>228</sup> PESSÔA, José. *op. cit.*, p. 35.

<sup>229</sup> Ver figura 10 no Anexo A.

sistema missionário.

Segundo se pode depreender dos vestígios arqueológicos remanescentes, a lógica da dinâmica da renovação era a seguinte: iniciava-se pela ampliação ou substituição igreja, por ser esta a edificação mais importante dos povoados e continuava-se pelas casas ao redor da praça. Então, havendo condições materiais para tanto, construíam-se as demais edificações, em camadas sucessivas, num processo contínuo de sobreposição. Modificava-se a qualidade da arquitetura e, por decorrência, a qualidade da configuração espacial. Não se alterava a distribuição funcional.

O exemplo mais adiantado dessa fase é o representado pela redução de Trinidad, onde, além da igreja, também as casas dos índios passaram a ter suas tradicionais galerias construídas com sistemas portantes, com arcadas em pedra, num processo de sofisticação não registrado até então nas missões. Como exemplo e testemunho do processo de renovação temos a redução de San Ignácio Mini, na Argentina, que conseguiu preservar o maior conjunto de edificações remanescentes dessa etapa, nos trinta povos.<sup>230</sup>

#### 4.3.9 – A tipologia urbana missionária

A chamada *tipologia urbana missionária*, denominação da estrutura característica das reduções do Paraguai, se organizava a partir dos dois componentes básicos, organizados no entorno da grande praça central. O primeiro, a cabeça da redução, compunha-se de um conjunto de edificações dominado pela igreja, que geralmente ocupava o ponto mais alto do sítio. O segundo, desenvolvia-se a partir das três outras faces da mesma praça, ocupadas por blocos de edificações regulares, com uma

---

<sup>230</sup> Ver figura 11 no Anexo A.

mesma tipologia arquitetônica.<sup>231</sup>

O *primeiro conjunto* era constituído por uma grande estrutura, mais elevada em relação à praça, com a igreja, disposta entre o cemitério, de um lado, e dos outros dois pátios com edificações periféricas, de outro. No primeiro pátio, o *claustro*, ficava a residência dos padres, no segundo, os depósitos e as oficinas. Atrás desse bloco, cercada por um muro de pedra, localizava-se a quinta dos padres.

Era uma estrutura *fechada*, organizada sobre um mesmo alinhamento frontal, com poucos e definidos acessos em relação à praça e ao restante do espaço público. O *pórtico*<sup>232</sup> da igreja se sobressaía em relação ao conjunto, o que contribuía para colocar em destaque a edificação principal. Numa outra hierarquia, estavam os acessos ao cemitério e ao claustro, marcados por pilastras e cobertura independentes. Internamente, existiam linhas de comunicação entre essas edificações, geralmente formadas por caminhos ortogonais que se cruzavam no centro dos pátios ou da própria igreja.

O *segundo conjunto* estruturava-se a partir da praça e da via principal, ao redor das quais se organizavam à guisa de quarteirões, grandes pavilhões avarandados, ortogonalmente distribuídos, com as habitações utilizadas pelos índios. Diferentemente do primeiro, o segundo conjunto era integrado por blocos de edificações de caráter *aberto*, rodeadas de galerias, avarandados ou *porticados*, cujos vãos conectavam os cômodos diretamente ao espaço público.

Por não se constituir num *modelo*, na tipologia urbana missionária, os componentes dessa *estrutura* variavam de posição nas diferentes reduções, obedecendo sempre ao mesmo esquema geral. Mas como

<sup>231</sup> Ver figura 12 e 13 no Anexo A.

<sup>232</sup> Costuma-se denominar de *pórtico* as estruturas cobertas anteriores às fachadas das igrejas missionárias. Essas estruturas *porticadas* eram geralmente formadas por quatro pilares de madeira ou pedra e estruturas de madeira em arcos plenos entre os três vãos. Cumprem a função de *átrio* ou *prónau*, com raízes nos templos gregos.

princípio, sempre o primeiro conjunto ficava de um lado da praça e o segundo ocupava os outros três.

Variavam de posição, no primeiro conjunto, o cemitério que ficava ora à direita, ora à esquerda da igreja, e como decorrência o claustro e as oficinas, que também invertiam sua localização.

No segundo conjunto, também as casas dos índios, sempre construídas paralelamente entre si, podiam mudar a sua disposição, mantendo sua relação de ortogonalidade. No entanto, nas reduções estudadas, as estruturas que mais trocavam de lugar eram o cotiguacú, o tambo e o Cabildo.

A iconografia mais conhecida que representa a *tipología urbana misioneira* é a gravura da redução de Candelária, publicada pelo padre Peramás<sup>233</sup>, no exílio em 1791. Sua estrutura, absolutamente regular, parece ser uma representação idealizada da redução. Outras iconografias importantes que também representam essa tipologia são as da redução de São João Batista localizadas no arquivo de Simancas, na Espanha e na Biblioteca Nacional de Paris, França.<sup>234</sup>

O esquema geral da distribuição das estruturas misioneiras correspondentes a essa tipologia foi representado graficamente, segundo Gutierrez, por Sánchez Labrador, cujo original<sup>235</sup> se encontra em Roma. Nos Sete Povos, o conjunto de plantas de reduções elaboradas por José

<sup>233</sup> *El Jesuita español y misionero del Paraguay Peramás (1732-1793) publicó posterior a la disolución de la Compañía, dos libros en latín con la biografías de misioneros importantes*. SCHMID, Martin. op. cit. p. 148. Peramás também foi o autor de *La República de Platón y los Guaranies*. Uma cópia desta iconografia encontra-se no arquivo do Itamaraty, no Rio de Janeiro. Ver figura 14 no Anexo A.

<sup>234</sup> Ver figuras 15 e 16 no Anexo A.

<sup>235</sup> *Este documento cartográfico es el que más nos aproxima de la configuración del “modelo” “misionero. Furlong lo atribuye a Cardiel (...). Sin embargo, constataciones más recientes parecen atribuir al Padre Sanchez Labrador la autoría del plano*. MAEDER, E. & GUTIERREZ, R. *Atlas histórico y urbano del nordeste argentino*. Resistencia, IIGH, 1994. Desenhos executados entre 1786 e 1789. Ver figura 17 no Anexo A.

Maria Cabrer<sup>236</sup>, quando da demarcação do Tratado de Limites de Santo Ildefonso, também registram esta tipologia.

#### 4.3.10 – Demografia e crescimento urbano

Um dos pressupostos de planejamento característico do sistema reducional era a limitação populacional. O fato de em uma redução estarem designados apenas dois padres, o *sacerdote* e o *companheiro*, talvez se deva a razões operacionais, isto é provavelmente havia um limite no número de indígenas. O limite superior foi em média de *seis mil* índios e o inferior, de *três mil*.

Como estratégia para controlar o crescimento dos povoados, os jesuítas utilizaram a divisão de suas populações *quando atingiam o limite* estabelecido e partiam para a fundação de *uma nova colônia*. Isso ocorreu com São Miguel, quando em 1697, parte de sua população acompanhou o Padre Sepp para fundar São João Batista. No novo sítio, primeiro estruturavam condições de sobrevivência e depois traziam as famílias.

A população de São Miguel<sup>237</sup> diminuiu de 4195 habitantes em 1690, para 2197, em 1702, evidenciando a criação de São João Batista. Atingiu o seu ápice em 1751, com 6954 habitantes, que foi reduzido para 4534, em 1761, fato relacionado com a Guerra Guaranítica, e para 1973 em 1794.

Caberia neste item referente à população dos povoados, mencionar, mesmo que de modo superficial, a relação entre a população efetivamente *reduzida* pelos jesuítas e a *população total* de índios Guarani

<sup>236</sup> Conjunto de plantas esquemáticas de reduções de São Borja, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo dos Sete Povos, dentre outras da Argentina e Uruguai, cujos originais encontram-se no Arquivo do Ministério de Relações Exteriores, no Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro. Desenhos executados entre 1786 e 1789. Ver figura 18 e 19 no Anexo A. ADONIAS, Isa. *Imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.

existente na região. No que se refere à população das reduções, vários autores, juntando os registros populacionais dos diferentes inventários no período da expulsão, chegam a estima-lo em cerca de cento e cinqüenta mil índios. Não existem registros claros a respeito da quantidade de índios que, nessa época, habitavam a região platina.

Mesmo não sendo este o tema principal de nosso trabalho, acreditamos ser necessário observar que, em nosso ver, as populações das reduções, de acordo com o costume itinerante dos Guarani, eram, no mínimo em parte, de caráter *transitório*. Alguns nativos deviam circular entre os diferentes povoados, mas também talvez houvesse, dentre eles, alguns que se mantinham com seus antigos costumes, *arranchados* no território, ou mesmo nas proximidades das próprias reduções, de acordo com suas conveniências. Não devia haver condições de, com tão poucos padres, efetuar-se um rastreamento ou mesmo a repressão aos índios não reduzidos.

Cunha, quando entrou em São Miguel, mencionou a existência de vários ranchos ao longo da estrada de São João. A esse respeito, já foi mencionado tratarem-se de estruturas de apoio para atividades rurais. A questão que ainda fica sem uma resposta objetiva é se efetivamente *todos* os ranchos se destinavam a essas funções.

Desde a Missão de S. Miguel até a de São João há matos continuados, e por junto deles grande quantidade de rancharias dos Índios tudo de palha, e há por entre os ditos matos muitos campestres, uns grandes e outros pequenos, por onde eles têm suas roças.<sup>238</sup>

Voltando para o campo da análise morfológica, referente ao *crescimento* dos povoados, passaremos a utilizar como referência a metodologia proposta por Panerai.<sup>239</sup>

<sup>237</sup> Fonte: MAEDER, E. & GUTIERREZ, R. *op. cit.*, 1994.p. 27.

<sup>238</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p.315

<sup>239</sup> PANERAI, Philippe et al. *op. cit.*, 1983.

No que se refere à *direção de crescimento*, a redução de São Miguel e os povoados da tipologia urbana missionária se desenvolviam para três dos lados da praça, ao longo do eixo da via principal e dos dois outros eixos transversais.<sup>240</sup>

Quanto à *forma de crescimento*, a redução se desenvolvia de maneira *contínua* no território. O *alinhamento* do primeiro conjunto se constituía em *barreira* que impedia o crescimento da povoação em direção ao quarto lado da praça.

Isso fazia com que fossem reconhecíveis ali dois tipos de *tecidos urbanos*: um formado pelo primeiro conjunto, como a *cabeça* da redução, e o outro, estruturado e ordenado *simétrica e axiamente*, com seus limites externos difusos, constituído pelos blocos das casas dos índios.

#### 4.3.11 – Hipóteses sobre as origens da *tipologia urbana missionária*

Analizando a documentação histórica publicada e disponível, não encontramos menções de orientações ou diretrizes que possam evidenciar a origem objetiva dessa organização peculiar, a *tipologia urbana missionária*. Acreditamos que, da mesma forma como ocorreu nos aspectos da organização administrativa e política, as *regras de configuração espacial* da tipologia urbana missionária foram sendo consolidadas no decorrer do próprio processo histórico, como resultado da ação de muitas mãos ao longo do tempo.

No entanto, existem indícios que parecem vincular o Padre Antônio Sepp<sup>241</sup> a esse processo estruturador inicial. Alguns dos relatos de sua autoria sobre a implantação da nova redução de São João Batista podem

<sup>240</sup> Ver figura 20 - Anexo A.

<sup>241</sup> Sua obra *Viagens às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos* é uma coletânea de cartas escritas entre 1691 a 1701, principalmente para seu irmão Gabriel Sepp, na Alemanha. Uma tradução em espanhol de uma carta de 1701, onde este aspecto é relatado, encontra-se na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro (I 29.04.105).

ser considerados como o *discurso fundador* dessa segunda etapa dos ordenamentos urbanos missioneiros, uma vez que ele não menciona que sua iniciativa se referisse a uma *cópia* ou mesmo uma *adaptação* de suas próprias experiências anteriores vivenciadas nas reduções de Japejú ou mesmo em São Miguel. É da autoria do Padre Sepp o primeiro registro escrito conhecido que descreve a estrutura *bipartida* da redução e o *cruzamento* das vias principais, peculiares da tipologia urbana missioneira, consolidada ao longo da primeira metade do século XVIII. Ele inicia seu discurso, afirmando: *não aprendí com nenhum arquiteto como se traça um povoado.*

Sobre a escolha do sítio, Padre Sepp demonstra sua extensa bagagem cultural européia, citando explicitamente o modo de proceder usado pelos romanos, que foi historicamente resgatado a partir do Renascimento:

Explorar o Sítio era tão necessário a nós como todos os de Europa, antes de povoarem uma terra, e aos romanos antes de tomarem posse das colônias. Inquiriam bem a situação do lugar, se era palustre, arenoso, etc..., a que ventos estava exposto, se rodeado de montes e bosques, se irrigado por riachos e rios aprazíveis; além disso a abundância de águas e fontes, a salubridade, claridade; cópia de pedras e rochas para fender, ou a falta delas; a qualidade do solo e da argila para o fabrico de telhas e tijolos e mil outras cousas necessárias para fundar uma aldeia ou uma povoação.

Sobre o planejamento da povoação, descreve as duas áreas funcionais que compõem uma redução:

Empreendida obra de tanta monta como era fundar a nova colônia, o meu trabalho foi fugir da estupidez que facilmente sói cometer-se na construção demasiadamente apressada de vilas e cidades. Para que as construções não se fizessem espalhadas aqui e ali, sem ordem e em conflito com as regras da arte arquitetônica, e se correspondessem, bem dispostas, em longa série, dividi a planície ou área da futura aldeia em duas partes iguais, de modo que uma ala ou parte da aldeia contasse de largura tantos pés geométricos quanto a outra. A paróquia ou templo, e a casa dos padres missionários ocuparia o meio da praça. Esta praça seria o centro, donde partiriam as ruas

paralelas, igualmente distantes de um lado e outro.<sup>242</sup>

Sobre o processo de implantação da redução e a divisão fundiária:

A primeira condição com a qual deveria cumprir foi a medição dos terrenos para a construção das casas com o cordão de agrimensor. Tive que assinalar a cada grupo de casas o mesmo número de pés de comprimento e largura.

Sobre a praça e a organização geral da estrutura urbana:

No centro devia alinhar a praça, dominada pela igreja e casa do pároco. Daqui deviam sair todas as ruas, sempre eqüidistantes uma da outra. (...)

A praça principal era de quatrocentos pés de largura e quinhentos pés de comprimento. Em ambos os lados da Igreja se elevam, como um anfiteatro, as casas dos índios, formando largas filas bem ajustadas. Cada grupo de casas localizado do lado oposto da Igreja se dividia em doze casas, cada uma com sua própria entrada. Os outros, à esquerda e a direita da igreja, continham somente seis casas.

Sobre as ruas principais, que, como *cardo* e *decumano*, se cruzam no centro da urbe:

Da praça saem as quatro ruas principais *construídas em forma de cruz*,<sup>243</sup> que medem sessenta metros de largura e mais de mil de comprimento, e levam ao campo em todas as direções. Esta distribuição das casas e ruas embeleza o aspecto do povoado particularmente, pois de todos os pontos cardinais, quatro avenidas largas e formosas levam para dentro da vila e se encontram na metade da praça, em frente ao portal da Igreja.

Essa minuciosa descrição corresponde integralmente ao que foi registrado nas duas iconografias de São João Batista já referidas. Também corresponde, basicamente, ao que está representado nas outras iconografias missionárias existentes e aos vestígios reconhecíveis da organização espacial dos povoados missionários remanescentes.

É importante reiterar a menção expressa por Sepp nesses relatos

<sup>242</sup> SEPP, Antônio. *op. cit.*, p. 219-20.

de estruturar um traçado urbano a partir da divisão do sítio em *duas partes* e de sua organização a partir de *cruzamento* de vias e da provável relação com a *maneira romana* de proceder na organização territorial de áreas urbanas, principalmente em suas colônias.

De sua carta dirigida ao Padre Gullermo Stingelhaim, na *Alta Alemania*, em 1701, cuja transcrição em espanhol encontra-se na Biblioteca Nacional, extraímos ainda:

... Mi primera atención fué escojer un terreno para fabrica de la Iglesia y la casa del Misionero: desde allí tiré algunas lineas paralelas que habrian de ser otras tantas calles en las cuales se haria edificar casas para cada familia de manera que la Iglesia fuese el centro de todo el Pueblo, o el termino de todas las calles. Según este Plán, estaba el Misionero alojado en medio de sus Neophy whole, y por consiguiente más a tiro de cuidar, y velar sobre su conducta, y exercer los ofícios propios desse ministerio.

Por esses motivos salientamos a importância da ação do Padre Sepp também no campo da urbanização, reconhecendo seu caráter pioneiro e sua provável vinculação com a configuração da *tipologia urbana missioneira*, que caracterizou a segunda fase das reduções.

Quanto ao período de reestruturação e à renovação urbana dos povoados, Furlong<sup>244</sup> vincula o padre Luís de Roca às mesmas em suas duas sucessivas gestões enquanto Provincial da Companhia, localizado em Candelária, de 1713 a 1717 e de 1722 a 1726.

... fué quién inició la renovación material de los pueblos en conformidad com las ideas edilicias de la época.

En el decurso del siglo XVIII, entre 1715 y 1730 los pueblos misioneros llegaron a renovar todas sus casas y a substituir sus primitivas iglesias por otras más amplias, más en conformidad com las leyes arquitectónicas y más ricas.<sup>245</sup>

Existem registros da renovação das casas dos índios e da igreja da

<sup>243</sup> Grifo nosso.

<sup>244</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 621.

<sup>245</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 629.

redução de Santo Inácio em documentos escritos entre 1714 e 1722<sup>246</sup>.

... fué a partir de 1660 que la mayor parte de los pueblos se renovaron notablemente y fué a partir de 1725 que muchísimos de ellos tomaron rasgos más modernos.<sup>247</sup>

Nesse sentido, há necessidade de aprofundar estes aspectos, para verificar com clareza o envolvimento do padre Roca – seus princípios e diretrizes – enfim seu *projeto* para as reduções ou, no mínimo, para a sua renovação.

Gutierrez, avaliando os resultados do sistema reducional missionário, conclui que:

A tipología urbana jesuítica, reiterada com escassas variações nos 30 povoados, constitui o único sistema autônomo planificado que se oferece como um modelo alternativo ao se institucionalizar as Leis das Índias.<sup>248</sup>

#### 4.3.12 – Os arquitetos

Um fator de diferenciação evidente entre as reduções na terceira fase era a arquitetura, principalmente a das igrejas. A presença de padres, de diferentes proveniências e com diferentes formações, dentre os quais alguns arquitetos, moldou, dentro do esquema tipológico geral, características peculiares em cada povoado, o que lhes confere, como atributos, uma *identidade*.

Dentre os padres vinculados à arquitetura e às artes, citamos: o grande arquiteto italiano José Brasanelli que chegou às missões em finais do século 17 e deixou uma significativa obra arquitetônica e artística, por suas qualidades como pintor, escultor e músico. Na mesma época, chegaram Ángel Camilo Petragrada da Itália e Antônio Sepp da Alemanha.

<sup>246</sup> FURLONG, Guillermo. op. cit. p. 627.

<sup>247</sup> FURLONG, Guillermo. op. cit. p. 237.

<sup>248</sup> GUTIERREZ, Ramón. 1987, p. 26.

No início do século XVIII, veio o arquiteto Gian Baptista Primoli, de Milão, responsável pelos projetos do Cabildo de Buenos Aires, das igrejas de São Miguel Arcanjo, de Trinidad, que ficou inconclusa, e das estâncias de Córdoba, Alta Gracia e Jesus Maria. Na mesma época, chegaram Andréa Bianchi e Antônio Forcada, este último sendo o provável construtor da Igreja de Jesus, projetada por José Grimau, que ficou inconclusa. Um outro arquiteto a desenvolver uma grande obra nas missões foi o suíço Martin Schmid, que trabalhou em Concepción. Seu principal trabalho deu-se nas missões de Chiquitos, onde foi o maior responsável pelas construções.

## 5 – A REDUÇÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO: ASPECTOS TIPOLÓGICOS DOS ORDENAMENTOS URBANOS E DA ARQUITETURA

Este capítulo tem por objetivo descrever e analisar sob o ponto de vista *tipo-morfológico* e *funcional* o espaço urbano e a arquitetura da redução de São Miguel Arcanjo a partir das relações entre *sítio*, *estrutura urbana* e *elementos construídos*. Vamos também rever aqui as obras precursoras dos arquitetos Lucio Costa e Lucas Mayerhofer, a primeira sobre a arquitetura dos jesuítas e a da igreja de São Miguel e a segunda, sobre a reconstituição do espaço urbano de São Miguel.

Um dos primeiros pontos levantados por Lucio Costa sobre a arquitetura jesuítica produzida no Brasil<sup>249</sup> refere-se ao próprio conceito de *arte jesuítica*. Ele considera ser incorreto buscar *englobar* num único termo uma infinidade de realizações produzidas por esta Ordem na arte religiosa em diferentes países ao longo de dois séculos (XVII e XVIII), realizações essas que se manifestam *de acordo com as conveniências locais e com características de estilo, próprias de cada local*. No que se refere à análise arquitetônica, sugere:

Quando se estuda qualquer obra de arquitetura, importa ter primeiro em vista, além das imposições do meio físico e social, consideradas no seu sentido mais amplo, o ‘programa’, isto é, quais as finalidades dela e as necessidades de natureza funcional a satisfazer; em seguida a ‘técnica’, quer dizer, os materiais e o sistema de construção adotados; depois o ‘partido’ ou seja de que maneira, com a utilização desta técnica, foram traduzidas, em termos de arquitetura, as determinações daquele

---

<sup>249</sup> Costa, Lucio. 1941. *op. cit.* , p. 9-10.

programa; finalmente a ‘comodulação’ e a ‘modenatura’, entendendo-se por isto as qualidades plásticas do monumento”.<sup>250</sup>

De maneira geral as análises *tipo-morfológicas e funcionais* de São Miguel referem-se basicamente ao estudo das características do terceiro assentamento urbano, em sua localização definitiva. No que se refere ao tempo, aborda-se o período considerado de seu *apogeu*<sup>251</sup>. Os sistemas construtivos utilizados foram analisados, de maneira genérica, no contexto reducional, no capítulo anterior. Já os aspectos de sua plástica e modenatura, serão objeto de análise no próximo capítulo.

Como suporte documental para este estudo serão utilizadas as iconografias existentes, os levantamentos técnicos efetuados durante o século XX, referentes aos bens arquitetônicos e arqueológicos, buscando-se cotejar essas informações com outras fontes bibliográficas e arquivísticas disponíveis.

Peças fundamentais para este estudo são as três iconografias que se encontram no Rio de Janeiro: o *Risco de São Miguel*<sup>252</sup>, a *Vista y Elevación de la Iglesia del Pueblo de San Miguel*<sup>253</sup> e a *Vista da Igreja de São Miguel em Ruínas*,<sup>254</sup> Figuras 26, 27 e 28 respectivamente, apresentadas e descritas no Anexo B.

A primeira sintetiza o apogeu urbano que atingiu este povoado missionário antes dos conflitos desencadeados pelo Tratado de Madri; a segunda apresenta com riqueza de detalhes uma elevação do que chegou a ser sua igreja, com todas as obras concluídas; a terceira registra

<sup>250</sup> Costa, Lucio. 1941. *op. cit.*, p. 13.

<sup>251</sup> Esse período corresponde a meados do século XVIII, antes dos conflitos pelas demarcações de limites decorrentes do Tratado de Madri.

<sup>252</sup> O original encontra-se arquivado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Manuscrito AMM 41 76/98. Seção Iconográfica ARC 24-3-6.

<sup>253</sup> O original encontra-se no Arquivo do Ministério de Relações Exteriores, no Rio de Janeiro, Manuscrito número 343-2-5, Tomo 3º.

<sup>254</sup> Alfred Demersay, médico francês em *Viagem ao Paraguai* entre 1844 e 1847. A litografia original está depositada no Arquivo Histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro, reproduzida por A. D'Hastrel, integrando o *Atlas Demersay 1860-1864*.

aspectos de sua ruína, aproximadamente um século depois.

Para complementar as análises são utilizados trechos referentes a São Miguel Arcanjo retirados dos diários de 1756 do Capitão Espanhol Francisco Grael<sup>255</sup>, de José Custódio de Sá e Faria<sup>256</sup> e do Cap. Jacinto Rodrigues da Cunha<sup>257</sup>, que participaram das *Comissões de Demarcação do Tratado de Madri*.<sup>258</sup>

Como referências gráficas e de descrições contemporâneas também são referidos os trabalhos desenvolvidos em função das ações de preservação dos remanescentes da antiga redução, quais sejam: o *Levantamento Gráfico das estruturas*<sup>259</sup> o *Levantamento Cadastral*<sup>260</sup> e o *Levantamento plani-altimétrico*<sup>261</sup>.

As análises abrangem, na medida do possível, informações acerca da Redução de São Miguel Arcanjo e suas relações com as demais reduções do sistema reducional missionário.

<sup>255</sup> Oficial Espanhol que acompanhou a expedição de Gomes Freire de Andrade em 1756. Seu diário, recentemente publicado no Brasil, tem contribuído com importantes descrições de São Miguel, à época. GRAELL, D. Francisco. *O Passado Missionário no Diário de um Oficial Espanhol*. Santa Cruz do Sul: UNISC. 1998.

<sup>256</sup> José Custódio de Sá e Faria, engenheiro-militar, que viveu nas Américas Iusa (1751-1777) e castelhana (1777-1792). Seu diário, envolvendo a expedição de demarcação do Tratado de Madri e a Guerra Guaranítica, está publicado em GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica*. Passo Fundo, EDIUPF. Porto Alegre, UFRGS, 1998.

<sup>257</sup> Diário do Cap. Jacinto Rodrigues da Cunha, da expedição demarcadora dos limites entre as possessões de Portugal e Espanha na América Meridional, determinados pelo Tratado de Madri, 1750. Expedição comandada, do lado português, pelo General Gomes Freire de Andrade.

<sup>258</sup> As comissões de demarcação trabalharam de 1752 a 1759, realizando explorações e levantamentos na zona limítrofe, dos quais resultaram inúmeros diários e dezenas de plantas e mapas executados por José Custódio de Sá e Faria, Manuel Vieira Leão, José Fernandez Pinto Alpoim, Manuel Pacheco de Cristo, entre outros, todos integrantes da comissão portuguesa. ADONIAS, Isa. 1993, op. cit. , p.271.

<sup>259</sup> Realizado em 1970 por solicitação do responsável pelo IPHAN na região Sul, Luís Saia, por José Saia Neto, Odair Carlos de Almeida, Antônio Luís Dias de Andrade e Júlio Abe. Arquivo 12<sup>a</sup> SR IPHAN.

<sup>260</sup> Realizado em 1980/1981, sob orientação de Fernando Machado Leal, por Odair Carlos de Almeida e Luiz Antônio Custódio, para instruir projeto de estabilização da igreja, supervisionado pela UNESCO. O resultado desse trabalho foi publicado em 1994 e os originais encontram-se no arquivo da 12<sup>a</sup> SR IPHAN.

<sup>261</sup> Executado pelo Departamento de Topografia da Universidade Regional Integrada /Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões em 1995.

### 5.1 – O sítio

No que se refere ao local escolhido para implantação da redução de São Miguel Arcanjo, em 1987, podemos dizer que este atendeu às diretrizes gerais relacionadas por Cardiel, anteriormente descritas, quais sejam: encontrou-se uma colina ampla e arejada, com espaço suficiente para a extensão de suas ruas, com fontes de água próximas, e, provavelmente, bem servida de matas nativas para a extração de madeiras.

Segundo o Diário do Capitão Jacinto Rodrigues da Cunha,

Acha-se esta missão situada sobre a chapada de uma lomba, toda quarteada de grandes e pequenos capões de matos, dos quais nascem muitos regatos que deságuam em o rio Baçaripy, que dista um quarto de léguas, o qual é o que passamos no dia 15, avistando-se daquele lugar muitas léguas, em roda de toda a campanha...

No mesmo sítio ainda existem hoje as *nascentes* de água referidas, onde se localizavam as antigas fontes de água da redução. Uma delas, localizada à sudeste da igreja, foi objeto de escavação arqueológica, quando foi encontrado um complexo *sistema hídrico* todo executado em arenito com dutos para canalização subterrânea, estruturas decoradas e tanques circulares pavimentados.

Sobre as características do sítio de São Miguel, Cunha registrou, em 1756, uma situação que ainda é característica de São Miguel das Missões:

... o mesmo chão, que todo é de barro vermelho; o qual, em tempo de sol, com qualquer pequeno vento faz tão grande poeira, que jamais se pode evitar o ficar tudo daquela cor; e havendo chuva, é tão grande a lama e pegajosa, que não se pode dar passo sem enfado...

## 5.2 – O programa

Avaliando a arquitetura jesuítica no Brasil, Lucio Costa colocava que:

O programa das construções jesuíticas no Brasil, era relativamente simples. Pode ser dividido em três partes, correspondendo cada uma destas a uma determinada utilização: para o culto, a igreja com o coro e a sacristia; para o trabalho, as aulas e as oficinas; para a residência, os ‘cubículos’, a enfermaria e mais dependências de serviço, além da ‘cerca’ horta e pomar.<sup>262</sup>

Na mesma ocasião, referindo-se ao programa dos Sete Povos, comentava:

... o programa jesuítico brasileiro não comportava os traçados jesuíticos integrais tão característicos das missões da Província do Paraguai, das quais nos ficaram, por bem dizer – ‘de quebra’, os chamados Sete Povos das Missões.

A estrutura urbana da redução de São Miguel Arcanjo, enquanto organização espacial, correspondia basicamente à *tipologia urbana missionária*. Essa tipologia era tão marcante que José Maria Cabrer<sup>263</sup>, da comissão portuguesa encarregada de efetuar o inventário dos povoados missionários após a Guerra Guaranítica, elaborou uma *planta tipo* e a reproduziu para registrar *todas as reduções* que inventariou nos Sete Povos, independentemente das diferenças existentes entre elas.

Na redução de São Miguel, o cemitério situava-se no lado da *Epístola*, que correspondia neste caso ao lado oeste da igreja, e como consequência, os demais componentes do *primeiro conjunto*, residência dos padres, oficinas, etc. localizavam-se à leste da igreja. O cotiguacú

<sup>262</sup> Costa, Lucio. 1941. *op. cit.*, p. 13.

<sup>263</sup> José Maria Cabrer, engenheiro, geógrafo e cartógrafo espanhol. Integrante da segunda comissão mista encarregada de demarcar a linha de limites e as possessões espanholas, (...) referentes ao Tratado de Santo Ildefonso de 1777. Esteve na região entre 1784 e 1789, e deixou importantes registros iconográficos, dentre os quais seis planos de reduções missionárias, mapas e fortificações existentes na área.

alinhava-se ao *primeiro conjunto*, como um elemento isolado, a oeste do cemitério. E, no que se refere ao tambo, é provável que tenha sido localizado também no alinhamento do *primeiro conjunto* a leste das oficinas, onde ainda existem vestígios de uma edificação isolada.

Além desses componentes *recorrentes* na tipologia urbana missioneira, existem ainda registros de outros elementos, nas iconografias e nas descrições<sup>264</sup> como as duas *capelas votivas*, os *fornos de pão* e as *senzaly*, localizados na periferia da redução e que serão posteriormente descritos.

A enorme igreja com *pórtico* avançado sobre a praça era o principal *marco*<sup>265</sup> morfológico e funcional na paisagem urbana da redução. A *praça*, no entanto, era o elemento *estruturador* da organização espacial.

... el pueblo consiste en 68 cuadrilongos de 44 varas de largo y 7 de ancho<sup>266</sup>, todos rodeados de corredores de 3 varas, con pilares de piedra de sillería; todas estas casas están divididas en cuartos para las familias de los indios, de manera que forman varias y espaciosas calles, todas tiradas a cordel.<sup>267</sup>

### 5.2.1 – As ruas

O traçado da malha viária da redução de São Miguel era organizado pela disposição ortogonal das diferentes edificações e orientava-se nos sentidos norte-sul, leste-oeste. As diferentes descrições existentes sobre a quantidade ou a importância das vias são divergentes, provavelmente, pela diferença de critério de descrição adotado. Alguns autores, como Mayerhofer, citando Gay<sup>268</sup>, fala em *nove ruas que partiam da praça*. Sem

<sup>264</sup> Ver descrição e análise do *Risco de São Miguel* (Anexo 1).

<sup>265</sup> Marcos ou pontos de referência são um dos cinco elementos principais da imagem pública da cidade. LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Martins Fontes. São Paulo, 1982, p. 58.

<sup>266</sup> Uma vara: 0,88m. Cerca de 68 quarteirões de 38,72m x 6,16m, com avarandados de 2,64m.

<sup>267</sup> GRAEL, Francisco. *op. cit.*, p..88.

<sup>268</sup> MAYERHOFER, Lucas. *op. cit.*, p. 54.

dúvida, nessa conta, Cunha considerou cada um dos segmentos das três ruas paralelas ao primeiro conjunto, que cruzam a praça, como uma nova rua.

À maioria dos autores, no entanto, passou desapercebido a existência de *duas ruas* principais, estruturadoras da tipologia urbana missioneira, que se cruzavam no centro da praça, formando *uma cruz*.<sup>269</sup> A primeira, de maior hierarquia, localizada no eixo da igreja e outra, também importante em relação às demais, perpendicular à mesma, no sentido leste oeste. Em São Miguel, a *via principal* era utilizada para o acesso a São João. A outra, transversal à primeira, ainda hoje é evidente entre os vestígios aflorados dos blocos das casas dos índios.

Ruas principais tem a povoação cinco, cada uma com mil quatrocentos e trinta palmos de comprido, e de largo sessenta. Rua travessas seis, cada uma com mil setecentos e setenta e cinco palmos de comprido.<sup>270</sup>

Geralmente nos acessos aos povoados missioneiros eram colocadas capelas votivas utilizadas nas procissões como na de *Corpus Christi*. Nas reduções bolivianas de Chiquitos, geralmente, encontra-se também a capela de *Betânia*.<sup>271</sup> A iconografia de 1756 de São Miguel representa um *cruzeiro*, de braços duplos, no início da via principal de acesso ao povoado.

Segundo Ramón Gutierrez,

*La calle no tenía una definición marcada por el tipo de pavimento, utilizándose sin embargo, habitualmente la vereda cubierta que formaban las galerías externas de las viviendas.*<sup>272</sup>

<sup>269</sup> Esta peculiaridade da tipologia urbana missioneira é expressa no discurso fundador do Padre Sepp e está presente nas iconografias de São João Batista, São Miguel, Candelária, entre outras. Estes eixos são evidentes tanto na forma (mais largos), quanto na utilização (acessos principais). Ver figura 21 no Anexo A.

<sup>270</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 301.

<sup>271</sup> Capela votiva utilizada como apoio na celebração das procissões da Semana Santa.

<sup>272</sup> GUTIERREZ, Ramón. in HARDOY, Jorge E. e SCHAEDEL, Richard P. *Asentamientos urbanos y organización socioproductiva en la historia de América Latina*. Buenos Aires: SIAP, 1977. p. 138.

Prospecções realizadas recentemente em São Miguel identificaram trecho de uma provável via pavimentada,<sup>273</sup> localizada no sentido leste-oeste da redução.

### 5.2.2 – A praça

Nas reduções, a praça era o espaço público e aberto onde se realizavam atividades cívicas, religiosas, culturais, esportivas e militares. Apresentava-se geralmente cercada por edificações com galerias cobertas que permitiam que se circulasse por toda a povoação *ao abrigo do sol e da chuva*. Ali se realizavam as celebrações de colheitas, os desfiles militares, as procissões, os teatros sacros, os jogos esportivos com bola e, inclusive, com *tejos*.<sup>274</sup>

Segundo a iconografia de 1756, a praça da redução de São Miguel Arcanjo era constituída por um amplo espaço quadrangular, central e vazio, *de terra batida pelo uso*, com cruzes localizadas nos quatro cantos, delimitado em um lado pelo conjunto dominado pela igreja e nos demais lados pelas casas dos índios, uma das quais era utilizada pelo *Cabildo* indígena. *Pela frente da igreja está a praça, cuja é quadrada, tem por cada lado quinhentos e oitenta palmos*.<sup>275</sup>

Era na grande praça que se exercia a justiça. As punições aplicadas aos índios pelos alcaides ou corregedores eram públicas e ali se desenvolviam para prevenir excessos. Havia um local especial para as punições, chamado *rollo*, uma espécie de *tronco* ou *cepo*, vinculado à

<sup>273</sup> O trabalho foi executado pelo arqueólogo José Otávio Catafesto de Souza e segundo nos parece, executado com sistema construtivo tradicional das pavimentações de estradas romanas, com contrapiso, piso e drenagem.

<sup>274</sup> Na Biografia de Felipe II, Parker menciona o jogo de *tejo* e sua provável origem na América. “(...) aprendió a jugar a los *tejos*, (*um juego nuevo em España*, ...) donde su alteza juega a los *tejos* a la manera de alemana”. PARKER, Geoffrey. *op. cit.*, p. 34. Nas escavações efetuadas nas missões de São Lourenço e São Nicolau, foram encontradas algumas peças de cerâmica, achatadas e com forma circular, que se acredita serem peças para jogar *tejo*.

tradição urbana espanhola.

Había efectivamente en el centro de la Plaza de cada pueblo, una columna de piedra rematada por una cruz, a la que se daba el nombre de rollo, y a esa columna eran atados los que habían de sufrir algún castigo o eran expuestos a la vergüenza pública. Los castigos no podían darse en otra parte sino en el rollo, o en las cercanías del rollo...<sup>276</sup>

Até o presente momento, não existem vestígios da localização do *tronco* de São Miguel, apesar de existirem, no sítio, algumas colunas de pedra de seção circular que bem poderiam corresponder à descrição dele feita.

Nos lado oposto à Igreja, nos vértices das duas casas fronteiras à praça, as que delimitavam a *rua principal* de acesso, localizavam-se as capelas de Santa Bárbara e do Senhor Bom Jesus<sup>277</sup>. Eram capelas votivas, utilizadas como apoio às celebrações sacras assim como para o velamento dos índios adultos. Segundo a iconografia mencionada, as capelas possuíam uma cobertura independente e mais elevada, semelhante aos telhados de acesso ao cemitério e ao claustro.

### 5.2.3 – Os quarteirões

No que se refere aos quarteirões – as *manzanas* mencionadas nas Leis das Índias – na tipologia urbana missionária, eles foram substituídos por blocos retangulares isolados, avarandados nos quatro lados, formados pelas casas dos índios.

Esses blocos, verdadeiras *unidades de habitação coletiva*, vieram a constituir um elemento desconhecido até então na estrutura urbana espanhola proposta para o regime colonial, em que os quarteirões eram

<sup>275</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 301.

<sup>276</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 376.

divididos em quatro partes e distribuídos aos senhores de poder ou prestígio. A essas estruturas missioneiras, Ramón Gutierrez denominou de *quarteirões-ilhas*, provavelmente numa alusão à origem latina do termo utilizado para designar quarteirão, *isolato*.

Es justamente aquí donde la propuesta misionera se aparta definitivamente del posible modelo, pues la inexistencia de manzanas y solares con huerta en los términos hispánicos supone una respuesta original cuyas raíces no pueden ser otras que aquello de que se hiciesen como gustasen los indios.<sup>278</sup>

O *modelo* a que se refere a citação acima corresponde ao da estrutura genérica proposta nas Leis das Índias, onde também comparece a orientação de que se poderia fazer assentamentos urbanos *ao gosto dos índios*, o que não era o caso.

#### 5.2.4 – Os componentes do *primeiro conjunto*

##### 5.2.4.1 – A igreja

A igreja era sempre o centro funcional e o marco formal de uma redução, constituindo-se no *coração* da mesma. A de São Miguel<sup>279</sup> era muito ampla, foi construída em etapas e sofreu significativas modificações ao longo do tempo. Analisando seus remanescentes, pode-se identificar que primeiro foi construído o corpo central que correspondia à nave, logo depois, a torre e, em etapa posterior, o *pórtico*.

Esta obra foi objeto de estudo por Lucio Costa e Lucas Mayerhofer, cujas observações merecem registro. Um ponto que chamou muito a atenção de Lucio Costa, quando visitou São Miguel em 1937, foi o pórtico

<sup>277</sup> Existem suposições de que uma imagem sacra do Senhor Bom Jesus, de provável origem missioneira, localizada numa capela no interior de Caxias do Sul, tenha como proveniência uma das capelas votivas de São Miguel Arcanjo.

<sup>278</sup> GUTIERREZ, Ramón. 1977, *op. cit.*, p. 132.

<sup>279</sup> Referente à história, à arquitetura e ao processo de preservação da Igreja de São Miguel, ver CUSTÓDIO, Luiz A. B. *São Miguel Arcanjo, Levantamento cadastral*. Ministério da Cultura, IPHAN, Porto Alegre, 1994.

da igreja.

... estranhei de ver em uma construção de tanto “estilo”, uma fachada assim, no pórtico, como indica a gravura de Demersay, “redundância” jamais vista em composição de arquitetura. (...) É que as paredes do pórtico estão apenas encostadas no corpo principal, sem qualquer amarração, morrendo de encontro aos capitéis, cornijas e arquitraves deste último, de qualquer jeito, tendo sido ele, portanto, construído depois de completamente pronta a fachada da igreja.<sup>280</sup>

Além de referir-se ao pórtico, Lucio Costa também descreve o sistema construtivo da igreja, desenhando plantas e detalhes, definindo que *na verdade, é toda ela de estilo barroco*.

Lucas Mayerhofer, inicialmente coloca:

Se o traçado das aldeias e os programas de construções deviam obedecer ao padrão determinado nas ‘Leyes de Indias’, a plástica geral e de detalhe variava, certamente conforme a cultura do chefe do Povo ou dos artistas que executavam os trabalhos. E como tais artistas haviam deixado há muito o país natal, suas concepções acompanhavam o movimento de arte na Europa, mas com atraso de uma geração.<sup>281</sup>

O estudo desenvolvido por Mayerhofer sobre a igreja foi muito importante porque, mesmo desconhecendo duas das *iconografias* atualmente existentes sobre São Miguel, entre outros aspectos, foi ele quem primeiro explicou o *encurtamento*<sup>282</sup> ocorrido na nave, buscando hipóteses para a estrutura da cúpula do *transepto*, para a cobertura do *pórtico* e definindo que no projeto original deveria existir *duas torres*. No que se refere à cúpula, aludindo à *falta de cal*, ele diz que:

... certamente não foi construída. Obra de tamanha importância teria impressionado os homens de então, provocando comentários que não deixariam de chegar até nós.<sup>283</sup>

<sup>280</sup> PESSÔA, José. *op. cit.*, p. 27.

<sup>281</sup> MAYERHOFER, Lucas. *op. cit.*, p. 69.

<sup>282</sup> MAYERHOFER, Lucas. *op. cit.*, p. 99. (...) Com efeito, a capela-mór resultou do fechamento da última arcada da nave. (...) Se, por fim, viermos a fazer abstração da parede que separa as naves da igreja da sala dos fundos, melhoram todas as proporções, e a planta toma o aspecto que lhe convém.

<sup>283</sup> MAYERHOFER, Lucas. *op. cit.*, p. 115.

Mayerhofer defendia também que a igreja tivesse tido, em seu projeto original, duas torres. Esse ponto foi posteriormente retomado por Julio Curtis<sup>284</sup>, mas, ao que indicam documentos descobertos *a posteriori* e os vestígios remanescentes, não deve ter sido esta a concepção do autor do projeto. O campanário *isolado*, que faz parte da tradição italiana<sup>285</sup>, foi a solução utilizada na maioria das reduções missionárias.

O projeto da igreja de São Miguel foi provavelmente feito pelo arquiteto jesuíta, nascido em Milão, Gian Battista Primoli, que ali chegou em 1730. Francisco de Ribera também é citado como possível autor ou colaborador na construção da igreja e José Grimau como autor de seu pórtico.

De modo geral, diversos autores estimam ter sido iniciada a construção do templo por volta de 1735, tendo sua parte substancial terminada em 1744 ou 1747. Entretanto talvez possamos recuar o início das obras para próximo de 1729, caso a carta de Gervasoni faça referência expressa a São Miguel como parece dar a entender Lucio Costa.<sup>286</sup>

Pela riqueza de informações, é essencial reproduzir alguns registros importantes acerca do que teria sido a igreja de São Miguel em seu *apogeu*. Ela era toda executada em pedra de *cantaria*,<sup>287</sup> de arenito ou grês e depois *branqueada*, segundo Lucio Costa,

... tanto externa quanto internamente por um reboco de tabatinga, de poucos milímetros de espessura, aplicados diretamente sobre grês, encobrindo-se assim a textura e a cor...<sup>288</sup>

Seu sistema construtivo diferenciou-se das demais construções missionárias feitas na época. Mais avançado tecnologicamente, utilizou paredes *portantes* em pedra, ao invés de estruturas *independentes* em madeira, como nas demais igrejas dos Sete Povos. Provavelmente, foi a

<sup>284</sup> DE CURTIS, Julio N. *op. cit.*, p. 37-45.

<sup>285</sup> Na própria arquitetura da imigração italiana do século XIX no Rio Grande do Sul, o campanário isolado é uma recorrência.

<sup>286</sup> LEAL, Fernando M. *op. cit.*, p. 76.

<sup>287</sup> Pedra de cantaria ou pedra talhada em esquadro.

primeira obra missionária a utilizar esse sistema construtivo, que caracterizou a *terceira fase* dessa arquitetura. A mesma técnica foi, posteriormente, utilizada nas obras das igrejas de Trinidad e Jesus, no Paraguai.

#### O alpendre ou pórtico:

A igreja era voltada para o norte e nela se entrava por um alpendre de cinco arcos, sustentados por colunas de pedra branca e vermelha, rematado por uma vistosa balaustrada e sobre uma gradaria da mesma pedra (da qual são também os frisos, cornijas e figuras), que coroava o frontispício, elevava-se a imagem de São Miguel, e dos lados as dos seis apóstolos.<sup>289</sup>

Todo o conjunto situa-se elevado em relação à praça. Em torno ao pórtico, seis largos degraus constituíam a base do monumento. Ao contrário das pilastras da igreja e da torre, as do pórtico possuem base semicircular. Seus capitéis, também coríntios, possuem detalhes diferentes e acompanham a volumetria dos fustes das pilastras. Estas são levemente galbadas para correção de ilusão ótica. Nos vértices dos denticulados da cornija, encontramos detalhadas pinhas.<sup>290</sup>

#### O acesso:

... do dito alpendre, pelo qual se entra subindo dois degraus de pedra, e andando cinqüenta e quatro palmos para a porta da igreja; tem outra para cada lado com altura tal, que não corresponde à altura, feitas com algumas talhas antigas pelas quais se entra para o corpo da dita igreja...<sup>291</sup>

#### O interior:

... la iglesia es muy capaz, toda de piedra de sillería, con tres naves y media naranja<sup>292</sup>, muy bien pintada y dorada, con un pórtico magnífico, y de bellísima arquitectura; bóvedas y media naranja son de madera.<sup>293</sup>

... cujo corpo é de pedra de ensilharia com o interior caiado, e o

<sup>288</sup> PESSÔA, José. *op. cit.*, p. 29.

<sup>289</sup> PINHEIRO, José Feliciano Fernandes, Visconde de São Leopoldo. *Anais da Província de São Pedro*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

<sup>290</sup> Costa, Lucio. A Arquitetura Jesuítica no Brasil, in Revista da SPAN, n°5. Rio de Janeiro, 1941.

<sup>291</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 298.

<sup>292</sup> "Denominação de cúpula de geratriz circular". MESA, Jose de. *Glosario Mínimo de Arquitectura*. Cuzco, Perú. Centro de Investigación Y Restauración de Bienes Monumentales, INC, 1978. p. 52.

<sup>293</sup> GRAEL, Francisco. *op. cit.*, p..88.

teto forrado de madeira em forma de abóbadas...<sup>294</sup>

#### O batistério:

À entrada da porta da igreja para a parte direita estava uma capela, onde havia um altar de talha dourada que olhava para dentro da igreja com a pia de batizar, cuja era de barro vidrado de verde, ‘emmexada’<sup>295</sup> em madeira dourada que não lhe dava pouca graça, sendo a Deus a que verdadeiramente recebiam as crianças que ali iam, com água que saía de duas grandes talhas vidradas também de verde, que pareciam da Índia”.

#### Os altares:

... onde se vê cinco altares, quatro no cruzeiro, e o maior que é de talha nova ordinária no cruzeiro, da parte do Evangelho tem seis altares, um de Santo Inácio, e outro de Nossa Senhora da Conceição, de muito boa grandeza de talha dourada, e com pinturas modernas, sendo os outros dois antigos e mal acabados, e já acabados por velhos.<sup>296</sup>

...el altar mayor de talla sin dorar, y le falta el ultimo cuerpo: en el crucero tiene tres altares de talla, los dos á la italiana, nuevamente dorados ...<sup>297</sup>

Mayerhofer propõe uma reconstituição gráfica para o *retábulo* do altar-mor, baseado em elementos subsistentes, como os orifícios para sua fixação. O autor conclui que o *retábulo assim disposto se assemelha perfeitamente ao da igreja da Companhia em Córdoba*.<sup>298</sup>

#### A torre:

... altura da torre até o primeiro sobrado trinta e quatro palmos. Altura deste até o das sineiras (onde tem seis sinos), vinte e sete. Altura de toda a torre sessenta e um palmos; sua largura trinta e seis palmos ...<sup>299</sup>

#### 5.2.4.2 – O claustro e a casa paroquial

<sup>294</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 296.

<sup>295</sup> Provavelmente *emoldurada*.

<sup>296</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 296

<sup>297</sup> GRAEL, Francisco. *op. cit.*, p. 88.

<sup>298</sup> MAYERHOFER, Lucas. *op. cit.*, p. 84.

<sup>299</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.* p. 296

Integrando o primeiro conjunto, no primeiro pátio contíguo à igreja, à leste da mesma, localizava-se o claustro, que englobava a residência dos padres e, em alguns casos, alguma sala de aula destinada aos filhos dos caciques, motivo pelo qual, muitas vezes esse local foi denominado de colégio.

O claustro tinha acesso para a igreja, para a praça e para o pátio das oficinas ou artífices. Geralmente, no centro desse grande pátio, era colocado um relógio de sol. No caso de São Miguel, provavelmente um dos relógios remanescentes que se encontra exposto junto ao Museu das Missões.

... suas casas,... têm maior ponto que as outras, pois deitava uma excelente varanda sobre colunas de pedra lavrada de vinte e cinco palmos de alto...

... um grande pátio avarandado em roda onde tinham as escolas de solfa, e instrumentos.<sup>300</sup>

A residência dos padres em São Miguel era composta por uma série de cômodos que se comunicavam internamente entre si, pavimentados com piso de ladrilhos cerâmicos, e possuíam um longo alpendre frontal (...) *uma boa galeria que ficou destruída pelo fogo.*<sup>301</sup>

Existia um cômodo destinado ao refeitório e sob ele, um porão, onde provavelmente se localizava a adega. Vestígios encontrados nas escavações em São Lourenço e nos remanescentes de San Ignácio Mini, demonstram que a comunicação entre a cozinha e o refeitório dos padres, em São Miguel, era feita por meio de um vão tipo *passa-pratos*.

... para cuja parte estava a janela de uma casa que disseram ser o refeitório, debaixo do qual estava uma escotilha que servia de entrada a uma casa subterrânea semelhante à de cima com campa de pedra, e uma porta que deu indícios a vários discursos...<sup>302</sup>

<sup>300</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.* p. 296.

<sup>301</sup> GRAEL, Francisco. *op. cit.*, p. 108.

<sup>302</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 296.

Atrás da residência dos padres, ao longo de todo o primeiro conjunto, existia um segundo alpendre, elevado em relação à quinta. O acesso à mesma era feito por uma escadaria central. Prospecções arqueológicas já identificaram o alinhamento e as dimensões do muro de *arrimo*<sup>303</sup> da quinta de São Miguel, que ainda se encontra encoberto em sua maior extensão.

#### 5.2.4.3 – As oficinas e depósitos

No segundo pátio, cujo acesso era feito através do claustro e por outro acesso frontal independente, localizavam-se os armazéns e as oficinas da redução. Segundo a iconografia de 1756, existiam nesse pátio algumas *edículas*, cujas funções ainda não foram identificadas.

Da mesma parte se acha outra área quadrada, pertencente à casa das oficinas, com duzentos e setenta e cinco palmos para cada lado.

... uma passagem que dava serventia a outro pátio ..., em que havia uma casa com 24 teares e outras em que estavam as fábricas de ourives, entalhadores, pintores, e uma grande ferraria, armaria, bastantes armazéns, e uma casa forte com prisão e tronco, tudo feito com tal ordem que bem mostravam a superioridade em que viviam aqueles padres.<sup>304</sup>

... en el segundo patio estaban los almacenes y las oficinas (...). En los almacenes se han encontrado algunos tercios de yerba mate, maíz y algodón, y en las quintas de los indios, que son muchas, se ha hallado en planta, maíz, mandioca, batatas y calabazas, que son los únicos frutos de que abunda esta tierra, y también algodonales, y asimismo yerbales plantados a mano.<sup>305</sup>

#### 4.2.4.4 – A quinta dos padres

Nas reduções, a quinta era o local do pomar, da horta e do jardim

<sup>303</sup> Nas obras de conservação realizadas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 1927, todo o *entulho* removido da igreja foi jogado na quinta encobrindo grande parte de seu muro de arrimo.

<sup>304</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 301.

dos padres. Os índios tinham seus próprios locais de cultivo na periferia dos povoados. Era um grande cercado de pedra, cujos limites laterais geralmente coincidiam com os do *primeiro conjunto*. Nem sempre os limites laterais e de fundos das quintas correspondiam a figuras geométricas regulares.

... que olhava para uma horta murada de pedra e barro, onde tinham plantado a cordão, formando ruas de pinheiros, laranjeiras da terra e da China, limoeiros, marmeleiros, macieiras, pereiras, figueiras, parreiras, pessegueiros, cidreiras, canas de açúcar, e outras muitas plantas, assim da América como de Portugal...<sup>306</sup>

Por detrás da igreja se acha a horta dos padres com mil e duzentos palmos de comprido e trezentos e vinte de largo. Pela frente da igreja está a praça, cuja é quadrada, tem por cada lado quinhentos e oitenta palmos.<sup>307</sup>

Em São Miguel, existem descrições de que a água utilizada para as plantações da quinta era extraída de um poço, utilizando uma *nora*<sup>308</sup>, cuja localização ainda não foi identificada.

... y tras de todo esto se halla la huerta cerrada de piedra y siendo muy espaciosa; tiene varias árboles, como son: naranjos, limones, pinos y otros árboles frutales, con buena galería que queda destruida por el fuego...<sup>309</sup>

#### 5.2.4.5 – O cemitério

O cemitério de São Miguel localizava-se à oeste da Igreja e possuía dois acessos cujos caminhos se cruzavam no centro do pátio: um para a igreja e outro para a praça. Esses caminhos geralmente dividiam os cemitérios nas quatro alas onde eram sepultados os índios: homens,

<sup>305</sup> GRAEL, Francisco. *op. cit.*, p. 86-8.

<sup>306</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 296.

<sup>307</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 296.

<sup>308</sup> Aparelho para tirar água dos poços, cisternas, rios, cuja peça principal é uma grande roda de madeira em volta da qual passa uma corda onde estão presos os *alcatruzes* (vasos de barro). Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Nova Fronteira: Rio de Janeiro 1986. p. 1198.

<sup>309</sup> GRAEL, Francisco. *op. cit.*, p. 108.

mulheres, meninos e meninas. No centro dos caminhos, geralmente, colocava-se uma cruz.

... enterrando-se estas e mais pessoas que aí se achavam em um pátio semelhante a outro que ficava para a dita parte; e entrando-se para ele, não só por um grande portão que olhava para a rua, mas também por a porta travessa da igreja que deita a este lado, assim como por a outra àquele, sendo este todo quarteado de quadrados de angélicas, em cujo meio está arvorada uma grande e formosa cruz, havendo outra de doze palmos de alto toda marchetada de madrepérola com frisos dourados.<sup>310</sup>

A cruz em pedra do centro do cemitério de São Miguel<sup>311</sup> teria tido três metros de altura, segundo informações e foto do início do século XX, publicadas por Furlong<sup>312</sup>.

Os padres, os corregedores e alguns índios importantes eram enterrados no piso da nave da Igreja. Acreditamos que provavelmente existisse em São Miguel uma *cripta*<sup>313</sup>, localizada no *transepto* e destinada ao sepultamento dos padres, que ainda não foi descoberta.

Segundo a iconografia de 1756, ao fundo do cemitério, sobre o eixo central, localizava-se uma capela votiva, onde eram efetuados velórios. Até o momento, ainda não foram identificados vestígios das fundações dessa capela. Além do muro periférico, que, pelos vestígios remanescentes, provavelmente foi reconstruído, restou um pequeno nicho na parede dos fundos, junto à lateral oeste da igreja.

De acordo com diferentes descrições, as alas dos cemitérios

<sup>310</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 299.

<sup>311</sup> A cruz de dois braços, localizada hoje defronte ao Museu das Missões, pertencia ao antigo cemitério de São Lourenço. É o principal testemunho conhecido em território brasileiro desse tipo de cruzes com dois braços, que aparecem em diferentes iconografias missionárias. Foi objeto de vários estudos e há controvérsias a respeito de sua origem: cruz de Caravaca, cruz de Lorena, cruz arquiepiscopal. Investigações feitas na Universidade Regional Integrada, de Santo Ângelo, concluíram pela sua denominação como *cruz missionária*.

<sup>312</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 616.

<sup>313</sup> Hipótese baseada, por analogia, na existência deste espaço na Igreja de Trinidad, de composição arquitetônica semelhante e executada pelo mesmo autor.

missioneiros eram margeadas por árvores, o que pode ser confirmado em São Miguel pela representação de vegetação registrada na gravura de 1756, e pelo diário de José Custódio de Sá e Faria. Segundo Grael, (...) e *a direita do templo em sua lateral, um cemitério quadrado e fechado com corredores por dentro e por fora (...).*<sup>314</sup>

Das estruturas das galerias internas e externas do cemitério de São Miguel, registradas nestes documentos, não restaram vestígios materiais.

#### 5.2.4.6 – O cotiguáçu

O *cotiguáçu* era o espaço destinado à habitação permanente das mulheres *recolhidas*, viúvas e órfãs, ou de permanência temporária daquelas cujos maridos encontravam-se prestando serviços externos ou em missões militares. Existem menções de que o cotiguáçu também albergava mulheres sentenciadas. Seu nome em Guarani quer dizer *casa grande* ou *albergue grande*. (...) *uma casa grande com seu pátio no meio com uma só entrada, que diziam ter sido recolhimento de viúvas e donzelas (...).*<sup>315</sup>

Ele organizava-se ao redor de um pátio e possuía um acesso principal frontal com duas portas de acesso, a primeira, ligada ao exterior e a segunda, que ligava o vestíbulo à galeria e ao pátio.

Diferentemente do que está desenhado na iconografia de 1756, o cotiguáçu de São Miguel, localizava-se à oeste do cemitério, como uma edificação independente, mas alinhado frontalmente a este.

#### 5.2.4.7 – O tambo

---

<sup>314</sup> GRAEL, Francisco. *op. cit.*, p.108.

<sup>315</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 299.

O *tambo* era o local utilizado nas reduções como hospedaria para os forasteiros e comerciantes que visitavam ou passavam pela região. Local de permanência transitória, segundo descrições, hospedando visitantes por, no máximo, *três dias*.

... se construían hosterías para los huéspedes, a las que se daba el apelativo de tambos. En las dichas hosterías tenían un salón o galpón especial, en el que se podían exhibir sus mercancías , para que los indios las vieran y compraran lo que quisieran. Ni por el hospedaje, ni por el sustento se tenía que abonar cantidad alguna, pero la estadía no podía pasar de tres días.<sup>316</sup>

Ainda existem vestígios em São Miguel de uma edificação localizada no lado leste das oficinas, alinhada frontalmente a elas. Supõe-se que tais vestígios sejam do antigo *tambo*, provavelmente a edificação representada na iconografia de 1756, não identificada e que possui dois pavimentos. Acha-se *mais da dita parte uma outra casa, passando uma rua, com cento e trinta palmos e meio por cada lado.*<sup>317</sup>

Escavações efetuadas em 1990<sup>318</sup> identificaram no local mencionado algumas estruturas quadrangulares e um conjunto de cercados de pedras, sugerindo que essa construção poderia ter sido usada para abrigar cavalos ou para ordenhar vacas. Também poderia ter sido o local onde era feita a repartição da ração de carne para os indígenas. Segundo Gutierrez<sup>319</sup>, a partir de 1667, o Superior da Companhia determinou que o açougue, por razões de higiene, não se localizasse mais no pátio dos padres. “A partir desta recomendação os açougues se localizaram junto ao segundo pátio”.

### 5.2.5 – Os componentes do segundo conjunto

---

<sup>316</sup> FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p. 293.

<sup>317</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 301.

<sup>318</sup> Durante o Primeiro Sítio Escola das Missões, UFRGS/PUC/IPHAN, sob responsabilidade do Prof. Dr. Arno Alvarez Kern.

<sup>319</sup> in HARDOY, Jorge E. *op. cit.*, p. 152.

### 5.2.5.1 – O Cabildo indígena

O edifício do *conselho indígena*, integrado pelos caciques, denominado *Cabildo*, ocupava uma ou mais casas que faziam frente à praça.

En cada poblado fué instituído un consejo municipal, el Cabildo, tal como acontecía en los centros poblados españoles y en las otras aldeas indígenas. Pero había una diferencia substancial entre la administración de los guaraníes y la mayoría de los poblados indígenas: en estos últimos, el corregidor, cabeza de la administración civil era español - salvo rarísimas excepciones históricamente justificadas - mientras que en las Reducciones el corregidor siempre fue indígena.<sup>320</sup>

Ali se desenvolviam as sessões do conselho e se aplicava a justiça. As punições sentenciadas pelo Cabildo, geralmente chibatadas, eram aplicadas em público, na praça, onde os índios eram amarrados ao *tronco*.

Apesar da importância da instituição do Cabildo na vida reducional, sua arquitetura não possuía caráter diferenciado que a evidenciasse em relação às demais casas dos índios.

El Cabildo solo se diferenciaba de las demás viviendas por tener el escudo real sobre su puerta, aunque en algun caso tuvo dos pisos, mientras las casas siempre tuvieron uno solo.<sup>321</sup>

Segundo Gutierrez<sup>322</sup>, *Geralmente junto ao Cabildo se colocavam os calabouços da cadeia*. O Diário de 1756 descreve que a cadeia de São Miguel *uma casa forte com prisão e tronco*, localizava-se no interior do pátio dos artífices.

Não existem referências escritas acerca da localização precisa do Cabildo de São Miguel, nem vestígios materiais que possam ajudar a identificá-lo. Geralmente se diz que o Cabildo ocupou uma ou duas das casas frontais à igreja, provavelmente as que abrigavam as capelas, ao

<sup>320</sup> ARMANI, Alberto. *op. cit.*, p. 103.

<sup>321</sup> VIÑUALES, Graciela M. *Características urbanas de las misiones jesuíticas*. In Patrimônio Jesuítico. Buenos Aires: CICOP, 1997. p. 100.

<sup>322</sup> VIÑUALES, Graciela. *op. cit.*, p. 148.

lado da rua principal.

#### 5.2.5.2 – As casas dos índios

Nas missões, a casa da *família-extensa* da tradição Guarani foi, pouco a pouco, sendo adaptada ao padrão moral dos padres. Nas primeiras reduções, elas eram constituídas ainda por um único e amplo *galpão*, mas, para evitar a poligamia, os jesuítas passaram a utilizar como artifício a subdivisão das casas em vários cômodos, cada um deles utilizado, por uma família.

... uma vila de setenta e sete ilhas de casas de telhas, porém todas térreas, com grossas madeiras lavradas em quadrado de quatorze pilares de pedra em cada uma de altura de onze palmos, com varandas de dez ditos de largo em roda de todas; as quais não tinham mais que uma porta, que olhava para as costas das outras casas, que todas faziam frente ao pátio principal, sem terem dentro delas repartimento algum.<sup>323</sup>

Essas *unidades de habitação coletiva*, de forma retangular substituíram os *quarteirões* quadrangulares das ordenações espanholas, sendo circundadas externamente por alpendres pavimentados.

Compreendendo a largura de cada casa e varanda três pilares do referido, entre as quais havia cinqüenta e quatro palmos; tudo debaixo duma regular simetria e bem ordenadas; as ruas de sessenta palmos de largura, e em que os índios vivem, porque em cada casa assistem duas famílias, fazendo fogo no meio das ditas casas; sendo por este modo tão negras, que são piores que senzalas de negros, e assim estão postas estas gentes na maior miséria que se pode imaginar, dormindo em redes e couros, sem mais roupa que o pouco pano de algodão.<sup>324</sup>

Os blocos se organizavam em conjuntos paralelos entre si, formando em seu entorno espaçosas ruas retas.

<sup>323</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 301.

<sup>324</sup> CUNHA, Jacinto R. *op. cit.*, p. 301.

Na forma de anfiteatro e abraçando os três lados menos nobres da praça, extensos barracões, em fitas sucessivas, organizavam ruas de cruzamentos ortogonais, com cerca de doze metros de largura, e ofereciam-se como habitações para índios.<sup>325</sup>

Da mesma forma que as demais construções, a arquitetura das casas ocupadas pelos índios também passou por três etapas construtivas em seu processo evolutivo. Na primeira etapa, as construções eram precárias, fabricadas de fibras vegetais ou taquaras revestidas de barro, cobertas de palha. As casas da segunda, eram de alvenaria de tijolos ou adobes ou de pedra e barro, com coberturas de telhas assentadas sobre estruturas de madeira sobre barro. As da terceira etapa eram construídas com galerias de pedra de cantaria e telhados. Segundo Grael, (...) *Sua armação é feita de forte e boa madeira, com os tetos de telhas, mas as paredes são de taquara e barro.*<sup>326</sup>

Segundo as descrições e os vestígios arqueológicos, as casas dos índios de São Miguel possuíam alpendres em pedra sendo as paredes de *taipa de mão* ou *adobe*.

Lucas Mayerhofer<sup>327</sup> interpretou que os *pavilhões* habitados pelos Guarani em São Miguel eram subdivididos no sentido longitudinal, formando um conjunto de compartimentos *para cada lado* da edificação. Isso, no entanto não corresponde aos vestígios existentes nem às descrições dos diários.

A afirmação de Jacinto Cunha de que *em cada casa assistem duas famílias*, merece avaliação, pois contradiz as descrições que justificam a subdivisão das casas *grandes*, como forma de evitar a poligamia. Essa subdivisão pode justificar a alta densidade demográfica existente na redução.

---

<sup>325</sup> DE CURTIS, Julio N. B. *op. cit.*, p. 33.

<sup>326</sup> GRAEL, Francisco. *op. cit.*, p..88.

<sup>327</sup> MAYERHOFER, Lucas. *op. cit.*, p. 124.

### 5.2.5.3 – Outras estruturas

Segundo a iconografia de 1756, além das edificações descritas, inseridas no *perímetro retangular* do plano, existem outras edificações representadas independentemente. Junto às casas dos índios, duas delas encontram-se identificadas como destinadas à *cozinha* e aos *fornos de pão*. Não encontramos descrições que apresentassem menção a cozinhas ou a padarias coletivas. Esse registro iconográfico pode ter ocorrido durante o processo reducional, ou pelo menos quando da ocupação do povoado pelas tropas portuguesas.

No que se refere às edificações identificadas na iconografia mencionada com a legenda *senzaly*, devem referir-se à residência de negros que trabalhavam como peões em algumas estâncias, mencionados inclusive por Cunha. Na estância missionária de Alta Gracia, localizada na Argentina, existem dependências exclusivas para os negros<sup>328</sup> que trabalhavam ali como escravos.

Ainda não foram identificados os vestígios das outras edificações que aparecem na iconografia mencionada: capela de Santa Tecla, olaria, carpintaria e hospital. Existem remanescentes de uma estrutura localizada ao sul da redução, no alto da colina, junto à estrada do cemitério atual da cidade, que poderia ter abrigado uma das guardas ou *vigias* do povoado.

---

<sup>328</sup> Uma curiosidade a esse respeito é a existência de uma imagem<sup>328</sup> no Museu Histórico de Buenos Aires. É uma talha missionária que representa um negro vestindo bombachas, provavelmente, representando um trabalhador das estâncias missionárias.

## 6 – A REDUÇÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO: SIGNIFICADOS DOS ORDENAMENTOS URBANOS E DA ARQUITETURA

Este capítulo tem como proposta ampliar a discussão acerca da Arquitetura e dos Ordenamentos urbanos da redução de São Miguel e do sistema reducional missionário, passando do campo da *descrição* de sua *morfologia* e *funcionalidade* para o campo da *interpretação* de seus *significados*. Procura evidenciar, nos elementos materiais e nas concepções de seus projetos, *simbologias*<sup>329</sup> ou *alegorias*<sup>330</sup>, utilizando como referência conceitos da história e da teoria da arte e da arquitetura. Busca entrar no campo das *idéias* para identificar as *intenções* que geraram *necessidades de representação* cultural, orientadas por diferentes motivos, dentre os quais, no caso específico deste estudo, os *suportes* materiais ao processo de conversão.

Não se poderia tratar deste tema sem mencionar autores como Argan, Brandi ou Norberg-Schulz, intelectuais que formularam grande parte do pensamento teórico no campo da arquitetura e das artes de algumas gerações no final do século XX. Através de suas obras, foi possível *visitar* a base conceitual de *mestres* que, no campo da arquitetura e dos ordenamentos urbanos, contribuíram com a formulação de idéias que, difundidas, influenciaram ações desenvolvidas no período de

---

<sup>329</sup> Segundo ARGAN, símbolo: *Es, (...), un objeto que asume una representación concreta, material de una idea (por ejemplo la Cruz), con referencia histórica y alcance universal*. ARGAN, Giulio C. op. cit., p. 63.

expansão européia.

Dentre as idéias principais que influenciaram este campo nos séculos XVI a XVIII, estava ainda a herança do *Renascimento*, o apogeu do *Barroco* e o início do *Maneirismo*. Movimentos intelectuais que nascidos na Itália, espalharam sua influência pela Europa, gerando formas e linguagens peculiares em diferentes ambientes, pela mão de diferentes autores. Esses preceitos foram levados enquanto *bagagem cultural* ao Novo Mundo, na forma de diretrizes para *representar a civilização* européia. Após a conquista, durante o processo de *miscigenação*, assumiram novas variantes, decorrentes de diferentes processos de aculturação.

Nesses processos, estiveram envolvidos distintos povos nativos ao longo do continente americano, em diferentes estágios civilizatórios, com possibilidades materiais e tecnologias diversas. Suas realizações, à *la européia*, podem ser consideradas como testemunhos da *vontade* e da convicção da necessidade de *representação*, de se despender energia para realizar, para construir espaços de poder, símbolos e alegorias de uma nova cultura, que passou então a ser dominante.

Dentro desse contexto colonial, e dentre esses *empreendimentos*, estava a *atuação* da Companhia de Jesus, de um lado, e, no caso específico deste estudo, as nações Guarani, de outro, culturas, com poucas semelhanças e muitas diferenças, ambas de caráter *itinerante*. A primeira, *peregrina*, buscando imprimir o seu *ideal*. A segunda, vagueando em busca do *lugar ideal*. Os jesuítas, com uma bagagem cultural sedimentada em séculos de *civilização* européia. Os Guarani, com uma cultura baseada no profundo conhecimento e no respeito ancestral pela *natureza*.

<sup>330</sup> Segundo ARGAN, alegoria: (...) es la expresión, a través de un proceso intelectual, de una idea en una imagen (...), es un modo de significación figurativa o literaria de una idea . ARGAN, Giulio C. *op. cit.*, p. 64.

Nesse embate de possibilidades, oportunidades, alternativas ou estratégias, cada qual buscou jogar com suas *armas*: o conhecimento próprio. Os jesuítas buscando, inicialmente, identificar possíveis pontos de convergência ou analogias entre alguns dos mitos indígenas com as (...) *Histórias antigas do cristianismo*<sup>331</sup>, como o paraíso terrestre, o espírito do mal *Anhangá*, a inundação, etc., para justificar e concretizar o processo de conversão. Os Guarani, enfrentando, na dura realidade colonial, a *encomenda*, encontraram nas reduções espaços alternativos para a sobrevivência diante de uma nova situação.

A redução surge então como um espaço diferenciado, decorrente do encontro entre essas culturas e de uma *necessidade* de convivência objetiva. Distinta da aldeia familiar Guarani, livre e dispersa, diferente da cidade colonial espanhola, ordenada física e administrativamente. E é o próprio processo histórico que se encarrega de configurar esse novo tipo de espaço com *cenário* e *códigos* sociais particulares, que adaptaram conceitos de uso e de representação dessas duas culturas e que também construíram novos símbolos e alegorias peculiares e em conjunto.

No que se refere à arquitetura às estratégias e ao comportamento dos jesuítas, cabe mencionar um relato informal, em que Goethe, em viagem à Itália, de passagem por Frankfurt, registrou algumas considerações que se afinam com o objetivo deste capítulo:

As atividades e o caráter dos jesuítas prendem minha atenção. As igrejas, torres e edificações possuem algo de grandioso e perfeito em sua construção, algo que secretamente inspira respeito em todos os homens.

Na decoração, acumula-se uma tal riqueza e profusão de ouro, prata metal e pedras trabalhadas, que há de ofuscar os miseráveis de todas as classes. Tampouco falta aqui e ali um certo mau gosto, capaz de reconciliar e atrair a humanidade. Aí reside, aliás, o próprio espírito do culto católico, em seu aspecto exterior; jamais, porém, eu o vi executarem com tamanha

---

<sup>331</sup> EICHBERG, José. *op. cit.*, p. 73.

inteligência, perícia e coerência quanto entre os jesuítas.<sup>332</sup>

### 6.1 - O Barroco

Apesar dos descobrimentos e da *conquista* terem sido orientados, no campo dos Ordenamentos urbanos, a partir dos ideais do *Renascimento* europeu (na racionalidade das propostas, na ortogonalidade dos espaços, etc.), pode-se dizer que foi o *Barroco* que definiu o espírito e a configuração da arquitetura e da arte colonial na América, tanto no lado espanhol quanto no português. Em suas diferentes feições (na perspectiva monumental, no espaço cenográfico, na teatralização do uso, etc.), como estilo da *Contra-Reforma*, o Barroco foi utilizado, historicamente, pela Igreja Católica como suporte a suas ações de *persuasão*.

Sob diferentes denominações, como *criollo*, *mestiço*, ou mesmo *missioneiro*, o Barroco se expressava na profusão das formas curvas e no exagero da dramaticidade. No Novo Mundo, *fez escola*, e deixou um enorme acervo artístico de pintura e escultura, basicamente utilizando como tema a motivação sacra.

Nas reduções, o espírito Barroco conjugou no espaço físico das igrejas e das praças, as manifestações *imateriais* das orquestras, dos coros em latim, da dança e da encenação, das celebrações sacras, das missas, das procissões, dos enterros e das festas, com ritos e vestimentas especiais.<sup>333</sup> Complementando o espetáculo, estavam flores, plumagens, incensos, luzes de velas, tochas, toques de sinos, além do rufar freqüente dos tambores das rondas noturnas, nas galerias do casario.

<sup>332</sup> GOETHE, J. W. Viagem à Itália: 1776-1778. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 12-3.

<sup>333</sup> No inventário de 1768, de São Miguel, se menciona a existência de (...) *todos los trajes de los danzantes* (...). FURLONG, Guillermo. *op. cit.*, p.177.

Buscando apoio nas idéias básicas do Barroco, de *centralização*, de *integração* e de *extensão*, para a interpretação do espaço missionário, utilizaremos algumas considerações conceituais desse movimento, da composição de seu *código* além de referências específicas que influenciaram as obras da chamada *arquitetura jesuítica*.

O Barroco enquanto atitude:

La necesidad de pertenecer a un sistema absoluto, y al mismo tiempo más abierto y dinámico, es la actitud esencial de la época barroca.

También puede definirse el mundo Barroco como un gran ‘teatro’ donde a cada cual se le assigna un papel.<sup>334</sup>

A axialidade estruturadora, o eixo monumental:

Las ideas en que se basan estas innovaciones proceden de la arquitectura de los jardines. El gran innovador en ese campo fue André Le Notre (1613-1700). A pesar de su infinita variedad, sus jardines se basan en unos pocos principios elementales. El elemento principal es el eje longitudinal, que constituye el ‘recorrido’ que lleva el visitante hacia su meta: la experiencia del espacio infinito. Todos los demás elementos están relacionados con este eje...<sup>335</sup>

O espaço organizador, a praça:

La Plaza de San Pedro es un extraordinario ejemplo de composición espacial, digno de su función de centro principal del mundo católico.<sup>336</sup>

O centro geométrico, o obelisco:

El obelisco desempeña una función importante como nodo donde todas las direcciones se unen y se conectan con el eje longitudinal que conduce a la iglesia. Se crea así una síntesis ideal de concentración y dirección longitudinal hacia una meta. El tema se repite en el interior de la iglesia donde el movimiento encuentra su motivación final en el eje vertical de la cúpula divina.<sup>337</sup>

<sup>334</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian. *El significado de la arquitectura occidental*. Buenos Aires:Summa, 1980. p. 287.

<sup>335</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian. *op. cit.*, p. 290-2.

<sup>336</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian. *op. cit.*, p. 288.

<sup>337</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian. *op. cit.*, p. 288.

### O espaço e o edifício:

En lugar de una estructura de miembros plásticos, el edificio Barroco está constituido por elementos espaciales en interacción, modelados por fuerzas externas y internas. Ya se ha hablado de espacio en relación con la arquitectura renascentista, pero como un ‘continuum’ uniforme, subdividido por miembros arquitectónicos geométricamente dispuestos.

El espacio Barroco no puede ser interpretado de este modo. Dice Argan: “La gran novedad es la idea de que el espacio no circunde la Arquitectura, sino que se fenomenice en sus formas”.<sup>338</sup>

### A arquitetura como monumento:

La arquitectura barroca es una arquitectura ‘inclusiva’. No excluye aspecto alguno de la experiencia arquitectónica total y tiende al logro de una síntesis grandiosa. Acepta tanto la organización sistemática de espacio renascentista como el dinamismo manierista. Absorbe la cualidad trascendental de la Edad Media y la presencia antropomorfica de la antigüedad. Solo rehuye el conflicto, pues una auténtica síntesis no admite la duda. Por consiguiente la arquitectura barroca expresa seguridad y victoria.

... las propiedades fundamentales del espacio Barroco: el centro dominante, la extensión infinita y la capacidad plástica persuasiva.<sup>339</sup>

### O monumento:

... el monumento es un edificio que conserva su valor y lo transmite más allá de su propia grandeza histórica ... necesariamente lleva a la concepción de la forma arquitectónica como forma alegórica.<sup>340</sup>

### As igrejas:

Las iglesias barrocas pueden ser consideradas variaciones sobre los tipos básicos de ‘planta longitudinal centralizada’ y de ‘planta central alargada’ desarrollados durante las últimas décadas del siglo XVI.<sup>341</sup>

### A parede curva:

---

<sup>338</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian. *op. cit.*, p. 289. Citando ARGAN, Giulio C. *La Europa de las capitales*. Barcelona, Skira-Carroggio, 1964-65.

<sup>339</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian. *op. cit.*, p. 321.

<sup>340</sup> ARGAN, Giulio C. *op. cit.*, p. 55-6, 74.

La innovación más destacada [del Barroco] fue el ‘muro ondulado’, introducido por Borromini, con una nueva interpretación de interacción que se desarrolló por primera vez en la Iglesia de la Compañía de Jesús. (Il Gesù).<sup>342</sup>

### 6.3 – A igreja de Gesú

Também não se poderia mencionar a arquitetura jesuítica sem citar a igreja de Gesú, de Roma, cujo projeto inicial foi de autoria de Vignola.<sup>343</sup> *Havendo Vignola falecido pouco tempo depois, em 1573, uma parte da obra ficou sob responsabilidade de Giacomo della Porta (1542-1604).*<sup>344</sup>

Além de ser um *marco* identificador da matriz da Companhia, ela foi amplamente utilizada como *arquétipo* nos projetos jesuíticos<sup>345</sup> ao longo dos continentes, nas reduções da Província Jesuítica do Paraguai, assim como na igreja de São Miguel.

Caracterizada pela sua planta inovadora, por sua cúpula e pela ausência de torres, pela ordenação dos tramos da fachada, marcados pela seqüência de um, três e cinco vãos superpostos fenestrados, além das volutas de transição, Il Gesù constitui uma das grandes realizações da arquitetura maneirista italiana. Passou a configurar o chamado *partido jesuítico*, que se tornou padrão internacional, não somente para as demais igrejas da Companhia (...)<sup>346</sup>

Esta construcción de Vignola es muy importante porque representa la primera iglesia jesuítica y es la que dará el esquema de todas las iglesias de esa orden, no solamente en Roma y Italia, sino también aquí, en America del Sur, sobre todo

<sup>341</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian. *op. cit.*, p. 292.

<sup>342</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian. *op. cit.* Citando PORTOGUESI, Paulo. *Borromini*. Milano:1967. p. 302.

<sup>343</sup> Iacopo Barozzi, dito *Il Vignola*, arquiteto e teórico italiano (1507-1573). Escreveu as *Regras das cinco ordens da Arquitetura*, em 1562. Ver figura 22 - Anexo A.

<sup>344</sup> CASTRO, José Liberal de. *Igreja Matriz de Viçosa no Ceará. Arquitetura e pintura do forro*. Fortaleza: Edições IPHAN/UFC, 2001, p. 39.

<sup>345</sup> A chamada *Arquitetura jesuítica* usou esse projeto como referência principal. Na América espanhola, no Brasil e inclusive no Oriente, em Macau. Segundo Brandi, (...) *ma l'importanza della chiesa, per l'ordine dei Gesuiti che si espansse in tutto il mondo fu enorme*. BRANDI, Cesare. *Disegno dell'architecttura italiana*. Torino: Einaudi, 1985. p. 143

<sup>346</sup> CASTRO, José Liberal de. *op. cit.*, p. 39.

en Brasil.<sup>347</sup>

A fachada do projeto original da igreja de Gesú, de Vignola, não foi executada, porém, foram mantidas suas idéias principais. Segundo Argan<sup>348</sup>,

El planteo de Vignola consistía en hacer una iglesia adecuada para la predicación, una iglesia de carácter congregacional. Una iglesia de ese tipo debe tener evidentemente un esquema longitudinal; pero si esta iglesia longitudinal conserva la tradicional subdivisión en naves, resulta claro que no será completamente adecuada para la predicación, porque los fieles que se encuentran en las naves menores no verán y tampoco oirán el predicador.

... y construye una iglesia que tiene una única nave y grandes capillas laterales. Así logra la posibilidad de una compacta reunión de los fieles en ese gran vano rectangular, y, al mismo tiempo, que las capillas laterales cumplan una notable función acústica, favoreciendo la difusión y evitando la dispersión de sonido.

Vignola, em el Gesú, concibe todavía una fachada compuesta según el esquema proporcional de la sección aurea, ...

A cúpula:

... casi como para formar un baldaquino sobre el lugar sagrado del rito y separarlo así de lo de reunión. En segundo término, el objeto de la cúpula era desarrollar hacia el alto la profundidad, la perspectiva de la nave. Por lo tanto necesitaba de una fachada que tuviera un orden, un segundo orden, cuya función era precisamente la de no dejar que la cúpula gravitara hacia el exterior.<sup>349</sup>

#### 6.4 – A igreja de São Miguel

A igreja de São Miguel desde sua construção, sempre despertou interesse pela grandiosidade e qualidade arquitetônica incomuns. As manifestações de espanto e admiração encontram-se em vários relatos de viajantes e na documentação oficial, onde ela sempre foi tratada como

<sup>347</sup> ARGAN, Giulio C. *op. cit.*, p. 69.

<sup>348</sup> ARGAN, Giulio C. *op. cit.*, p. 69.

<sup>349</sup> ARGAN, Giulio C. *op. cit.*, p. 71.

uma edificação diferenciada, excepcional, como se fosse um *monumento*. No lado norte da praça encontra-se a igreja, verdadeiro ‘teatro’ quanto ao luxo dos ornamentos e detalhes interiores.<sup>350</sup>

Na elaboração de uma análise sobre *significados* de sua Arquitetura, se faz necessário avaliar as eventuais analogias entre esta igreja e a de Gesú, de Roma<sup>351</sup>; entre os projetos *originais* de Vignola e a construção executada por Primoli, desconsiderando o pórtico<sup>352</sup>, que foi construído por Grimaldi em etapa posterior.

Um dos motivos que podem explicar uma possível relação entre ambas, além do impacto simbólico que o projeto teve no interior dessa ordem religiosa, é o fato de seu arquiteto, Gian Batista Primoli, ser de Milão, e, certamente, conhecer as matrizes da arquitetura italiana que influenciaram tanto o Renascimento quanto o Barroco: a arquitetura *toscana, a vêneta e a romana*.

Iniciando-se pela análise em planta, a igreja de São Miguel utiliza o esquema tradicional de igreja com nave principal, naves laterais, transepto, capela-mór, sacristia e contra-sacristia. No que refere a seu acesso frontal, da mesma forma que na arquitetura antiga, possuía três portas, destacadas em dois níveis de importância, que davam entrada à nave central e às duas naves laterais.

Seu espaço interior, com naves laterais, de certa maneira, correspondia à estrutura já tradicional das igrejas de *tipologia missioneira*, de sistema construtivo *independente*, em madeira, que possibilitavam uma grande *transparência* entre as naves laterais e a central, uma vez que os

<sup>350</sup> Segundo Hemetério da Silveira, que esteve nas missões em 1860. SILVEIRA Hemetério. *op. cit.*, p. 15.

<sup>351</sup> A relação efetuada pelo prof. Curtis entre essas duas obras referiu-se ao projeto executado por Giacomo della Porta e não ao de Vignola. CURTIS, *op. cit.*, p. 38. Ver figura 23 - Anexo A.

<sup>352</sup> Ou *nártex*: antigamente, galeria alpendrada na frente das igrejas, (...). *Hoje, qualquer pórtico ou entrada de igreja*. CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos *op. cit.*, p. 336. O pórtico atribuído a José Grimaldi foi provavelmente construído entre 1745 e 1752.

esbeltos pilares de madeira roliça reduziam muito pouco a visibilidade do *rito*.

Em contrapartida, na igreja de Gesú, temos capelas votivas, localizadas nas naves laterais, *voltadas e abertas* para a nave central. Em São Miguel, as naves laterais, além de espaço de acesso, diretamente comunicado com o exterior pelas portas frontais, destinavam-se também à participação dos fiéis durante a santa missa. Na igreja de Gesú as capelas são ambientes isolados, *comunicáveis entre si* por pequenos vãos, que se constituem enquanto espaços independentes de celebração do rito principal.

Provavelmente a solução adotada pelo projeto de Primoli em São Miguel buscou atender a uma *tradição missioneira*, de ordem funcional, consolidada em décadas de prática litúrgica. Como resultado desse *partido*, o espaço interno da igreja de São Miguel, considerando as limitações próprias de seu sistema construtivo *portante*, que necessitava de maciços em pedra para *suportar a cobertura*, é muito mais *aberto, amplo e permeável*, em comparação com o projeto da igreja de Gesú, de Roma.

Assim como na igreja de Gesú, o projeto de Primoli para São Miguel também propôs a construção de uma *cúpula*<sup>353</sup>, na mesma posição e pelos mesmos motivos. A falta de cal na região<sup>354</sup>, à época, que viabilizasse uma obra de alvenaria desse porte, determinou que sua construção fosse feita em madeira, apoiada em uma espécie de tambor octogonal, disposto sobre os *arcos de pedra* do *transepto*. Internamente, existia um forro em

<sup>353</sup> Pelos vestígios remanescentes, essa solução também deve ter sido utilizada pelo mesmo arquiteto em Trinidad, no Paraguai. Solução semelhante, apoiada em estruturas independentes de madeira, parece ter sido usada nas igrejas de São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São João Batista, Santo Ângelo e São Borja nos Sete Povos. Referindo-se a São Borja, Arséne Isabelle registrou: (...) *tendo encima um teto de telha e uma pequena torre quadrada, formando uma cúpula no interior; (...) decorada com pinturas bastante lindas.* ISABELLE. Arséne. *op. cit.*, p. 15-6.

<sup>354</sup> Fernando Leal aponta que a cal só foi introduzida em São Miguel em 1794. LEAL, Fernando M. *op. cit.*, p.. 76.

forma de abóbada semicircular de madeira. Externamente, a cúpula era coberta por oito águas de telhados triangulares.

A fachada de São Miguel repete basicamente de uma outra forma os principais elementos de composição da igreja de Gesú, em que o exterior *denuncia* a composição da estrutura interior: fachada em *duas ordens*, com frontão, *volutas laterais*<sup>355</sup>, nichos e janela centralizada superior. Uma diferença se dá com a introdução, em São Miguel, da chamada *parede ondulada*. Segundo Custódio,

A influência barroca está presente nas ondulações côncavas da frontaria, que perpassam verticalmente as duas cimalhas e o frontão, produzindo um conjunto de curvas superpostas que movimentam e dão volume ao edifício. No centro delas, entre as portas, mais dois nichos de torre, onde eram colocadas estátuas em pedra.<sup>356</sup>

Além dos elementos que contribuem para a dramaticidade barroca dessa composição, a frontaria de São Miguel apresenta ainda uma leve inclinação<sup>357</sup> para a frente na sua área central, um requintado artifício de projeto destinado a dar mais *grandiosidade* ao monumento, que se *superpõe* ao olhar do visitante, evidenciando seus movimentados volumes ornamentais e a cruz de pedra sobre o centro do frontão, recortada contra o céu.

O programa e o partido original da igreja de São Miguel, assim como o da igreja de Jesus, provavelmente não previam a construção de um *pórtico*. Este elemento, no entanto, já era tradicional na arquitetura das igrejas missionárias, cujo acesso era geralmente precedido por um grande

<sup>355</sup> No que se refere às *volutas*, que em Vignola eram simplesmente *curvas de enlace*, a solução de Primoli se assemelha à construção de della Porta, *onde son un elemento plástico ornamental que se asoma al frente y contribuye para dar a este frente un carácter de organismo plástico-pictórico autónomo*. ARGAN, Giulio C. *op. cit.*, p. 72.

<sup>356</sup> CUSTÓDIO, Luiz A. *op. cit.*, p. 4.

<sup>357</sup> Esta inclinação foi medida, pela primeira vez, no Levantamento Cadastral executado em 1980-81, por Odair Carlos de Almeida e Luiz Antônio Custódio. CUSTÓDIO, op. cit. p. 5. Lucio Costa mencionou artifício de composição semelhante usado para correção de ilusão ótica nas pilastras do pórtico. COSTA, Lucio. A Arquitetura Jesuítica no Brasil, in Revista da SPHAN. No. 5. Rio de Janeiro, 1941.

átrio, com três arcos<sup>358</sup>.

A solução de uma fachada aporticada provinha da (...) *concepção cristã primitiva que, logo, se desenvolveu em Roma até o (ano) 200.*<sup>359</sup> Como menciona Argan, da mesma forma, que Alberti, no caso da Igreja de San Andrés, em Mântua, utilizou na fachada uma grande *loggia*, o catalão Grimmau também utilizou uma solução semelhante na igreja de São Miguel, um pórtico com nove arcos, cinco dos quais, frontais.

O resultado da inserção do pórtico, que poderia ser classificado como *Maneirista*<sup>360</sup>, extremamente bem executado e com linguagem própria, sob o ponto de vista do conjunto arquitetônico, revela uma completa falta de capacidade de integração entre uma estrutura principal préexistente (a igreja) e sua adaptação, atendendo a uma exigência de cunho estritamente funcional.

Dos projetos desenvolvidos por Primoli na região, nos quais se identificam prováveis influências do projeto da igreja de Gesú, verificamos que a frontaria da igreja de São Miguel, *sem o pórtico*, é o que guarda a maior semelhança. No que se refere à estrutura da distribuição espacial, *em planta* é a da Catedral de Córdoba, na Argentina, com suas capelas laterais.

#### 6.4 – Simbologias, alegorias e representações.

Passando do edifício para a escala urbana, foi também em função do Barroco que as práticas sociais *institucionais* nas reduções, correspondendo ao espírito cenográfico e teatral desse movimento,

<sup>358</sup> Na maior parte das vezes, senão em todas, esses arcos não tinham função estrutural, mas de elementos decorativos, numa intenção de representação cenográfica.

<sup>359</sup> ARGAN, Giulio C. *op. cit.*, p. 68.

<sup>360</sup> Maneirismo: movimento surgido na Itália em torno de 1520. (...) Designa um estilo original e completo que exacerba a ‘maneira’ de artistas da grande geração do

ganharam maior dinâmica e valor de *representação*.

O *modelo espacial* da redução de São Miguel era estruturado considerando-se a utilização de elementos *excepcionais*<sup>361</sup> e de *elementos recorrentes*, como estratégia compositiva, para destacar a *figura do fundo*. Nessa *hierarquia*, clara e intencionalmente estabelecida, o grande *cenário* era projetado para atender às intenções de visualização do *monumento* principal, sob diferentes pontos de vista.

A igreja era sempre o *marco* que *aparecia*, proeminente e de diferentes ângulos, iluminada e clara pela manhã, banhada pelo sol do norte. Com uma *monumentalidade* intencional, isto é, concebida enquanto um monumento, com uma *intenção objetiva* de ser *um marco*, de se destacar no conjunto, sua arquitetura estava para *representar* valores, para evidenciar, com clareza, quem se constituía no *poder*, pelo menos, no âmbito local.

Entrando pelo eixo *monumental* da via principal, vindo da estrada de São João Batista, tinha-se sempre como pano de fundo a grande igreja, localizada *no ponto mais alto* da colina, com sua enorme torre, encimada por um *galo prateado*.<sup>362</sup> Sua perspectiva era grandiosa, flanqueada pelas galerias das casas dos índios, de onde o *ponto focal* ia crescendo, ganhando força e volume ao longo do percurso.<sup>363</sup>

O final da via principal, que era demarcado por duas capelas votivas, mais altas, entrava-se no grande *pátio*, a praça, que como um grande *foro*, era conformada por dezenas de colunas em pedra, regularmente dispostas, das casas dos índios. A grande igreja, disposta

*Renascimento, como Rafael, Bramante, Correggio e Miguel Ângelo.* LARROUSSE, op. cit., p. 3837.

<sup>361</sup> Sobre conceitos de *hierarquia*, *excepcionalidade* e *recorrência*, ver PANERAI, Philippe et al. 1983, op. cit. e CASTEX, Jean e PANERAI, Phillippe. 1988. *Notas sobre a estrutura do espaço urbano*. Mimeo. Trad. Décio Rigatti.

<sup>362</sup> Hemetério refere-se ao galo da torre da igreja de São Miguel, concluindo que se tratava de uma peça de *estanho*. SILVEIRA, Hemetério. op. cit., p. 252.

solemnemente como numa *alusão* à praça maior da cristandade. O espaço amplo e vazio, e a maneira repetitiva e recorrente dos pavilhões com suas colunas, contribuíam para destacar a estrutura excepcional da grande igreja. Desse ponto, já era possível identificar os elementos principais de sua composição, como a escadaria, a arcada frontal do pórtico, as grandes pilastras, as amplas volutas, as arquitraves e o frontão.

Do centro da praça se podia divisar, inclusive, as figuras dos apóstolos colocados sobre o frontão do pórtico, lado a lado com São Miguel. Olhando para os dois lados, se verificavam as perspectivas leste e oeste da segunda *grande via*, como num cruzamento de um *cardo* com um *decumano*<sup>364</sup>. Mais adiante, divisavam-se os detalhes dos grandes capitéis, no segundo nível da frontaria.

Entrando na igreja através do pórtico e pela portada central, a visão se modificava, ajustando a redução da luminosidade. O piso de ladrilhos e arenito da nave, iluminado pelo raio de sol que entrava pela enorme janela do coro, refletia *claridade* no ambiente, onde outros pontos de luz, mais difusa, entravam pelos vãos superiores, iluminando pelas *lunetas*, a grande abóbada de madeira pintada do forro. Nas naves laterais, mais baixas, sucediam-se altares, até que o espaço novamente se ampliava para os lados e principalmente para cima, com a cúpula, disposta sobre o acesso à *cripta*, bem no centro do transepto. E frontalmente a ele, na capela-mór, emoldurada pelo arco cruzeiro, no alto do grande altar dourado, estava a imagem, triunfante de São Miguel.

A imagem colossal do archanjo, (...) tinha a seus pés um enorme dragão, em cuja cabeça descansava o conto da lança sustentada pela mão direita da gloriosa imagem.<sup>365</sup>

<sup>363</sup> Ver uma reconstituição hipotética deste percurso, por meio da informática, nas figuras 24 e 25 no Anexo A.

<sup>364</sup> Eixos principais da estrutura das cidades e dos acampamentos romanos. Uniam-se dentro do *Foro*, grande praça celebrativa e polifuncional.

<sup>365</sup> Segundo Hemetério Silveira, esta imagem “tinha perfeitos, tinta e dourados”. SILVEIRA, Hemetério. *op. cit.*, p. 252. Posteriormente foi levada para a igreja de Santo Ângelo, onde foi montado num altar de madeira e pano, que incendiou...

Provavelmente esse tipo de experiência espacial assim articulada envolvendo um percurso de quase meio quilômetro, que espantou muitos visitantes, não tenha tido precedentes com esse nível de apuro, na maioria das cidades coloniais espanholas. Nas demais reduções das outras ordens religiosas, certamente não. Talvez na Plaza de Los Reyes, em Lima, ou no Zócalo, no México, mas aquelas são escadas definitivamente diferentes, demasiadamente grandes, estruturadas com outros objetivos de representação, de *plasmar* às grandes civilizações e onde se perde o *envolvimento* propiciado pela escala humana.

Mas o *espírito* Barroco não se manifestava apenas nas relações físico-espaciais do campo material. Conjugava também outros elementos, despertando outros sentidos nas celebrações sociais. As procissões, as missas cantadas, as visitas dos governadores, tudo era motivo para grandes cenografias fixas ou móveis. Nessas ocasiões, a praça era decorada com arcos de guirlandas de flores e até com pássaros vivos; os índios vestiam trajes especiais para as cerimônias; a orquestra de músicos executava peças de Zípoli<sup>366</sup>; os atores representavam *autos sacros*.

... o triunfalismo jesuítico encontrou no Barroco as armas que carecia. A arte, sobretudo na sua expressão plástica, apresentava-se como a aliada mais valiosa da espiritualidade inaciana.<sup>367</sup>

Em São Miguel, nada se comparava, no entanto, com a celebração de 29 de setembro, onde, segundo Silveira (em português antigo), a redução, (...) *revestir-se-ia da mais dezuzada pompa (...)*, dedicada (...) ao glorioso archanjo, que é chefe das cohortes angélicas.<sup>368</sup>

A rotina da vida cotidiana na redução era *ritualizada* e organizada

<sup>366</sup> “Irmão Domenico Zippoli, nascido na região Toscana em 1688, transferiu-se para Roma em 1712 e 1714. (...) Em 1717 parte como missionário para a Província do Paraguai, estabelecendo-se em Córdoba. (...) dedicando-se ao mesmo tempo à atividade de compositor e organista da igreja dos jesuítas. (...) falece, em janeiro de 126, aos 37 anos”. PREISS, Jorge H. A Musica nas missões Jesuíticas nos séculos XVII e XVIII. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1988.p.52-3.

<sup>367</sup> TREVISAN, Armindo. *Um Barroco indígena*. In. TAVARES. op. cit. p. 100.

por diferentes atividades dos padres e dos índios, que eram ordenadas, de dia, pelos diferentes toque dos sinos, chamando a população. De noite, pelo toque dos tambores dos vigias, que se sucediam em rondas, anunciando as horas. Segundo Cardiel:

A las cuatro de la madrugada, nos levantamos al toque de la campana. Pasado un cuarto de hora, se da la señal del Angelus al pueblo. Después de otro cuarto de hora, empieza nuestra oración mental. A las cinco y cuarto abre el portero la puerta a los sacristanes y cocinero. A las cinco y media se da la señal al pueblo con la campana de la torre; y con nuestra campana de casa se toca a fin de oración. Después de la misa se administra el Viático y la Extremaunción a los que los necesitan... a no ser que la necesidad obligue a anticipar la hora; y se da la sepultura a los cadáveres. Después de las Horas canónicas se oyen confesiones, si las hay. A las doce y cuarto nos tocan a examen de conciencia. Sigue después la comida y quiete. A las dos de la tarde toca la campana de la torre a vísperas... A las cinco, después del Catecismo de los niños se reza en la iglesia el Rosario, terminando el Acto de contrición y el Bendito, cantando... Después de lo cual, despachados, si ocurren algunos parroquiales ministerios más, nos retiramos a cumplir con las obligaciones del rezo y la disciplina regular hasta las nueve, en verano. Durante la noche, había serenos de toda confianza que rodaban por el pueblo, así para atender a los enfermos que pudiera haber, como para precaver, o saber, de cualquier desorden moral. A la manera romana y aún de la Edad Media, la noche estaba dividida en tres vigilias, de 9 a 12, de 12 a 3, y de 3 a 6, y en cada una de estas vigilias se remudaban los serenos, y tocaban los tambores para indicar qué vigilia era y qué hora era.<sup>369</sup>

Além do cenário permanente e das encenações eventuais que realçavam o espírito barroco, mesmo que tosco, no cotidiano, haviam ainda símbolos e alegorias. Por todo o território, em cruzamentos, nas capelas, estâncias e postos, como que definindo a posse e *identificando o dono*, espalhavam-se cruzes, de diferentes tamanhos, materiais e formatos. Algumas, *missioneiras*, com dois braços. Internamente, no espaço urbano, nos diferentes acessos, nas laterais da praça, no centro do

<sup>368</sup> SILVEIRA, Hemetério. *op. cit.*, p. 251.

<sup>369</sup> FURLONG, 1978, *op. cit.*, p.299.

cemitério, no piso das igrejas<sup>370</sup>, etc.

Nos interiores da igreja, principalmente, as imagens dos santos e as grandes pinturas sacras transmitiam mensagens cifradas ou explícitas em cada iconografia. Algumas, inclusive, incorporavam outros valores simbólicos e interpretações locais<sup>371</sup>. Incrustadas nas estruturas de pedra, em baixos relevos, sobre os portais ou nas paredes, também se colocavam símbolos representativos do catolicismo, da ordem jesuítica e da Coroa Espanhola<sup>372</sup>.

Um outro tipo de interpretação ainda pode ser feita neste trabalho acerca da composição espacial da tipologia urbana missionária e de São Miguel: como já foi definida, basicamente, a estrutura desta redução é composta por duas partes. O *primeiro conjunto* é formado pela igreja-residência-oficinas-cemitério mais o cotiguá e o *segundo* é constituído pelos blocos das casas dos índios, incluindo-se o Cabildo. O primeiro, apresenta-se murado, fechado, concentrado, *privado*, alinhado frontalmente, estabelecido como um *divisor de campos*. O segundo, ordenado, aberto, permeável, disperso, *público*, simetricamente disposto em relação aos eixos principais e à igreja.

Se analisarmos as diferentes descrições e as iconografias referentes às casas dos índios, verificaremos que suas (únicas) aberturas

<sup>370</sup> O único pavimento de igreja dos Sete Povos que foi objeto de estudo mais minucioso de desenho foi o que efetuamos sobre os remanescentes de São Nicolau, a partir das escavações arqueológicas. Nessa igreja, entrando pelo acesso principal, existem vestígios de uma marcação de caminho na pavimentação de arenito, que se dirige até o altar-mor. No centro geométrico do transepto, um segundo caminho, transversal, intercepta o primeiro, conectando os dois altares laterais. Dessa cruz, partem raios fulgurantes, formados por tijolos cerâmicos dispostos a 45° em relação aos referidos caminhos.

<sup>371</sup> É o caso de um São Miguel, onde, em lugar de um dragão (símbolo do mal), colocou-se um português, simbolizando o demônio da época. Essa imagem atualmente está localizada no Museu de São Gabriel, Rio Grande do Sul. Inventário de Imaginária Missionária número: RS/90-0001-0263 - Arquivo IPHAN.

<sup>372</sup> Dentre esses símbolos católicos, estavam os anagramas IHS, AM, a representação do pássaro alimentando seus filhotes, a do coração flamejante. Um caso especial é o da fachada de San Ignácio Mini, onde, nos dois lados do acesso principal, se vêm os símbolos da Companhia de Jesus e de Maria. Dentre os símbolos da Coroa Espanhola, está a

são todas voltadas para um mesmo lado, que deveríamos chamar de *frente*. Essas aberturas não possuem portas. (...) às vezes, *no máximo um couro*. Umas casas estão de costas para as outras, independentemente de possuírem, todas, alpendres nos quatro lados. Se analisarmos a posição das aberturas do conjunto das casas dos índios, veremos que todas elas estão, paralelamente entre si, voltadas para a praça e, portanto, para a *igreja*, para o primeiro conjunto, o conjunto *fechado* com portas (... e com chaves).

Coincidência ou não, de qualquer ponto mais alto do primeiro conjunto, da torre, do pórtico ou da própria janela do coro, era possível *observar* qualquer movimento em toda a redução. Ou seja, como em um *panóptico*,<sup>373</sup> com um *ponto de visão privilegiada e ampla*, a partir do conjunto fechado, de onde se podia *controlar* o que se passava no conjunto aberto e em toda a redondeza.

Esse atributo de projeto é inclusive explicitado pelo Padre Sepp, quando diz que, de acordo com o seu plano da redução, (...) estava o *Missionário alojado no meio de seus neófitos, e por conseguinte mais capaz de cuidar, e velar sobre sua conduta (...)*.<sup>374</sup>

Dos diferentes aspectos mencionados, fica clara e evidente uma vontade ou uma necessidade de representação de valores concretos e simbólicos, de cultura e de poder. É redundante dizer que, dentre os poderes institucionais representados na redução, materializados por meio da arquitetura e da organização espacial, destacava-se a igreja, simbolizando o catolicismo, motivo principal expresso nas justificativas da

própria representação da águia bicéfala dos Habsburgos, sobre o anagrama da Companhia de Jesus, da pia de água benta proveniente de São Lourenço.

<sup>373</sup> Numa alusão à obra de Jeremy Benthan, Foucauld coloca: *O tema do Panóptico – ao mesmo tempo vigilância e observação, segurança e saber, individualização e totalidade, isolamento e transparência, (...)*. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

<sup>374</sup> Trecho de carta dirigida pelo Padre Sepp ao Padre Gullermo Stingelhaim, na *Alta Alemania*, em 1701, cuja transcrição em espanhol encontra-se na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

organização do sistema reducional. A igreja católica na redução tinha um duplo papel de representação, o civil e o religioso. O sacerdote representava ali o Papa e o Rei de Espanha, ao mesmo tempo.

O poder *temporal*, representado pelo conselho indígena, instalado no *Cabildo*, era, do ponto de vista morfológico e da representação arquitetônica, quase imperceptível ou inexistente. A casa *capitular* ocupava *uma* das casas dos índios, sobre a praça, e, como identificação, tinha apenas um brasão da coroa espanhola sobre sua porta principal.

Na maior parte das iconografias que chegaram até o presente, a edificação do Cabildo não tem nenhuma evidência e sua localização, inclusive, podia trocar de posição nas três faces da praça, de acordo com a redução. O tratamento dado a essa instituição, utilizando um edifício considerado como uma *recorrência*, dentro de um sistema sofisticado e intencional de representação de valores simbólicos, evidencia a disparidade evidente entre os poderes constituídos, reforçando o próprio espírito de sistema de tipo colonial.

Por último cabe mencionar o caráter *utópico* que foi atribuído às reduções da Província Jesuítica do Paraguai. Esta denominação já foi objeto de ampla discussão por diferentes autores à época e contemporaneamente,<sup>375</sup> sob enfoques de diferentes disciplinas.

Segundo Eisenberg,<sup>376</sup> Até mesmo autores distantes da temática jesuítica como Marx e Bakunin não escaparam a esta mistificação das missões jesuíticas no Paraguai. Para Freitas,

<sup>375</sup> Dentre os autores contemporâneos que trataram o tema da utopia, sob o ponto de vista político, ver: KERN, Arno A. *Missões, uma Utopia Política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982, e KERN, Arno A. *Utopias e missões jesuíticas*. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

<sup>376</sup> Referia-se a uma menção de Marx, (...) no calor dos debates que envolveram estes autores em 1870, onde Marx escreveu: Se a sociedade do futuro for tão organizada de acordo com o modelo da seção russa da Aliança, ela vai ultrapassar, em muito, o Paraguai dos afamados padres jesuítas, que são tão caros a Bakunin. EISENBERG, José. op. cit., p. 20 e 174.

A experiência missionária teve profunda repercussão no pensamento moderno. Malgrado inimigos dos jesuítas, Voltaire, d'Alembert e Montesquieu elogiaram as missões Guarani. Voltaire as considerou um triunfo da humanidade. Montesquieu comparou o sistema missionário à *República* de Platão. Aliás as utopias de Platão e Tomás Morus são às vezes apontadas como o modelo do sistema missionário. Para alguns estudiosos, o modelo das Missões seria a *Civitas Solis*, de Tomás Campanella.<sup>377</sup>

As descrições de Morus, referentes à organização espacial das cidades de Utopos, no entanto, apresentam uma série de interessantes coincidências ou semelhanças genéricas com as estruturas urbanas missionárias. Selecionamos trechos dessa obra, que podem evidenciar alguns dos motivos de sua propalada vinculação ao projeto físico ou funcional do sistema reducional do Paraguai:

Todas são construídas segundo o mesmo plano e têm o mesmo aspecto, na medida em que o sítio o permite.

Quem conhece uma das cidades conhece-as todas, porque são muito semelhantes e não se distinguem senão pelo terreno.

Foi o próprio Utopus, legislador e arquiteto ao mesmo tempo, que traçou a planta modelo de todas as cidades.

As ruas foram bem desenhadas, ao mesmo tempo para servir de tráfego e como obstáculos ao vento.

As construções têm boa aparência. Formam duas fileiras contínuas, constituídas pelas fachadas, uma defronte à outra, ...

Ali não há nada propriedade que constitua domínio privado.

... o plano da cidade foi traçado desde a origem pelo próprio Utopus.

... cada cidade é composta por seis mil famílias...

O modo de vida é comunitário. Toda a gente trabalha.

Encontraram assim, no cristianismo a confirmação dos princípios de vida próprios da Utopia.<sup>378</sup>

No que se refere aos aspectos físicos, aos ordenamentos urbanos,

<sup>377</sup> FREITAS, Décio. *Utopia missionária*. In TAVARES, Eduardo. *op. cit.*, p. 63-4.

partimos do princípio de que a *utopia*, como o próprio nome traduz, pressupõe um *não lugar*, o que não é absolutamente, o caso das reduções. Nesse sentido, consideramos mais adequada a alternativa de vinculação da tipologia missionária aos princípios de *ordem* das *cidades ideais*, concebidas no Renascimento, dentre outros, do que às fantasiosas descrições dos modelos *utópicos*. Esses mesmos princípios gerais foram traduzidos genericamente para as diferentes ordenações e consolidados como diretrizes para a colonização tanto espanhola quanto portuguesa, no século XVI.

Na visão antropológica de Meliá, a questão da utopia pode ser considerada como uma *armadilha* da História.

La hipótesis de que las Reducciones guaraní-jesuíticas del Paraguay hayan actualizado en la historia una utopía, es una de las trampas que la propia historia ha colocado en su camino. Tal vez sería lo más práctico desconocer y pasar por alto esta cuestión que por muchas razones hace parte del imaginario ideológico con que se ha disfrazado la propia historia. Las reducciones guaraní-jesuíticas son probablemente mucho menos que una utopía, pero también son precisamente mucho más que una utopía, precisamente porque no pueden ser reducidas à ella. Las reducciones guaraní-jesuíticas tuvieron lugar...<sup>379</sup>

As missões, no entanto fizeram parte da realidade. No contexto do século XVIII, São Miguel Arcanjo era um lugar especial. Um *lugar* de utopia. Ainda hoje o é.

<sup>378</sup> MORUS, Tomás. *A utopia*. Porto Alegre, L&PM. 2000. Cap. 2.

<sup>379</sup> MELIÁ, Bartomeu. 1995. *op. cit.*, p.33.

## 7 – EPÍLOGO

O sistema *reducional missionário* constituiu-se em uma experiência que amadureceu, ganhou configuração própria, reconhecível e se reproduziu como diretriz durante algumas décadas, formando uma considerável rede de dezenas de povoados. Para a estruturação desse sistema peculiar, além da força de vontade, concorreram a bagagem cultural dos nativos e as variadas estratégias e experiências jesuíticas adquiridas em suas múltiplas frentes de trabalho, onde as diretrizes gerais de procedimento sempre foram adaptadas às realidades locais.

Nesse contexto, destacou-se a redução de São Miguel Arcanjo em função do estágio de especialização arquitetônica e urbanística pioneira que atingiu. Este destaque deve-se ainda a sua reconhecida importância econômica, ligada a uma retaguarda rural, além do fato de ter sido o principal cenário urbano do processo histórico que determinou a conclusão da experiência reducional jesuítica.

Dentre as contribuições deste trabalho, no âmbito da análise das características espaciais das reduções, na área especializada do urbanismo, está a separação metodológica entre aspectos *morfológicos* e *funcionais*, sem deixar de reconhecer a estreita vinculação entre eles. Esse procedimento, usando como referência classificações tipológicas, buscou evitar a perpetuação de confusões conceituais decorrentes de abordagens que, ao se referirem à arquitetura e aos ordenamentos urbanos no sistema reducional, geralmente, misturam atributos de categorias diferentes, na busca de explicações para as origens ou para as influências recebidas para sua composição.

Sob esse enfoque, procuramos evidenciar inicialmente a diferença entre a *configuração* espacial da *cidade colonial espanhola* e a dos *povoados do sistema reducional* da Província Jesuítica do Paraguai. Comparando resultados, verificam-se situações que se caracterizam por possuir atributos claros e reconhecíveis, mas de *ordens diferentes*.

A configuração do espaço físico da *cidade colonial espanhola* está relacionada basicamente à repetição de um *traçado* de referência - uma malha reticulada - com uma *forma de ocupação* do sítio, definida a partir de diretrizes gerais comuns estabelecidas pela Coroa. Estas características básicas são reconhecíveis e se evidenciam principalmente no âmbito *bidimensional*, uma vez que as tipologias arquitetônicas que se implantaram sobre essa estrutura reticulada, nas diferentes cidades, variavam ao longo do continente.

Já a configuração dos povoados do *sistema reducional* conjuga a repetição de um *traçado* e de uma *forma de ocupação* peculiares com *tipologias arquitetônicas* que são recorrentes dentro da rede estruturada. Esse *modelo espacial* tem como atributo principal e identificável a sua própria *tridimensionalidade*, qualidade que só é garantida nas reduções por um processo de construção coletiva, em *mutirão*. Um processo que utilizava referências de projeto - *forma e função* - comuns.

Para a análise dos aspectos *morfológicos* no sistema reducional missionário, utilizamos dois níveis de abordagem: o arquitetônico e o dos ordenamentos urbanos. A descrição *arquitetônica* foi inicialmente proposta por Busaniche, sendo posteriormente referendada por sucessivos autores. Ele definiu as etapas por que passaram os *sistemas construtivos* das diferentes edificações missionárias. A análise dos *ordenamentos urbanos* foi o principal objeto de estudo do presente trabalho e tratou principalmente

da origem, das influências recebidas e do processo de evolução e consolidação das reduções, incluindo aí a *tipologia urbana missioneira*.

No campo dos *ordenamentos urbanos*, os povoados missionários passaram por duas configurações morfológicamente reconhecíveis:

- a *primeira*, que é associada à aplicação das orientações genéricas das sucessivas *ordenações espanholas*, apresenta-se como uma organização de choças em torno de uma praça retangular onde, numa das faces, ou sobre a mesma, estava localizada a igreja, configuração característica dos *povoados de índios*. Dentre os povoados dessa fase inicial, incluía-se o primeiro assentamento de São Miguel, (1632), do qual não restaram vestígios;
- a *segunda*, que foi consolidada como resultado da evolução e especialização do sistema missionário como um todo, representa o momento a partir do qual as reduções adquiriram certa autonomia compositiva e funcional dentro do sistema colonial espanhol, moldando um modelo espacial próprio. A esse padrão, diferenciado de qualquer outro tipo de assentamento de então, denominamos de *tipologia urbana missioneira*.

A *tipologia urbana missioneira*, uma configuração autêntica que distinguiu e caracterizou especialmente as reduções da Província Jesuítica do Paraguai, pode ser considerada a melhor contribuição jesuítica para a história do urbanismo referente ao período colonial espanhol, resultado de um processo de longa duração que envolveu, *imbricadamente*, estrutura espacial e dinâmica social, podendo ser inclusive considerada como um espaço de exceção.

Nessa tipologia, a redução se estruturava em *dois conjuntos* arquitetônicos articulados ao redor de uma grande praça e organizados por *dois eixos* viários principais. Os conjuntos eram constituídos por: igreja-residência-oficinas-cemitério-quinta e cotiguacú, de um lado, e pelas as casas dos índios incluindo o Cabildo, que ocupavam os outros três lados da redução.

Sobre este padrão de estrutura urbana, em algumas reduções, iniciou-se um processo de renovação, como contribuição de jesuítas arquitetos europeus, que era identificável pela substituição de edifícios e pelas transformações no sistema construtivo. Algumas edificações construídas inicialmente com estruturas *independentes* de madeira passaram a ser substituídas por outras, mais sofisticadas, com estruturas *portantes* em pedra. Dentre as reduções que atingiram essa etapa de organização destaca-se a de São Miguel, em sua terceira localização (1687).

A importância histórica de São Miguel deve-se ao fato de ela estar no centro dos acontecimentos decorrentes da implantação do Tratado de Madri e da Guerra Guaranítica. A importância arquitetônica, basicamente, deve-se à qualidade de sua igreja, que faz referências ao projeto de Vignola para a igreja de Gesù em Roma. E importância urbanística, está na qualidade excepcional de seu espaço, uma vez que foi ali que, com a presença de arquitetos europeus, iniciou-se a inserção da chamada *arquitetura erudita ou metropolitana* nas reduções. Ao mesmo tempo, destaca-se como espaço representativo do *apogeu* da tipologia urbana missionária. Pelo conjunto desses fatores, a UNESCO declarou São Miguel *Patrimônio Cultural da Humanidade*.

Um ponto fundamental a destacar neste trabalho foi a avaliação da influência das *Leis das Índias* e das demais ordenações ditadas pela Coroa espanhola, na configuração da tipologia urbana missioneira.

Sob o ponto de vista institucional, esses pressupostos genéricos davam *cobertura*, de maneira abrangente, às relações *funcionais* entre os europeus e os povos nativos. No que se refere aos aspectos *morfológicos*, as diretrizes estabelecidas para as *novas fundações* eram suficientemente *difusas*, o que permitia o enquadramento de diferentes configurações espaciais urbanas; mas eram, ao mesmo tempo, *imprecisas* para definir um padrão espacial único. Elas enfatizavam a necessidade de *planejamento* prévio e foram utilizadas como *diretrizes gerais* para a estruturação da maioria dos povoados. Alguns dos pontos estabelecidos nas *Leis das Índias* são identificados como *recorrentes* na tipologia urbana missioneira, dentre os quais cabe citar: a escolha e implantação do sítio; a praça central; os dois eixos viários principais e o devido destaque ao templo.

Uma outra questão que também foi aprofundada neste trabalho, diz respeito à influência da missão de Juli na estruturação do processo reducional missionário, buscando identificar especificamente sob que aspectos isso ocorreu. No que se refere aos aspectos *funcionais*, sem dúvida, essa experiência precursora contribuiu, e muito. Quanto aos *morfológicos* – dos ordenamentos espaciais e da arquitetura – praticamente não houve contribuição, a não ser no espírito de regularidade e de organização dos povoados. A configuração física de Juli correspondeu a uma estrutura característica dos núcleos urbanos coloniais espanhóis, com traçado ortogonal em xadrez, quarteirões quadrangulares e praça central, sob influência direta dos padrões estabelecidos pelas ordenações espanholas.

Além dessas características de caráter *físico*, a tipologia urbana missionária também consolidou *práticas sociais* que, vinculadas àqueles espaços, lhes conferiram dinâmicas e significados peculiares. No que se refere ao *significado* dos ordenamentos urbanos e da arquitetura dessa redução, como valor de representação, simbólico ou alegórico, concluímos que o *espírito barroco* sempre esteve presente na estruturação espacial, na configuração arquitetônica e artística, e na qualidade das práticas sociais, que utilizavam como cenário principal a grande praça com a monumental igreja como pano de fundo.

Quanto à contribuição específica dos índios Guarani para a configuração física – *forma e função* - e para a apropriação espacial - *práticas sociais e significados* – nessas reduções, podemos dizer que a documentação oficial jesuítica pouco contempla a esse respeito. A maior parte das descrições e análises de cotidiano das reduções refere-se à forma reducional de comportamento dos Guarani, ou, eventualmente, de sua reação a essa conduta.

Algumas estratégias adotadas pelos jesuítas foram básicas para assegurar o sucesso do sistema reducional em comparação às primeiras experiências frustradas das missões *ambulantes*. Dentre elas, a manutenção da língua dos nativos, o envolvimento dos índios em diferentes atividades, inclusive artísticas, a cura de suas doenças, e basicamente, a adoção de uma *rotina ritualizada*.

No processo de configuração do espaço reducional de São Miguel e da própria *tipologia urbana missionária*, alguns elementos da tradição cultural Guarani foram utilizados, com adaptações, no que se refere tanto aos aspectos materiais, quanto à dinâmica social. Exemplo disso eram as casas das suas *famílias extensas*, que acabaram sendo subdivididas, pela ação dos padres, a partir das primeiras reduções. De maneira geral os Guarani contribuíram para o sistema reducional com três elementos básicos de sua cultura: a agricultura tradicional, a economia da

reciprocidade e o espírito religioso. Estavam presentes na forma cotidiana de apropriação do espaço público, nas atividades religiosas, nos jogos e nas celebrações. Escavações arqueológicas realizadas nas últimas duas décadas têm evidenciado que algumas das práticas tradicionais dos Guarani persistiram nas reduções, lado a lado, com as novas tradições missionárias, decorrentes dos processos de aculturação impostos ou propostos pelos jesuítas.

Por outro lado e sob um enfoque mais amplo é importante reconhecer e afirmar que o sistema reducional missionário viabilizou o controle da obra de evangelização missionária, facilitando o recrutamento de nativos, inserindo-os no processo econômico colonial, transformando-os de *caçadores-coletores* e incipientes agricultores em trabalhadores especializados ou artesãos.

Dentre os atores que se destacaram no processo, cabe mencionar: Manuel da Nóbrega, que, junto com seus três companheiros, iniciou a empreitada de cristianizar os índios de todo o Brasil e concluiu que a alternativa mais eficiente para isso poderia ser o sistema de *aldeamentos*; o padre Diego Torres Bollo, que *projetou funcionalmente* o sistema reducional da Província Jesuítica do Paraguai; o padre Roque Gonzáles, que enfrentou, na prática, os primeiros problemas ao aplicar regras gerais a realidades específicas, o que justificou sua decisão de *subdividir* as casas extensas, tradicionais entre os Guarani; o padre Antônio Sepp, que registrou pioneiramente o *discurso fundador* da tipologia urbana missionária, ao dividir a redução de São Miguel e criar São João Batista; o arquiteto Gian Battista Primoli, autor do *projeto da igreja* de São Miguel; o corregedor Sepé Tiarajú que, com bravura, defendeu seus ideais e *sua terra*, entre milhares de anônimos índios Guarani. Além desses, cabe ainda mencionar os autores dos registros, dos relatos e dos diários que nos permitiram percorrer, através de seu olhar, um pouco, dessa experiência.

Merece menção especial o padre Luis de Roca. Ao que parece, ele teve uma significativa importância no resultado urbano das reduções, uma vez que foi ele quem determinou a realização das *obras de modernização* das mesmas, insistindo nessa meta quando foi, pela segunda vez, Provincial da Companhia nas primeiras décadas do século XVIII. Essa referência, discretamente mencionada por Furlong, indica a necessidade de um aprofundamento futuro na documentação primária, com vistas a esclarecer qual foi objetivamente o seu *projeto* e como ele foi desenvolvido.

Dentre os autores contemporâneos que se *emocionaram* com a arquitetura e a espacialidade de São Miguel e do sistema reducional missionário, cabe destacar especialmente Lucio Costa. Seus importantes estudos e seu trabalho têm formado gerações de arquitetos e urbanistas.

Lucio Costa, além de suas impressões, deixou em São Miguel uma importante obra, e de lá pode ter incorporado algumas idéias em sua enorme bagagem e vivência cultural.

Assim como o padre Sepp, que em seu *discurso fundador* de São João Batista, dividiu o terreno e organizou a estrutura da nova redução, Lucio Costa repetiu, anos mais tarde, o mesmo *sinal da cruz*, no Planalto Central do Brasil: num gesto primário, *de quem assinala um lugar ou dele toma a posse (...)*<sup>380</sup>. Uma cruz, encimada pela estrutura simbólica do poder – a *cabeça* – sobre uma grande praça. Mas isso é outra história. Uma história que pode ser objeto de outro estudo. Hoje, é apenas uma hipótese.

---

<sup>380</sup> Costa, Lucio *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. Brasília, DEPHA, GDF, 1991.p. 20.

Nesse imenso *quebra-cabeças*, muitas pedras continuam a instigar gerações de pesquisadores. Uma delas possui uma águia bicéfala. Uma coroa. Um símbolo real. Colocado sobre o anagrama IHS da Companhia.

- *Lei das Índias?* Perguntei.

É bem provável que ele tenha tido razão.

Porto Alegre, em 15 de janeiro de 2002.



## ANEXO A – ILUSTRAÇÕES

**Figura 1 - Provincias y territorios misioneros de los jesuitas en Hispanoamérica:** 1 Perú, (2 México), 3 Bogotá, 4 Quito, 5 Paraguay, 6 Chile; a Darién, b Orinoco, c Chiriguanos, d Abipones, e Mocobíes, f Pampas, g Araucanos.

Fonte: KÜHNE, Eckart.

*Las misiones jesuíticas de Bolivia.*  
Zürich: Pro Helvetia, 1996, p. 17



**Figura 2 - Província Jesuítica do Paraguai**  
Plano geral da localização das reduções  
\* São Miguel Arcanjo

Fonte: MAEDER, Ernesto. GUTIERREZ, Ramon. *Atlas histórico y urbano del noreste argentino*. Resistencia: CONICET - FUNDANORD, 1994 - p.17

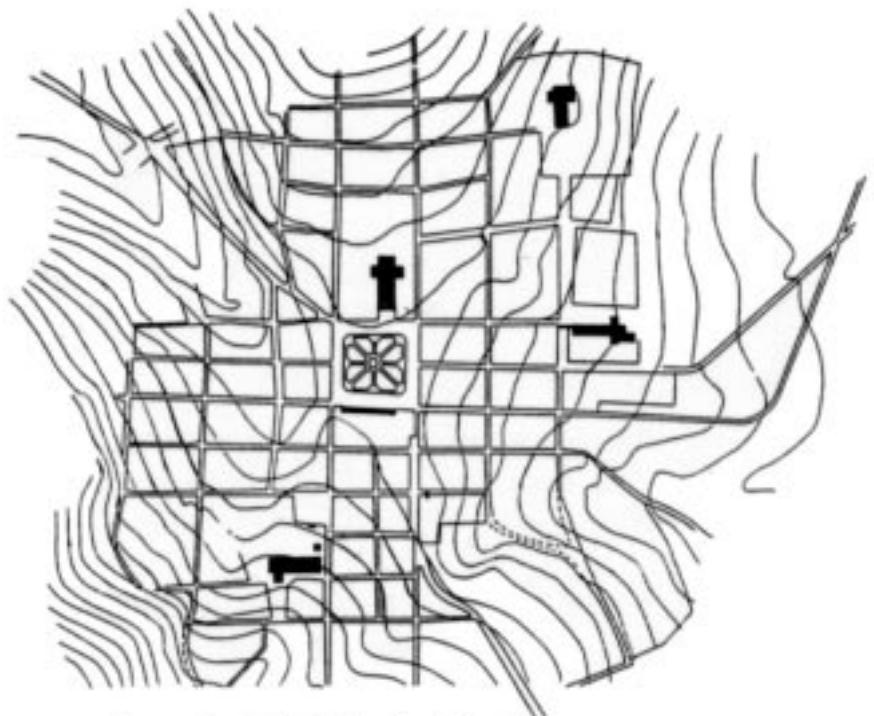


Figura 3 - Redução de Juli - Perú

Fonte: SANDOVAL, Humberto. *Misiones Jesuiticas de Paraguay*. In Revista Arquitectura Panamericana número 001, Santiago do Chile: FPAA, 1992, p. 80

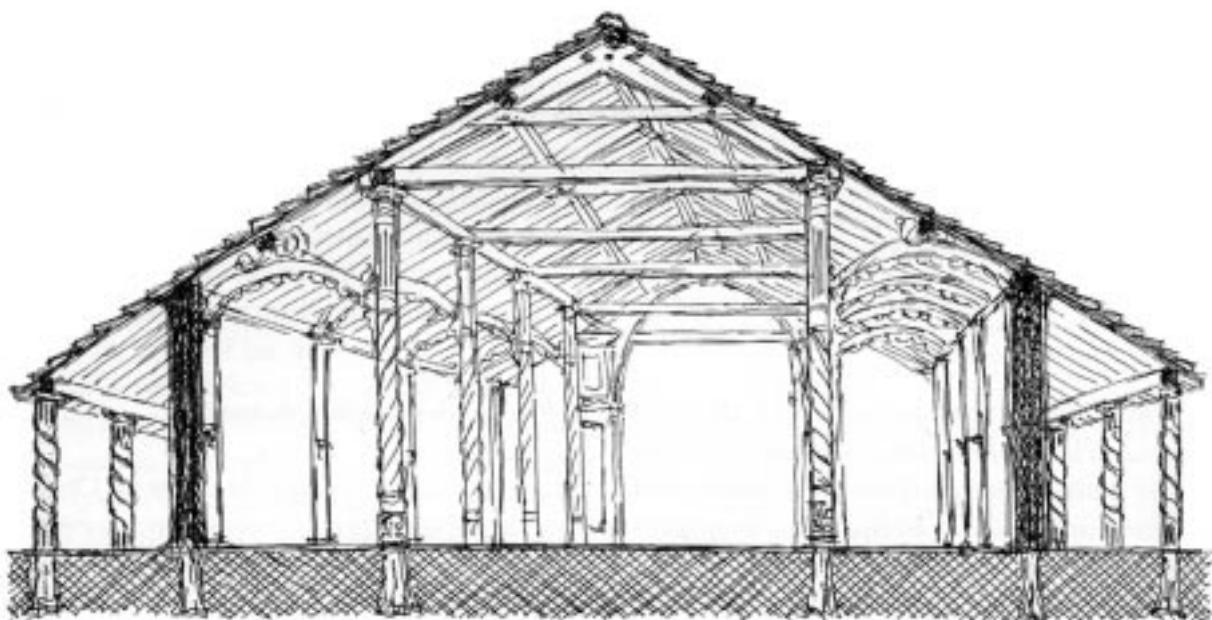


Figura 4 - Esquema estrutural da igreja de São Miguel, Chiquitos

Fonte: KÜHNE, Eckart.

*Las misiones jesuiticas de Bolivia*.

Zürich: Pro Helvetia, 1996, p. 90



Figura 5 - Foto remanescentes da igreja de São Miguel das Missões  
Foto: Leonid Streliaev - Arquivo IPHAN



Figura 6 - Arcada, interior igreja de São Miguel  
Foto: Leonid Streliaev - Arquivo IPHAN



Figura 7 - Foto remanescentes da igreja de Trinidad

Foto: Carlos Mordo



Figura 8 - Foto remanescentes da igreja de Jesus, Paraguai

Foto: Carlos Mordo

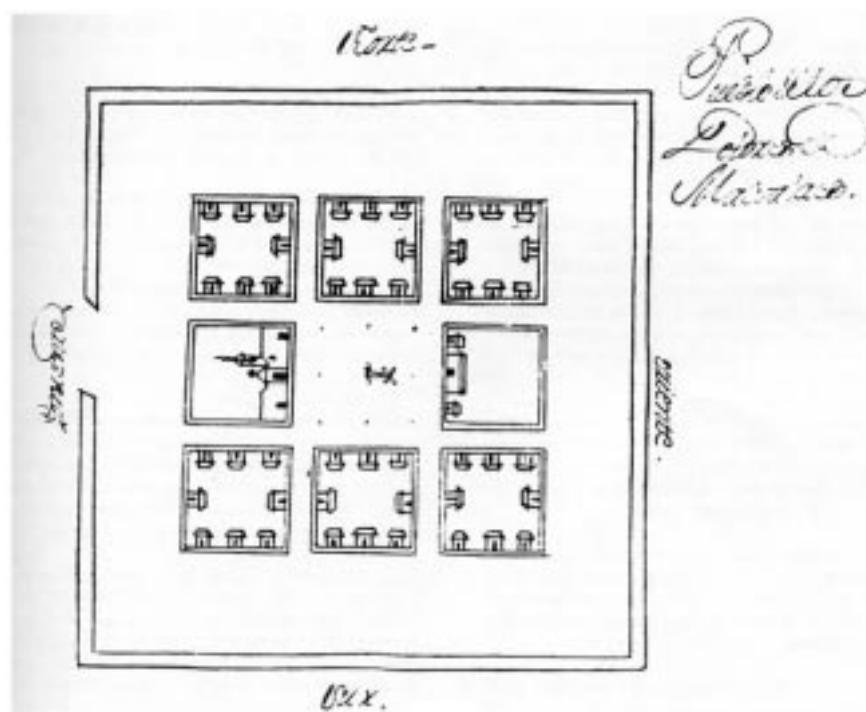
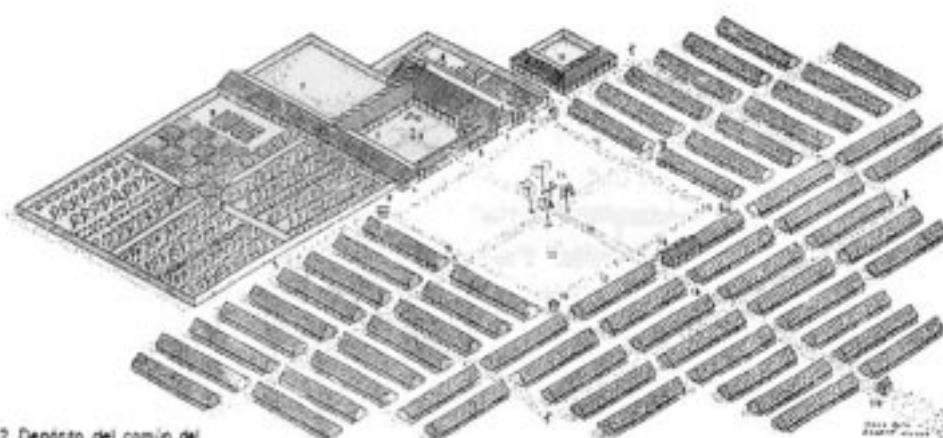


Figura 9 - Pueblo de indios, Argentina

Fonte: MAEDER, Ernesto, GUTIERREZ, Ramon. *Atlas histórico y urbano del nordeste argentino*. Resistencia: CONICET - FUNDANORD, 1994 - p.11



- |    |                                  |   |
|----|----------------------------------|---|
| 1  | 1 Iglesia                        | 12 Depósito del común del<br>pueblo (falta) |
| 2  | 2 Colegio y patio de los padres. | 13 Plaza                                    |
| 3  | 3 Cuadrante                      | 14 Cruz con palmeras                        |
| 4  | 4 Sala de música                 | 15 Capillas y 'Posas'                       |
| 5  | 5 Torno                          | 16 Capilla de San Juan                      |
| 6  | 6 Cementerio                     | 17 Casa de los caciques                     |
| 7  | 7 Talleres y su patio            | 18 Calles                                   |
| 8  | 8 Huerta y muro pérmético        | 19 Manzanas                                 |
| 9  | 9 Secaderos                      | 20 Capilla de Betania                       |
| 10 | 10 Nosa                          | 21 Eje del pueblo                           |
| 11 | 11 Casa de las recogidas         |   |

Figura 10 - Esquema de povoado missionário no oriente boliviano

Fonte: ROTH, Hans. *La habitación indígena en Chiquitos*. In Ruiz, Juan C. *Las misiones del ayer para los días de mañana*. Santa Cruz de la Sierra: El País, 1993, p. 74

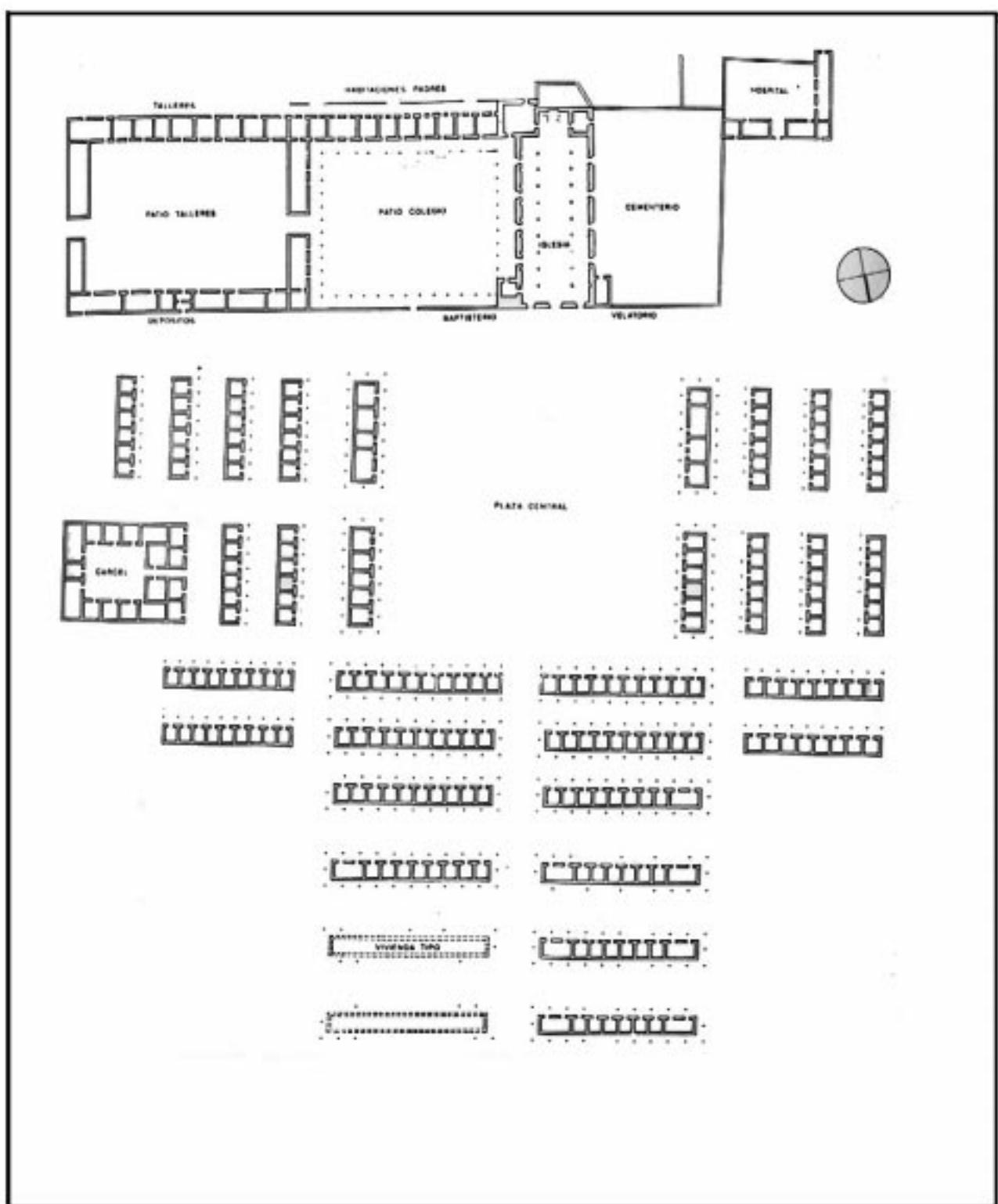
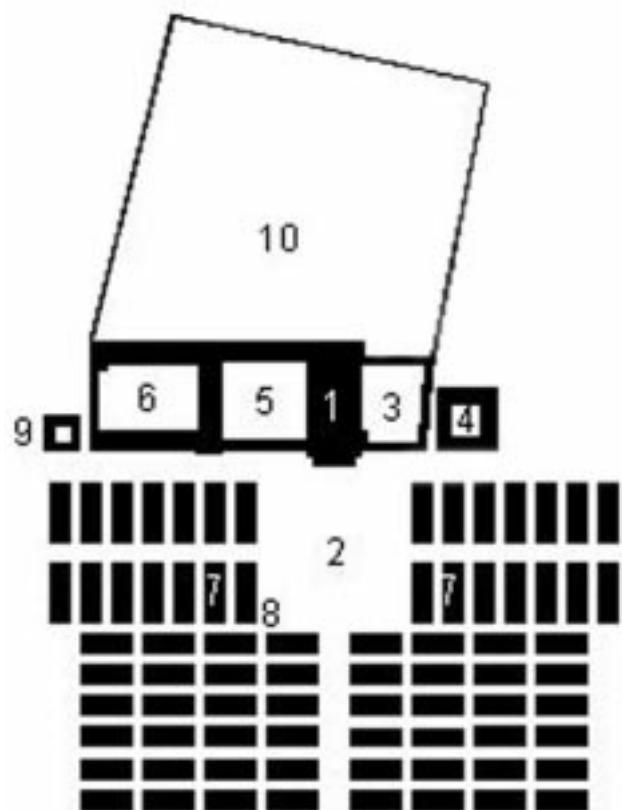


Figura 11 - Plano geral de Santo Inácio Mini, Argentina

Fonte: MAEDER, Ernesto, GUTIERREZ, Ramon. *Atlas historico y urbano del nordeste argentino*. Resistencia: CONICET - FUNDANORD, 1994 - p. 61

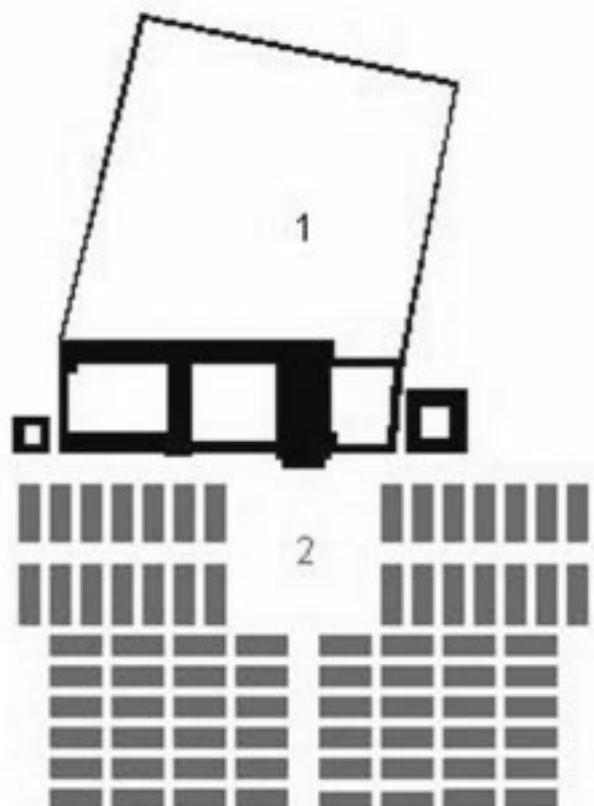
**Figura 12 – São Miguel Arcanjo  
Esquema da Estrutura Urbana**

- 1- Igreja**
- 2- Praça**
- 3- Cemitério**
- 4- Cotiguacú**
- 5- Claustro / Casa dos padres**
- 6- Pátio das oficinas e depósitos**
- 7- Casas dos Índios**
- 8- Cabildo**
- 9- Tambo**
- 10- Quinta**



**Figura 13 - São Miguel Arcanjo  
Esquema dos Componentes da Tipologia Urbana Missionária**

- 1- Primeiro Conjunto**
- 2- Segundo Conjunto**



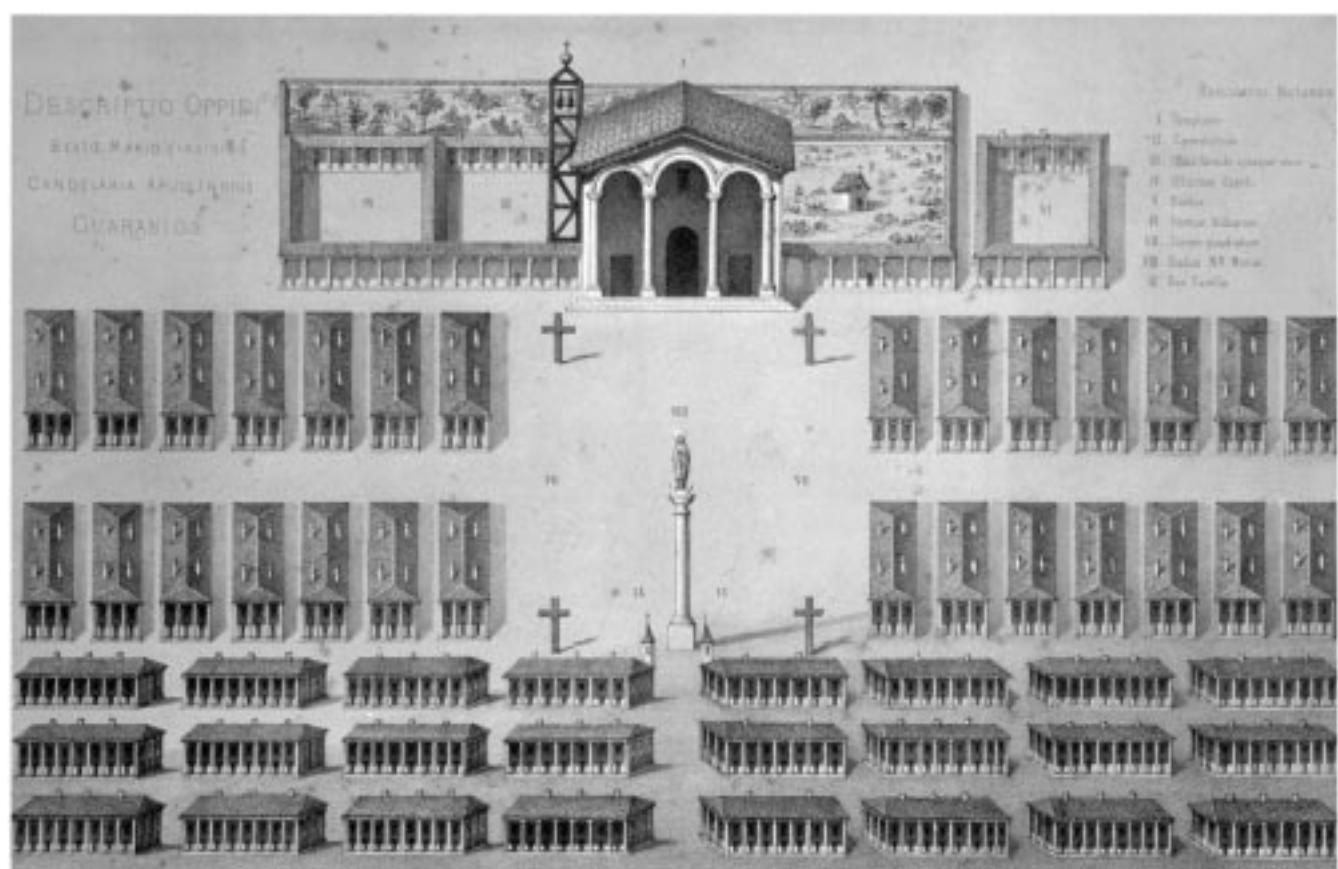


Figura 14 - Redução de Candelária - Argentina  
Arquivo histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro.

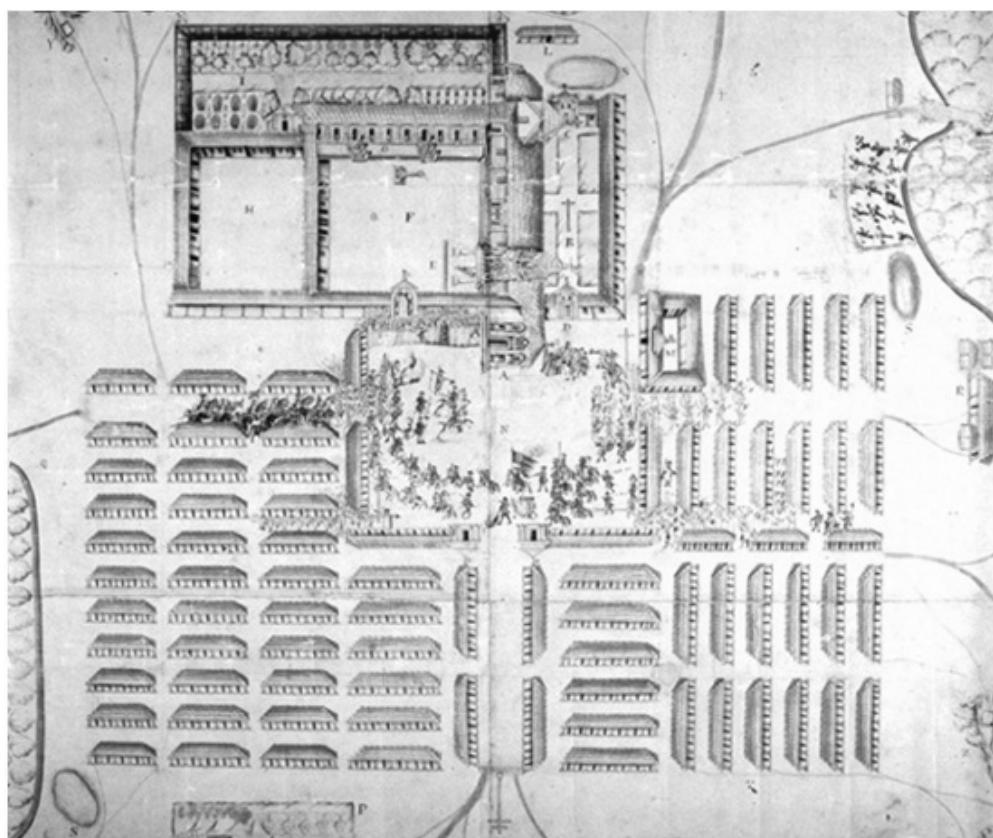


Figura 15 - Redução de São João Baptista  
Arquivo de Simancas - Espanha

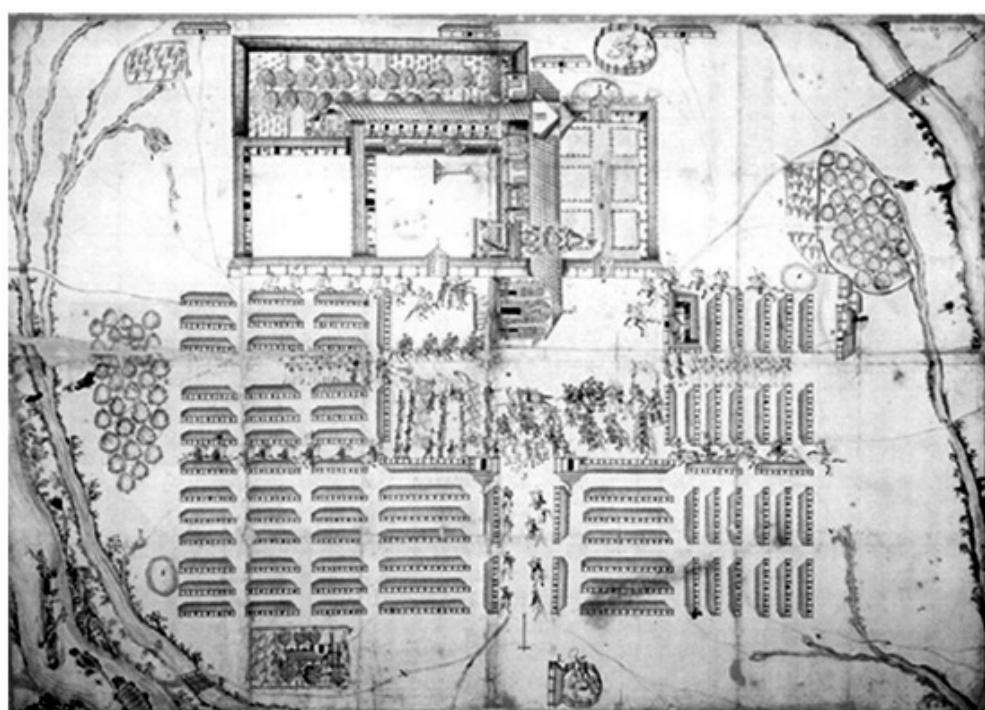
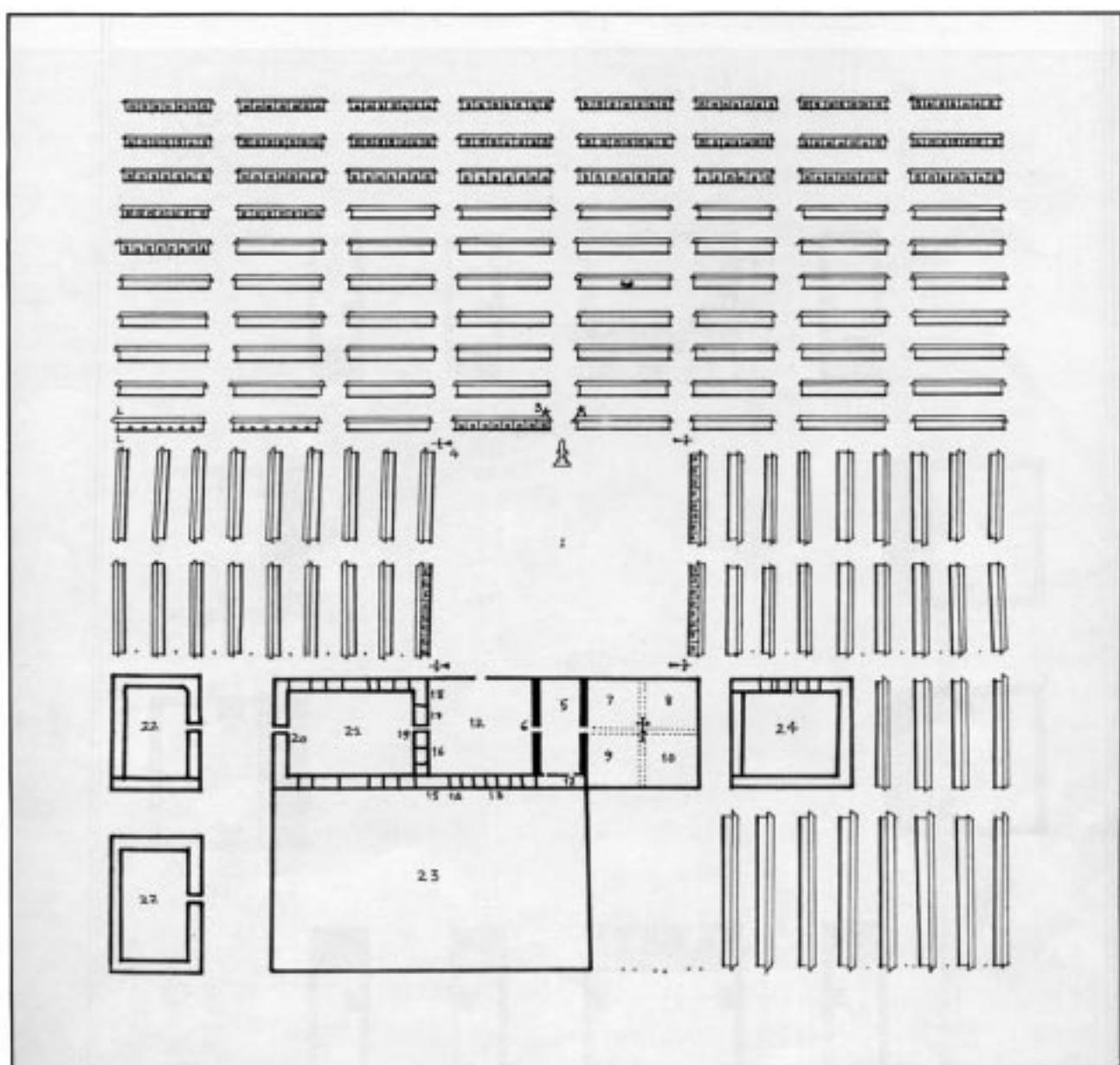


Figura 16 - Redução de São João Baptista  
Biblioteca Nacional da França - Paris



## PLANO TIPO. Referencias:

- 1) La Plaza. 2) El roollo. 3) Dos capillas, donde se velan los difuntos adultos. 4) Cruz. Hay cuatro en las esquinas de la Plaza. 5) La Iglesia, tiene tres puertas a la Plaza y dos a los lados. 6) Puerta al Patio de los Padres. 7, 8, 9 y 10) Divisiones de los Difuntos. En el 7 se entierran los Párvulos, en el 8 las Párvulas, en el 9 los Adultos, en el 10 las Adultas. 11) La Sacristía con dos puertas a la Iglesia. 12) El patio de la Casa de los Padres. 13) Aposentos de los Padres, como los de los Colegios. 14) Anterectorio. 15) Refectorio. 16) Oficinas de los mayordomos y Almacenes del Común. 17) Almacenes donde se guardan las Armas por orden del Rey. 18) Cámara de música y de danzas para la celebración de las fiestas. 19) Puerta que da al patio. 20) Puerta de la entrada anterior al 2º patio. 21) Patio separado de todo. 22) Depósitos del común del pueblo. 23) La huerta de los Padres. 24) La Casa de las Recogidas.

**Figura 17 -** Fuente: MAEDER, Ernesto, GUTIERREZ, Ramon. *Atlas historico y urbano del noreste argentino*. Resistencia: CONICET - FUNDANORD, 1994 - p.21

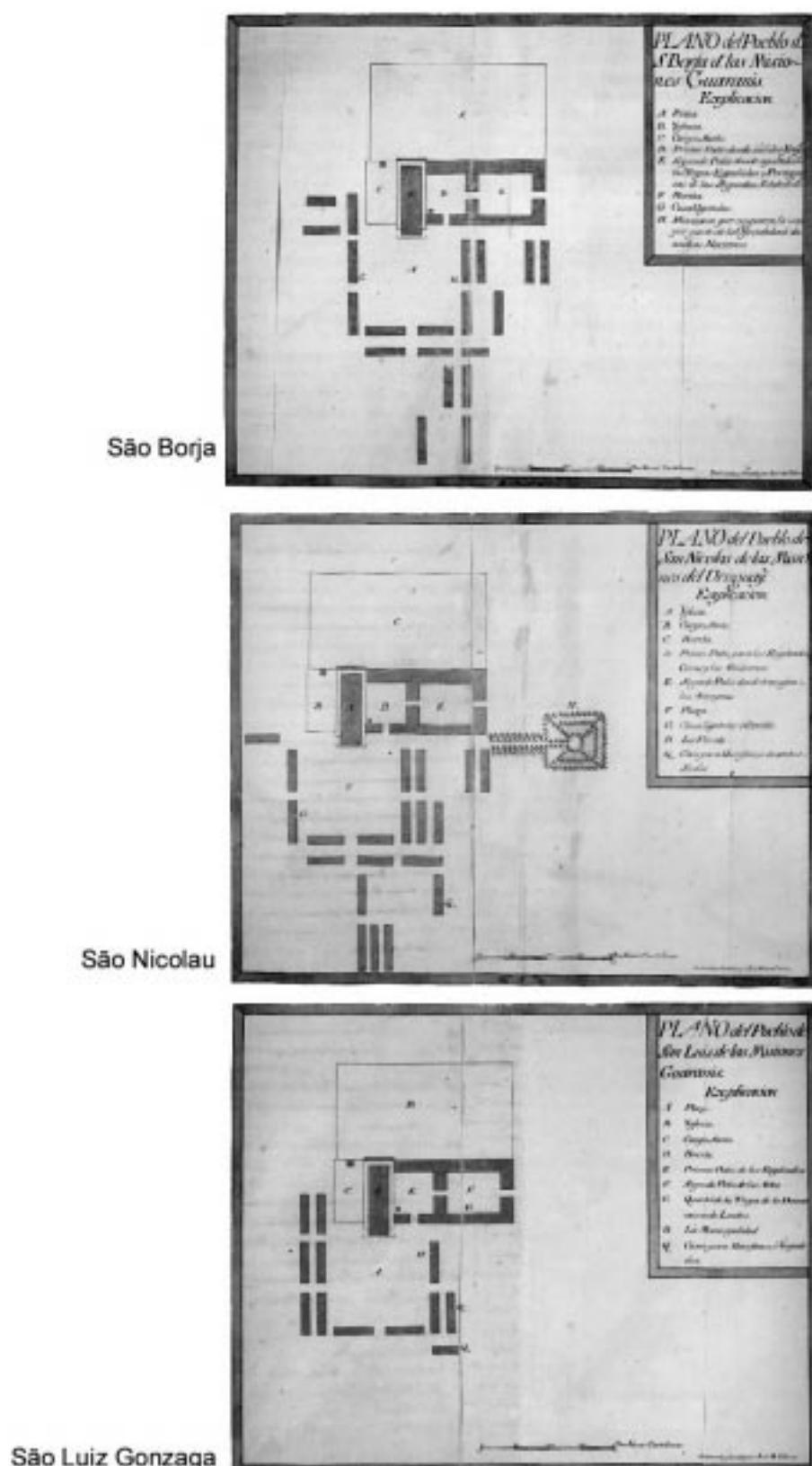


Figura 18

Fonte: CABRER, José M. In ADONIAS, Isa. *Mapa: Imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Odebrecht, 1993, p.321-29.

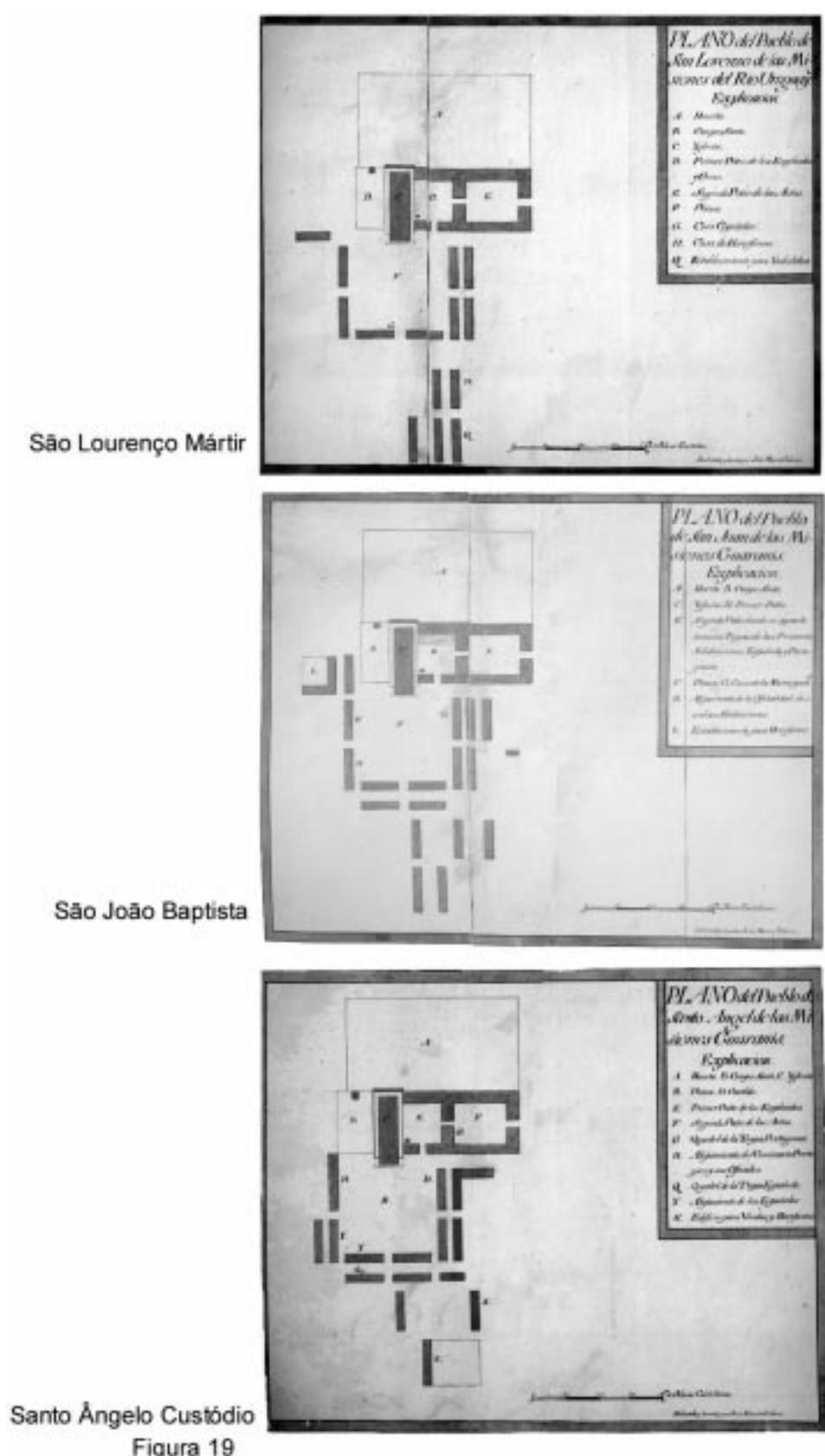


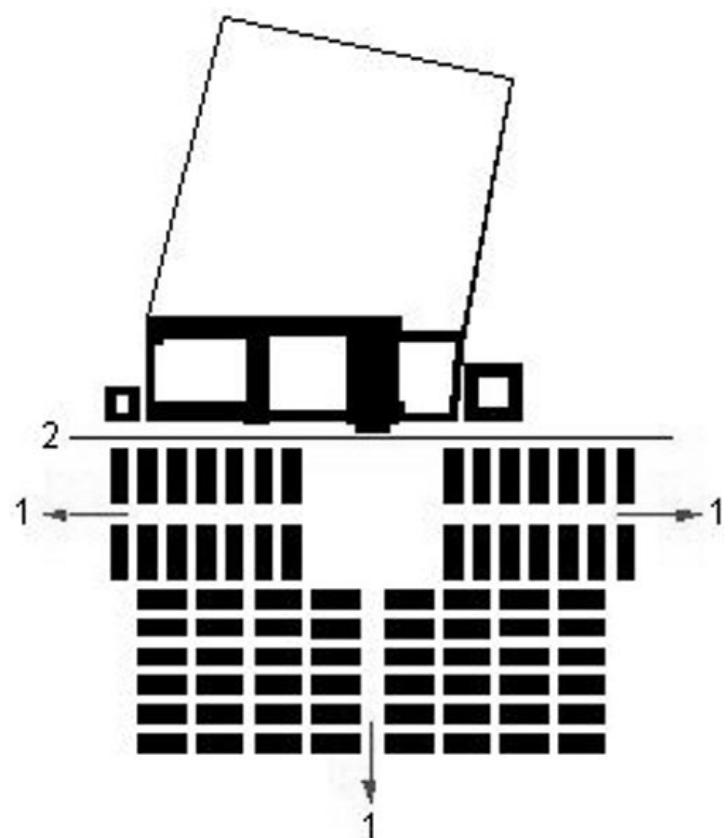
Figura 19

Fonte: CABRER, José M. In ADONIAS, Isa. Mapa: *Imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Odebrecht, 1993. p.321-29.

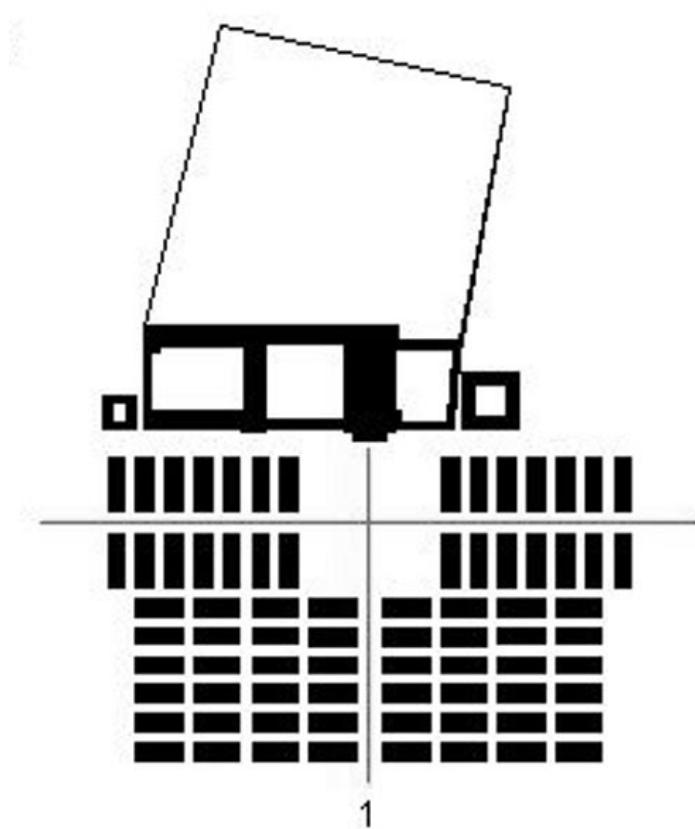
**Figura 20 – São Miguel Arcanjo Esquema de Crescimento**

**1 – Direção de Crescimento**

**2 – Limite / barreira de Crescimento**



**Figura 21 - São Miguel Arcanjo Esquema de Axialidade**



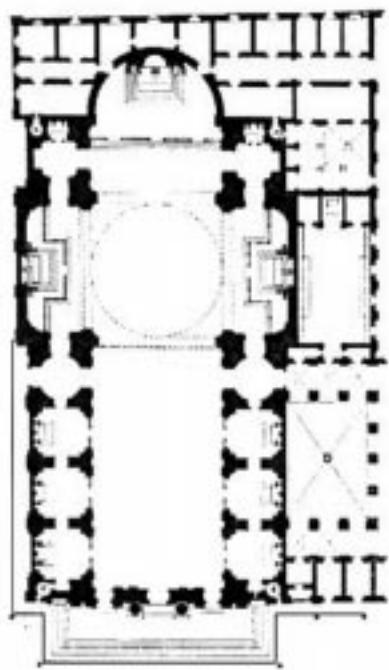


Figura 22 - Igreja de Gesù - Roma  
Projeto de Vignola



Figura 23 - Igreja de São Miguel Arcanjo  
Reconstituição projeto de Primoli

**Figura 24 – Reconstituição Informatizada da Igreja de São Miguel**

**Fonte: Isabel Rocha – Unisinos – IPHAN**



**Figura 25 – Reconstituição  
Informatizada redução de São  
Miguel**  
**Fonte: Isabel Rocha – Unisinos -  
IPHAN**



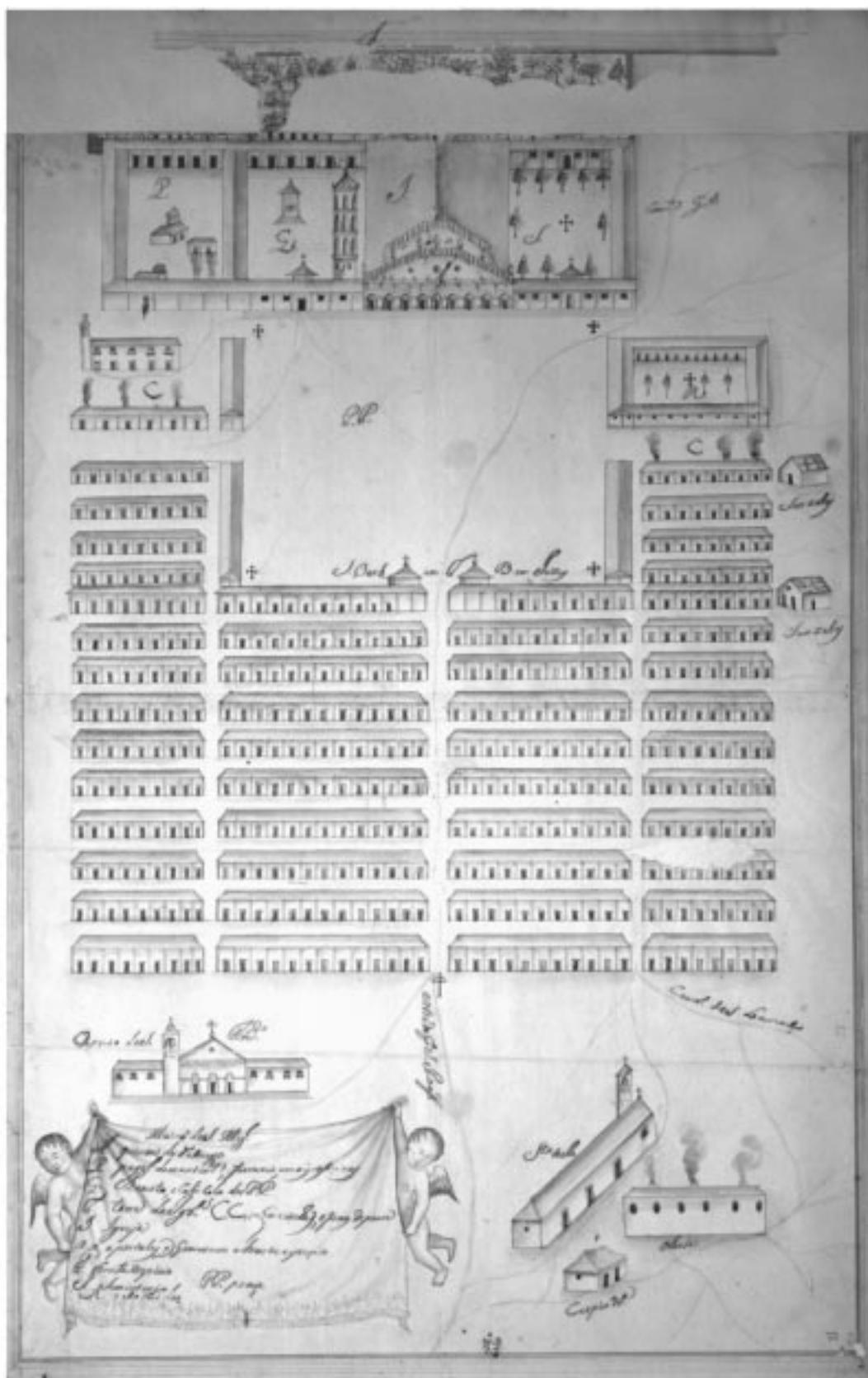


Figura 26 - Risco de São Miguel

Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

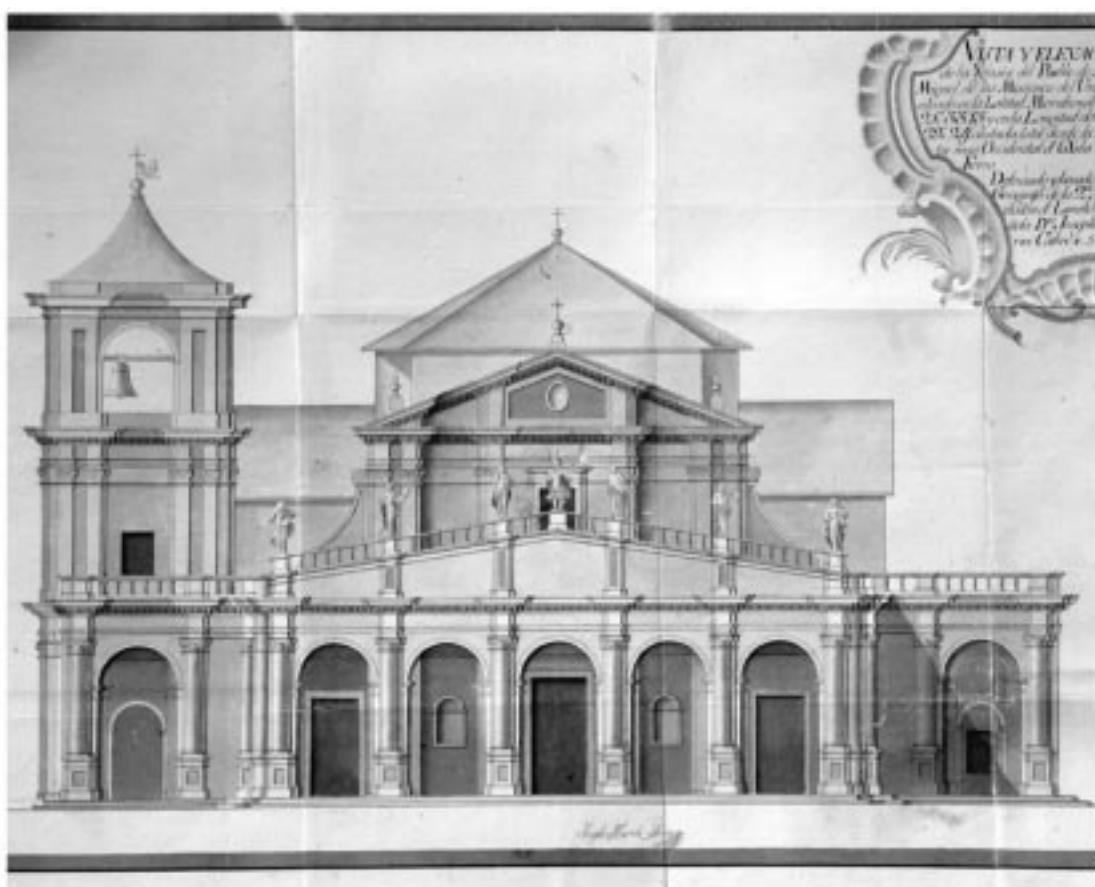


Figura 27 - Vista y elevación de la iglesia del pueblo de San Miguel  
Fonte: Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro



Figura 28 - Vista da igreja de São Miguel em ruínas  
Fonte: Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro

## ANEXO B – ANÁLISE ICONOGRÁFICA

### 1.0 – O *Risco de São Miguel* - Descrição

O *Risco de São Miguel*,<sup>381</sup> obra sem autoria definida, executada em 1756 por *membros do exército português*, é um desenho sobre papel retangular, em sentido vertical, estruturado a lápis, delineado com tinta preta e colorido com aquarela em tons avermelhados, cinzas, verdes, marrons e amarelos. A parte superior do desenho e uma pequena parte localizada no alinhamento da quarta coluna das edificações foram danificadas, provocando perdas na camada pictórica. Seu *suporte*, um fundo neutro, foi recuperado por processo de restauração, permanecendo 88888as lacunas sem a *reintegração* da ilustração.

A descrição desta obra pode ser estruturada em duas partes: uma referente ao *primeiro conjunto*, com igreja, cemitério, claustro, oficinas e depósitos, complementado em sua parte posterior pela quinta dos padres e a outra, formada pelo *segundo conjunto*, com as demais edificações, organizadas ao redor da praça quadrangular.

O primeiro conjunto tem caráter de uma edificação única, murada e *fechada*; onde, com exceção da igreja, os demais componentes se organizam com edificações periféricas ao redor de três pátios intercomunicáveis: o do cemitério, o do claustro e residência dos padres e o das oficinas e depósitos, também denominado dos artífices. Apenas o pórtico da igreja se sobressai do alinhamento deste conjunto. O acesso externo aos pátios é feito por dois portões principais, axialmente dispostos em relação aos mesmos, simétricos em relação à igreja e que são

---

<sup>381</sup> Ver fig. 26 – Anexo A.

marcados por telhados mais elevados, que os vinculam diretamente à praça. As edificações deste conjunto possuem apenas um pavimento, excetuando-se dois trechos na ala sul da residência dos padres e oficinas, que apresentam dois pavimentos. No centro dos dois pátios existem edículas sem uso identificado. No cemitério, localiza-se uma capela na face sul, uma cruz central e arborização. A igreja tem uma ampla cobertura de telhas em duas águas e o seu *frontispício* tem um pórtico com nove arcos, frontão triangular com balaustrada, encimado por imagens. A torre estrutura-se como uma unidade independente localizada no ângulo noroeste do claustro e possui quatro níveis e é coberta por telhado. Atrás deste conjunto localiza-se a quinta dos padres; um espaço amplo e murado onde se identifica vegetação de porte, apesar de não constar na iconografia.

O segundo conjunto é formado basicamente por quatro grupos de blocos de edificações isoladas. Os dois conjuntos laterais possuem 9 aberturas cada um e os centrais 13 e 11, respectivamente. Estes *blocos isolados* estruturam uma malha viária formando ruas retas dispostas ortogonalmente entre si e em relação à grande praça localizada no centro do povoado. O número total de blocos é 51 e o número aproximado de aberturas é 503.

Duas edificações de caráter peculiar destacam-se neste conjunto: uma localizada à leste e outra a oeste da praça, nas proximidades do primeiro conjunto. A primeira, uma edificação sem identificação por legenda, com dois pavimentos e telhado, possui torre lateral encimada por uma cruz. A segunda, identificada como a das *recolhidas* é constituída por uma edificação com quatro blocos organizados em torno de um pátio quadrangular, com arborização e cruz central.

Circundando os quatro lados da praça, organizam-se simetricamente blocos de casas retangulares, todas da mesma tipologia, com uma marcação rítmica de pilares entremeados de portas e com

telhados em quatro águas. Duas delas apresentam três chaminés no telhado e a legenda as identifica como *cozinha e fornos de pão*.

No lado oposto à Igreja, as duas casas fronteiras à praça que demarcam o acesso à rua principal, possuem uma cobertura mais elevada, semelhante às coberturas dos acessos ao cemitério e ao claustro, com uma cruz fixada sobre uma esfera nas cumeeiras. Elas são identificadas como Capelas de Santa Bárbara e do Senhor Bom Jesus.

A praça é constituída por um amplo espaço quadrangular, vazio, com cruzes em seus quatro cantos. As ruas, ortogonais entre si, dão acesso às quatro faces de todas as edificações. Sete ruas conduzem à praça: no sentido leste-oeste, duas ruas paralelas à frontaria da igreja, duas ruas no eixo e duas paralelas à sua face norte. No sentido norte-sul, há uma via principal, no alinhamento do eixo longitudinal da Igreja.

Nas saídas do povoado estão indicadas as estradas que levam a São João Baptista, pela via principal, e a São Lourenço, por uma rua paralela à oeste desta. No início da rua principal, no acesso ao povoado, encontra-se uma cruz de braços duplos.

Além das estruturas circunscritas no perímetro *retangular* do plano, existem outras edificações representadas independentemente. Na área central, à direita, existem duas edificações térreas com telhados em duas águas e a legenda *Senzaly*. No canto inferior direito, três edificações em perspectiva: uma capela com torre, com a legenda *Sta. Tecla*; Uma edificação com três chaminés e seis janelas altas, com legenda *olaria* e uma edificação menor, denominada *carpintaria*. No canto inferior esquerdo, sobre a legenda, encontra-se uma edificação maior, com um corpo central e frontão, três portas e uma torre, encimada por cruzes e dois blocos laterais; identificada como *Ospício Sct. Antº*.

A legenda do plano está disposta no seu canto inferior esquerdo, sobre uma *cartela* representando um tecido com franjas, suspenso por

dois anjos, com as seguintes inscrições:

*Missió de S. Migl.*

*A . Quinta de Recreio*

*P. Paiol de mantimºs e ferraria e mays oficinas*

*Q. Clausto e cobicolo dos PP.*

*T. Torre da Igrª.*

*CC. Cozinha e fornos de pan*

*I. Igreja*

*aa. apostolos que governam o frontespicio*

*F. Frontispicio*

*s. Seminterio PP – Praça*

*R. Recojidas*

### 1.1 – O Risco de São Miguel – Análise

Esta iconografia foi publicada 1982, na revista DANA, número14, por Ramón Gutierrez, que comenta: *Sumo interés documental presenta este plano realizado hacia 1756 por miembros del ejercito portugués en operaciones contra los indios guaraníes.*<sup>382</sup>

Sua análise nos permite levantar a hipótese de que este documento não foi executado *in situ*, mas provavelmente desenhado de memória a partir de informações esquemáticas colhidas em campo. É provável que o autor deste plano também tenha visitado a redução de São João Baptista, o que pode ter originado algumas das confusões.

A estrutura geral contempla os elementos que correspondem às descrições existentes da redução de São Miguel à época; inclusive, ainda há remanescentes preservados de alguns deles.

Porém, a localização de determinadas edificações representadas no desenho não corresponde aos vestígios hoje existentes no sítio, tais como:

O bloco das *Recojidas* ou *cotiguaçú* localiza-se no alinhamento frontal do cemitério e não faz frente à praça como está representado no desenho. A representação gráfica corresponde à localização do cotiguaçú da redução de São João Batista, que era localizado junto à praça.

O mesmo ocorre com a estrutura de dois pavimentos com torre, localizada à esquerda do Plano e não identificada por uma convenção, que acreditamos ter sido o *tambo*. Segundo os remanescentes, também está no mesmo alinhamento do cemitério/claustru, não se localizando a frente destes.

Outra discrepância encontrada refere-se à localização dos blocos das casas dos índios nas laterais leste e oeste da praça. Também aqui os vestígios existentes não correspondem ao desenho. Na realidade estas casas estão orientadas longitudinalmente no sentido norte-sul e não leste-oeste.

Pelo número de aberturas existentes e que segundo a maioria das descrições correspondem ao número de unidades unifamiliares, podemos intuir que a população representada no desenho atinja em torno de 500 famílias, podendo alcançar cerca de 2 500 pessoas.

## 2.0 – *Vista y Elevación de la Iglesia del Pueblo de San Miguel de las Misiones Del Uruguay - Descrição.*

*A Vista y Elevación de la Iglesia del Pueblo de San Miguel de las*

---

<sup>382</sup> GUTIERREZ, 1994, *op. cit.*, p. 27. Em 1978, utilizamos esta mesma iconografia na capa do Plano Diretor de São Miguel.

*Misiones Del Uruguay*<sup>383</sup> é um desenho executado sobre papel retangular, no sentido horizontal, delineado com tinta preta e colorido parcialmente com aquarela em tons cinzas e vermelhos.

Apresenta a elevação frontal da igreja e no canto superior direito uma *cartela* com o título, localização e autor. A obra foi restaurada, mas infelizmente foi guardada dobrada, o que provoca problemas de conservação e dificulta a sua leitura.

A iconografia apresenta no primeiro plano um pórtico com cinco arcos plenos e frontão triangular com pequena declividade, superposto por balaústres. Sobre as seis pilastras frontais, com capitéis, no nível superior dos balaústres, encontram-se imagens sacras. Ao centro, no ápice deste frontão, identifica-se uma sétima imagem, a do arcanjo São Miguel.

Num segundo plano, identificado pela sombra, verificamos a continuidade desta estrutura para os dois lados, com mais um arco, que, no lado do *Evangelho* encobre a base da torre.

Atrás deste *pórtico*, na parte central, observamos no nível superior parte da frontaria da nave, com uma janela central, seis pilastras com capitéis coríntios e, nas laterais, duas *volutas*. Sobre esta estrutura, um segundo frontão, este com inclinação mais acentuada que o anterior, com dois *coruchéus*<sup>384</sup> laterais e um central, encimado por uma cruz. No centro do frontão, um nicho oval, sem nenhuma imagem. O polígono do plano onde se insere o nicho está representado com cor mais escura, como se identificasse uma pintura diferenciada da cor do conjunto da igreja. A representação de sombra neste trecho permite identificar duas faixas verticais simétricas de paredes em curvas, que se reproduzem respectivamente nas cimalhas superior e inferior deste frontão. No nível

<sup>383</sup> Ver figura 27 – Anexo A.

<sup>384</sup> Arremate de estrutura vertical, colocado no ponto mais alto dos telhados, sobre frontões ou cunhais, à semelhança de grimpas ou pináculos. CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos, *op. cit.*, p. 150.

inferior, por entre os arcos do pórtico, se identificam três portas, sendo a central mais larga e mais alta e dois nichos de torre, também vazios. Através o arco lateral do lado direito, da *Epístola*, visualiza-se uma janela retangular.

Num plano posterior verificamos duas estruturas simétricas laterais, com cobertura em duas águas e uma estrutura central que se superpõe ao conjunto, com telhados triangulares e planos, com beiral, arrematados por uma cruz fixada sobre uma esfera no alto da cumeeira.

A torre tem três níveis com cobertura *galbada*<sup>385</sup> em telhas sem beiral. Sobre sua cumeeira, uma esfera e *naveta* com galo e cruz. É estruturada por uma marcação de pilastras duplas, com capitéis coríntios no segundo nível. No terceiro nível, um vão em arco pleno por onde se observa um sino. No segundo, um vão com verga reta e no nível inferior ou térreo, a marcação de um vão com arco pleno. Na *cartela*, disposta no canto superior do desenho se lê:

VISTA Y ELEVACIÓN de la Yglesia del Pueblo de San Miguel de las Misiones del Uruguay, situado en la Latitud Meridional de 28° 33"13' y la Longitud de S 323° 22'24", contada esta desde la Punta más Occidental d la Ysla de Ferro. Deliniado y lavado p'el Geógrafo de la 2<sup>a</sup> Supdivisión de Limites Española D" Joseph Maria Cabrer.

A iconografia apresenta ainda a assinatura do autor no centro inferior da mesma.

## 2.1 – Vista y Elevación de la Iglesia del Pueblo de San Miguel de las Misiones Del Uruguay - Análise:

---

<sup>385</sup> Galbo - o mesmo que contorno elegante, curva agradável, que concorda duas retas concorrentes. Em arquitetura o termo é mais aplicado para designar o perfil resultante da introdução do CONTRAFEITO que amacia o ângulo formado pelos caibros do telhado no momento em que interceptam o plano formado pelos cachorros horizontais. CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos, op. cit., p. 236.

Esta iconografia demonstra em toda sua riqueza de detalhes que seu autor analisou detidamente a igreja em seu conjunto e teve a possibilidade de observá-la por diferentes ângulos a partir da estrutura do próprio prédio; provavelmente da torre e do terraço do pórtico, à época em pleno funcionamento. Apresenta alguns detalhes construtivos que só posteriormente, quando da utilização dos andaimes colocados para a execução do levantamento cadastral da igreja em 1980, foram recuperados.

Aqui podemos verificar a semelhança do partido arquitetônico desta obra com a igreja do mesmo autor realizada na Redução de Santíssima Trinidad, no Paraguai. Na altura do *transepto*, a cobertura da nave central, se interrompe formando três telhados, em cruz: dois laterais que cobrem as alas leste e oeste do transepto e um sobre o altar-mór. Na intersecção destes telhados, era colocada a *cúpula*, cujo interior tantas vezes foi descrito como uma estrutura de madeira em *meia laranja* (do espanhol *media naranja*); A solução técnica utilizada para construir essa *falsa cúpula*, na realidade um *zimbório*<sup>386</sup>, foi a estruturação de um *tambor* octogonal, de paredes aprumadas, cobertas com telhados triangulares planos.

Dentre as peculiaridades que identificam que o autor não mediou esforços para fazer um registro minucioso desta obra está o chanfro das duas bases dos *corruchéus* laterais colocados sobre o frontão da igreja, atualmente de difícil visualização.

No entanto, o seu acesso à torre e ao provável *terraço* do pórtico, não foram suficientes para visualizar e representar as *gárgulas* colocadas nos quatro cantos superiores da torre para escoamento das águas, assim como a base *plana* do nicho oval localizado do centro do frontão superior, o que indicaria ser este um local para colocação de imagem.

---

<sup>386</sup> Parte mais alta e exterior da cúpula de um edifício. CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos, *op. cit.*, p. 479.

Pelo alinhamento da balaustrada na lateral direita do desenho é possível intuir que o *batistério*, localizado atrás da mesma, possuísse cobertura plana.

Na cumeeira da torre verifica-se a *grimpa ou naveta*, inúmeras vezes descrita, com seu famoso *galo prateado* fixado sobre uma esfera. Provavelmente era esta mesma esfera, feita em pedra grês, a que foi encontrada em uma escavação efetuada para consolidar as fundações da torre. O seu elegante telhado *galbado* e sem beiral, corresponde às canalizações periféricas existentes, que conduziam as águas da cobertura pelas mencionadas gárgulas, em forma de leão.

Pelo arco do último nível da torre se observa um grande sino, provavelmente o que hoje se encontra no Museu das Missões. Segundo o Padre Sepp este *sino foi fundido em Santo Tomé pelo índio Gabriel Quiví e pesa quatro mil libras*.<sup>387</sup>

### 3.0 – A Vista da Igreja de São Miguel em Ruínas – Descrição

Esta litografia<sup>388</sup>, com dimensões de 22x32cm foi executada em 1846 pelo viajante francês Alfred Demersay em viagem à região das missões.

Representa uma perspectiva da igreja e de parte da lateral leste, da estrutura externa do claustro. Apresenta estruturas parcialmente arruinadas da igreja, do pórtico e da torre, encobertas por vegetação no solo, nas *cimalhas* e paredes.

Dentre a vegetação no solo observam-se pedras deslocadas e

<sup>387</sup> FURLONG, op. cit., p. 450.

<sup>388</sup> Ver figura 28 – Anexo A.

espalhadas, dentre as quais os degraus do pórtico. Complementam o desenho, três cavalos, sendo dois pretos e um claro.

O desenho apresenta também um trecho da cobertura externa do muro do claustro, com telhado e a estrutura de acesso ao mesmo. É uma edificação quadrangular, em quatro águas, com cumeeira arrematada por uma esfera e abertura em arco pleno, ladeado por pilastras. Sobre o arco de acesso há uma espécie de brasão.

Dentre a vegetação representada, identificamos *tunas*, caraguatás e palmeiras no interior do claustro.

### 3.1 – A Vista da Igreja de São Miguel em Ruínas - Análise

Diferentemente das demais obras analisadas - uma planta e uma elevação - esta iconografia representa em perspectiva parte do conjunto principal da redução de São Miguel, utilizando como ponto de vista o nível do espectador. É um importante documento histórico que retrata o período do abandono da redução.

Avaliando este trabalho podemos concluir que apesar da existência de alguns problemas, que também podem indicar a coleta de dados em campo e sua finalização em outro local, ela acrescenta algumas importantes informações para a descrição morfológica das edificações representadas.

Como resultado do abandono que retrata, verifica-se a ausência da cruz central do frontão da Igreja, a existência de rachaduras na torre, o desaparecimento do trecho do pórtico que encobria a base da torre e de alguns balaústres do trecho central do frontão.

Os aspectos que não correspondem aos vestígios existentes são uma janela quadrangular e um vão em arco na base da torre; os capitéis

do terceiro nível da mesma torre, além da falta do nicho central do frontão da Igreja e de sua janela central.

Pela iluminação existente no interior do pórtico é provável que o mesmo, ao menos parcialmente, já pudesse ter ruído, o que não havia ocorrido com a verga do lado do evangelho, que está representada ainda intacta.

Por outro lado, a iconografia reforça a informação de que a Igreja era *branqueada*, o que é evidenciado no desenho em trechos mais claros, como que *pintados de branco*, no pórtico e na torre.

Evidencia também a (má) solução do encontro do telhado do claustro com a face lateral leste da torre, assim como a elevação do nível do piso de todo o conjunto central, por meio de degraus, confirmando o que está representado da iconografia de 1756.

Pela integridade dos remanescentes, principalmente das suas estruturas mais baixas, pode-se deduzir que a região ainda não havia sido ocupada por imigrantes europeus, que foram os principais responsáveis por desmontar grande parte das construções missionárias para utilizar seus materiais nas novas edificações.

## 8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADONIAS, Isa. *Imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.
- AGUILERA ROJAS, Javier e MORENO RELAX, Luis J. *Urbanismo Español en América*. Editora Nacional, Madrid, 1973.
- ARAÚJO, José Antônio Andrade. *A Quadra Perfeita: um Estudo sobre a Arquitetura Rural Jesuítica*. Niterói, UFF,2000.
- ARGAN, Giulio C. *El concepto del espacio arquitectónico desde el barroco hasta nuestros días*. Buenos Aires:Nueva Visión, 1966.
- ARMANI, Alberto. *Ciudad de Dios y Ciudad del Sol*. México: Fondo de Cultura Económica. 1996.
- ARTEAGA ZUMARÁN, Jan José. *La urbanización hispano americana en las Leyes de Indias*. In. *La ciudad Iberoamericana*. Madrid: MOPU, 1985.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. São Paulo: EDUSP,1980.
- AYMONINO, Carlo. *El Significado de las ciudades*. Madrid:Blume, 1981.
- BACCHI, Luiz Carlos e FALCALDE, Ivanira. *O espaço do índio na Província Jesuítica do Paraguai*. Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Unijuí, 1989.
- BARCELOS, Artur H.F. *Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas: O caso de São João Batista*. Coleção Arqueologia. EDIPUCRS. Porto Alegre. 2000.
- BAYON, Damian. *Quelques considérations sur la fondation des villes hispano-américaines*. In. MALVERTI, Xavier. PINON, Pierre (Coord.). *La ville régulière, modèles et tracées*. Paris: Picard, 1997.
- BENÉVOLO, Leonardo. *A história da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- BONET CORREA, Antonio. *Morfología y ciudad*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1978.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *El Urbanismo en España e Hispanoamérica*. Ediciones Catedra, Madrid, 1991.
- BRANDI, Cesare. *Disegno dell'architecttura italiana*. Torino: Einaudi,1985.

- BRUXEL, Arnaldo, S.J. *Gomes Freire de Andrada e os guaranis dos Sete Povos das Missões em 1751-1759*. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1965.
- BUZANICHE, Hernán. *La arquitectura en las misiones jesuíticas guaranies*. Editorial Santa Fé, Santa Fé, 1955.
- CALVO, Luiz Maria. *La Compañía de Jesus en Santa Fe*. Ediciones Culturales Santafesinas, Santa Fé, 1993.
- CARBONELL, Rafael de Masi. *Estrategias de desarrollo rural en los pueblos de Guaraníes*. Barcelona: Antoni Bosch, 1992.
- CARVALHO e MELO, Sebastião José de. *República jesuítica ultramarina*. Transcrição da primeira edição de Lisboa 1757, Martins Livreiro, Porto Alegre, 1989.
- CASTRO, José Liberal de. *Igreja Matriz de Viçosa no Ceará. Arquitetura e pintura do forro*. Fortaleza: Edições IPHAN/UFC, 2001.
- CHOAY, Françoise. *A Regra e o Modelo*. Coleção Estudos. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1980.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *O Urbanismo: utopias e realidades*. Coleção Estudos. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1998.
- CHUECA GOITIA, Fernando. *Breve história do urbanismo*. Madrid:
- COIBRA, Isabela. *História e Arquitetura das Missões Jesuítico - Guaranís: Um estudo de caso no núcleo urbano da Redução de São Miguel Arcanjo*. Tese de Mestrado, CPJ – História, PUCRS, 1992.
- CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos A.C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Companhia das Artes, 1998.
- COSTA, Lucio. *Os Sete Povos das Missões*. In: A Visão do Artista – Missões 300 Anos - Catálogo da exposição. São Paulo: Prêmio, 1997.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *A arquitetura dos jesuítas no Brasil*. In. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 26, Rio de Janeiro:IPHAN.1997.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. Brasília, DEPHA, GDF, 1991.
- CUNHA, Jacinto Rodrigues da. *Diário da Expedição de Gomes Freire de Andrada às Missões do Uruguai (1ª Parte)* Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 16 (10):137-258, 2º trimestre. 1853.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. (Conclusão). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 16 (11): 259-231, 3º trimestre. 1853.
- CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. *Diretrizes para o desenvolvimento físico de São Miguel das Missões*. Porto Alegre: SURBAM/CEDRO, 1988.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. São Miguel Arcanjo, Levantamento cadastral. Ministério da Cultura, IPHAN, Porto Alegre, 1994.

DE ALBITE SILVA, Sergio C. *Legenda domino tesorum ourum*. Rio de Janeiro: FCRB, 1994.

DE CURTIS, J.N.B. *O Espaço Urbano e a Arquitetura produzidos pelos Sete Povos das Missões*. In: WEIMER, G. A Arquitetura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1993.

DELSON, Roberta Marx. *Novas Vilas para o Brasil Colônia*. Brasília: Alva Ltda., 1998.

EISENBERG, José. *As Missões Jesuíticas e o Pensamento Político Moderno*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ESTERAS, Cristina e GUTIERREZ, Ramón. *La misión de Julí y su influencia em las misiones de Paraguay*. Revista Dana, Nº17, Buenos Aires.

FLORES, Moacyr. *Colonialismo e missões jesuíticas*. Porto Alegre: EST, 1983.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREITAS, Décio. *Utopia missioneira*. In TAVARES, Eduardo. 1999. op. cit., p. 63-4.

FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. Ciudad de Mexico: Tierra Firme, FCE, 1999.

FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*,. Buenos Aires, (Imprenta Balmes),1969.

\_\_\_\_\_. *Los Jesuitas y la cultura rioplatense*. Montevideo, Ediciones Universidad del Salvador, Buenos Aires, Buenos Aires, 1984.

GALILEANO, Ana M. *Las reducciones guaraníticas*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas. 1979.

GIEDIEON, Siegfriedo. *Espacio, tiempo y arquitectura, el futuro de una nueva tradición*. Madrid: Dossat, 1978.

GONZALEZ, Luis Rodolfo e VARESE, Susana Rodríguez. *Guaraníes y paisanos*. Montevideo: Nuestra Tierra, 1990.

GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica*. Passo Fundo: EDIUPF. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS,1998.

GRAELL, Francisco. *O passado missioneiro no diário de um oficial espanhol*. EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 1998.

GUTIERREZ, Ramón. *Estructura socio-política, sistema productivo y resultante espacial en las misiones jesuíticas del Paraguay durante el siglo XVIII*. Asunción, Estudios Paraguayos, Vol. II, nº 2, 1974.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *La misión del Juli y sus influencias en las misiones del Paraguay*. DANA Nº17, Resistencia, 1984.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *As Missões Jesuíticas dos Guaranis*. Fundação Pró-Memória, Unesco. Rio de Janeiro, 1987.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Apuntes sobre la doctrina de July y su influencia em la genesis de las Misiones de Guaranies.* In Anales del Primer Simposio sobre las tres primeras decadas de las Misiones Jesuiticas de Guaranies, Buenos Aires, 1987.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Arquitetura e Urbanismo em Ibero-America.* Madrid: Cátedra.1992.

HARDOY, Jorge E. e SCHAEDEL, Richard P. *Asentamientos urbanos y organización socioproductiva en la historia de America Latina.* Buenos Aires: SIAP, 1977.

HAROUEL, Jean-Louis, *História do Urbanismo.* Campinas, SP: Papirus, 1990.

ISABELLE, Arséne. *Interior de São Pedro.* In: \_\_\_\_\_. *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: SEC, 1946.

JANEIRA, Ana Luisa e MACEDO, Ana Paula. *Natura, Cultura e Ciência nas Missões Guaranis.* Braga, Portugal, in Revista Portuguesa de Humanidades, Volume III, Faculdade de Filosofia, 1999.

KERN, Arno A. *Missões, uma Utopia Política.* Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Utopias e missões jesuíticas.* Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Análise do Plano Urbano das Missões Jesuítico-Guaranís: um estudo comparativo com os mosteiros medievais.* Anais das VI Jornadas Internacionais sobre as Missões. Cascavel, Edunioeste, 1998.

KÜHNE, Eckart. *Las misiones Jesuiticas de Bolivia Martín Scmidt 1694-1772.* Pro Helvetia, Zürich, Santa Cruz de la Sierra, Bolivia, 1996.

LEAL, Fernando Machado. *São Miguel das Missões – estudo de estabilização e conservação das ruínas da igreja.* Revista do IPHAN, n.19, Rio de Janeiro, 1984.

LEÓN, Aurora. *El barroco – Arquitectura y urbanismo.* Madrid: Anaya, 1991.

LUZ, Maturino. *Lucio Costa no Sul: o Museu das Missões.* In Arquitetura, História e Crítica - Revista da Faculdade de Arquitetura Ritter dos Reis, nº2. Porto Alegre, 2000.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade.* São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MAEDER, Ernesto J. *La población de las misiones después de la expulsión de los jesuitas.* In: SIMPOSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIONEIROS, 4, Santa Rosa, 1981. Anais. Santa Rosa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1983.

MAEDER, E. & GUTIERREZ, R. *Atlas histórico y urbano del nordeste argentino.* Resistencia, IIGH, 1994.

MANUSCRITOS DA COLEÇÃO DE ANGELIS (Série). Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1951-69.

MARX, Murillo. *Cidade Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

MAYERHOFER, Lucas. *Reconstituição do Povo de São Miguel das Missões*. Tese de Concurso, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1947.

MELIÁ, Bartomeu, *Los Guaraní Chiriguano - Nuestro Modo de Ser*. CIPCA, La Paz, 1988.

\_\_\_\_\_, *Y la utopía tuvo lugar...* In. *Un camino hacia la arcadia*. AECI, Madrid, 1995.

MESA, Jose de. *Glosario Mínimo de Arquitectura*. Cuzco, Perú. Centro de Investigación Y Restauración de Bienes Monumentales, INC, 1978.

MONTOYA, Antônio Ruiz de. *Conquista Espiritual*. 1ª edição brasileira, Porto Alegre, Martins Livreiro, 1985.

MORALES, P. Martín M. SJ. *Historia del 'Institutum Historicum Societatis Iesu'*. Perspectivas e interdisciplinariedad. In Anais de Encontro Patrimonio Jesuitico. Buenos Aires: CICOP, 1999

MUNFORD, Lewis. *A cidade na história, suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes/UNB, 1982.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *El significado de la arquitectura occidental*. Buenos Aires:Summa, 1980.

PANERAI, Philippe et al. *Elementos de análisis urbano*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1983.

PARKER, Geoffrey. *Felipe II*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 3ª ed., Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy e TREVISAN, Armindo. *Os Sete Povos das Missões – Guia Didático*. Porto Alegre, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, s.d.

PINHEIRO, José Feliciano Fernandes, Visconde de São Leopoldo. *Anais da Província de São Pedro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Selbach, 1954. 2v.

PREISS, Jorge H. *A Musica nas missões Jesuíticas nos séculos XVII e XVIII*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1988

RABUSKE, Arthur, S.J. *A Carta-magna das reduções do Paraguai*. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo, 1978.

\_\_\_\_\_. *O Modelo das reduções guaranis: peruano ou brasileiro?* In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIONEIROS, 2, Santa Rosa,

1977. Anais. Santa Rosa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1983.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil – 1500/1720*. Tese de Concurso. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1964.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: EDUSP, 2000.

RIBEIRO, Darcy. *A América e a Civilização*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ. 1977.

ROCHA, Isabel A. M. *Os programas de computador e o processo de projeto na construção do conhecimento arquitetônico – analogia entre operadores computacionais e de projeto*. Dissertação de mestrado em Arquitetura/ PROPAR. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Cosmos: Lisboa, 1977.

SÁ, Simão Pereira de. *História topográfica e bélica da nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata*. Porto Alegre: Arcano 17, 1993.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. Rio de Janeiro: Ariel, 1935. 295p.

SANDOVAL, Humberto S.J. *Misiones Jesuicas de Paraguay*. In. Arquitectura Americana. N° 001. Santiago do Chile: FPAA, 1992

SANTOS, Paulo. *Formação de cidades no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. *Os primitivos habitantes do Rio Grande do Sul*. Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missionários (1977). Santa Rosa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, s.d., p.p 50-60

SEPP S.J., Antônio, *Viagem às missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

SILVA, Guilhermino César da. *Gabriel Ribeiro de Almeida: a tomada dos Sete Povos das Missões*, In: \_\_\_\_\_. Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul, 1605-1801. Porto Alegre, Universidade federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia, 1969.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. *As Missões Orientaes e seus antigos domínios*. Porto Alegre: Universal, 1910.

Site - internet: [www.missoes.iphan.gov.br](http://www.missoes.iphan.gov.br)

SOUZA, José Otávio Catafesto de – *O fantasma das brenhas: etnografia, invisibilidade e etnicidade de populações originárias no sul do Brasil (RS)*, PPGAS – UFRGS, 1998.

STEFANO, Roberto di et alli. *Per la conservazione delle missiones Guaranie*, in Revista Restauro, 56,57,58, Napoli, 1981.

- STROHER, Eneida R. (Org.) *O tipo na arquitetura*. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.
- SPALDING, Walter. *Borges do Canto, o conquistador das Missões*. Revista de História, São Paulo, 1967.
- TAVARES, Eduardo. *Missões*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.
- TAVARES, Rosauro. Ruínas dos Sete Povos das Missões. *Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1928.
- TERÁN, Fernando. *La Ciudad Hispanoamericana - El Sueño de un Orden*. Madrid: CEHOPU, 1989.
- TESCHAUER, Carlos, S.J. *Perda e Reconquista das Missões*. In: ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e beduínos*. 2.ed.ver.aum.Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.
- TURKIENICZ, Benami., org. *Desenho Urbano 1 – Cadernos Brasileiros de Arquitetura 12*. São Paulo: Projeto, 1984.
- VIÑUALES, Graciela M. *Características urbanas de las misiones jesuíticas*. In Patrimônio Jesuítico. Buenos Aires: CICOP, 1997.
- VELLINHO, Moyses de Moraes. *Os Jesuítas no Rio Grande do Sul*. In. FUNDAMENTOS da Cultura Rio Grandense. Quarta Série. Porto Alegre: UFRGS, 1960.
- WEIMER, Günter. (Org). *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EDUFRGS, 1992.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *A Arquitetura*. Porto Alegre, EDUFRGS, 1992.
- YUJNOVSKY, Oscar. *La estructura interna de la ciudad. El caso latinoamericano*. Buenos Aires: SIAP, 1971.
- YUNES, Gilberto Sarkis. *Cidades reticuladas: a persistência do modelo na formação da rede urbana do Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU - USP, 1995.